



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



MÁRCIO DOS SANTOS DO NASCIMENTO

A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL:
o Ensino de História para além da sala de aula.

ANANINDEUA-PA

2024

MÁRCIO DOS SANTOS DO NASCIMENTO

A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL:

o Ensino de História para além da sala de aula.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa.
Coorientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet.

ANANINDEUA-PA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

N244o Nascimento, Márcio dos Santos do.
OLIMPIADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL : o
Ensino de História para além da sala de aula / Márcio dos
Santos do Nascimento. — 2024.
128 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa
Coorientação: Profª. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional
em Ensino de História, Ananindeua, 2024.

1. Educação Básica, ONHB, Olimpíada, História do
Brasil, Ensino de História, Aluno-Pesquisador,
Protagonismo, Sala de Aula, Espaços Virtuais. I. Título.

CDD 300.9

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
 MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE MARCIO DOS SANTOS DO NASCIMENTO

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa e banca examinadora constituída por Profa. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet (Coorientadora), Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva e Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva, reuniu-se no dia 11 de novembro de 2024, às 15:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando **MARCIO DOS SANTOS DO NASCIMENTO** intitulada: "**A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL: o Ensino de História para além da sala de aula**". Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito **EXCELENTE** pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

Documento assinado digitalmente
 **RENATO PINHEIRO DA COSTA**
 Data: 11/11/2024 09:13:48 -0300
 Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa/Altamira/ UFPA
 Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ELIANE CRISTINA SOARES CHARLET**
 Data: 11/11/2024 09:19:22 -0300
 Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet FAHIS/ Bragança/ UFPA
 Coorientadora

Documento assinado digitalmente
 **DÁRIO BENEDITO RODRIGUES NONATO DA SILVA**
 Data: 11/11/2024 17:00:47 -0300
 Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva
 Membro Externo da Banca / FAHIS Bragança/ UFPA

Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva/ PPGEH/ UFPA
 Membro da Banca

Documento assinado digitalmente
 **WESLEY GARCIA RIBEIRO SILVA**
 Data: 11/11/2024 15:11:26 -0300
 Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Dedico a obtenção do título de Mestre em Ensino de História à minha família, Ericka Nascimento (esposa amada), Erick Nascimento (filho amado) e Fernanda Nascimento (filha amada), pois sem vocês nada em minha vida faria sentido. Amo vocês e obrigado por tudo.

AGRADECIMENTOS

Ao Bom Deus, que me proporciona o dom da vida e da paz.

À minha amada família: minha esposa Ericka Nascimento e meus filhos Fernanda Nascimento e Erick Nascimento. Por vocês tentarei fazer o melhor, mesmo não sendo perfeito. À minha amada esposa que carinhosamente a chamo de “Amor”: obrigado, pois sempre foi você ao meu lado em todos os dias para que esse nosso sonho chegasse a sua realização e materialidade. Você me traz toda inspiração e incentivo que preciso para buscar o impossível. Com você tudo em minha vida fica leve, fácil e cheio de amor. Te amo.

Aos meus pais, Fernandinho (que me olha lá do céu) e minha mãezinha Walda, obrigado por tudo que aprendi com vocês, não poderia ter outros pais. Vocês criaram os pilares para a minha vida, para sempre e por todo o sempre amarei vocês. Ao meu irmão Maurício Ricardo e ao meu sobrinho Rudd Anaisse, bases fortes.

À minha sogra Maria do Socorro que posso chamar, carinhosamente, de segunda mãe. À minha cunhada Ellen Bernabé, “minha irmã” e seu grande esposo e meu amigo, Fábio Bernabé, e, é claro, aos meus afilhados amados, Miguel e Maria.

Ao meu sogro e grande professor, Ericksson Barbosa, e sua família: Karla Dias e Duda (minha ex-aluna). E, em especial, à matriarca Dona Francisca de Sales.

Ao grande amigo, Paulo Bengtson, e sua esposa, Camila Soeiro, uma amizade cheia de Bênçãos que ficará em minha vida para sempre. Ao grande amigo, Heitor Macedo, sempre com frases reflexivas e boas conversas. Aos amigos da UEPA: Cynara Arêas e Leonardo Paiva, Renata Brasil e Clayton Brasil, Soliane Guimarães e Everton Guimarães, os quais representam a amizade rara tanto defendida por Aristóteles.

Aos amigos e amigas do mestrado.

À professora Dra. Edilza Fontes, nossa referência no “ProfHistória”. Ao professor Dr. e Coordenador Adilson Brito e ao professor Dr. e Vice-Coordenador, Cleudir Moraes, sempre capazes de ensinar o supassumo da História. À professora e amiga, Dra. Eliana Ramos, um universo de sabedoria no mundo amazônico.

Ao Orientador, professor Dr. Renato Costa, pela sensibilidade em ajudar quando se mais precisa. À Coorientadora, professora Dra. Eliane Charlet, por me apoiar e encorajar na construção desse trabalho, quando até eu não sentia forças para seguir. À Banca de Qualificação que foi incrível nas recomendações e sugestões. À equipe de professores do “ProfHistória” e aos servidores da UFPA, em especial, à secretária Ana Alice Vilhena.

Aos colégios Physics e Universo que permitiram que esta pesquisa fosse realizada.

A todos os meus amigos e meus familiares, muito obrigado.

"Eu e o silêncio da sala, leio e penso. Ninguém me fala do luar que há lá fora. Hora a hora a vida passa, como uma carícia... E eu, no silêncio, da sala... Silêncio".

(Dalcídio Jurandir).

RESUMO: Este trabalho investiga o Ensino de História como processo de produção de conhecimento a partir da participação de alunos na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB). Busca-se compreender se a pesquisa desenvolve habilidades não apenas em sala de aula, mas também em outros espaços de aprendizagem. Criada em 2009 pela Unicamp, a ONHB tem como objetivo incentivar o estudo e a pesquisa em História do Brasil, promovendo a integração entre escolas, professores e alunos. A pesquisa foi realizada em duas escolas particulares de Belém do Pará, envolvendo alunos participantes e não participantes da ONHB. Utilizou-se questionários discursivos para investigar a percepção dos estudantes sobre o Ensino de História e a influência da competição em suas formações. A análise centrou-se em identificar como a utilização de fontes e documentos históricos estimula debates críticos e abordagens temáticas variadas, promovendo a argumentação reflexiva e o protagonismo dos alunos tanto em sala de aula quanto na competição. Ademais, buscou-se compreender como alunos não participantes percebem o valor do saber histórico e o impacto da ONHB no desenvolvimento de seus colegas. A problemática levantada parte da perspectiva de mudança de comportamento dos participantes da ONHB, questionando se as aulas de História em sala de aula limitam a capacidade crítica dos alunos. Outros questionamentos incluem: o distanciamento entre Ensino de História na Educação Básica e a pesquisa acadêmica; se as aulas de História estão defasadas, conteudistas ou menos atrativas; e qual o papel do professor em promover o protagonismo discente? Os resultados apontam que a ONHB desempenha um papel fundamental na transformação do Ensino de História no Brasil, ampliando interpretações históricas, desenvolvendo criticidade e promovendo habilidades de pesquisa nos estudantes. A competição destaca-se por estimular a investigação e a reflexão crítica sobre o passado e o presente. Em síntese, a ONHB promove uma educação participativa e significativa.

Palavras-chaves: Educação Básica, ONHB, História do Brasil, Ensino de História, Aluno-Pesquisador, Espaços Virtuais.

ABSTRACT: This study investigates History Education as a process of knowledge production through the participation of students in the Brazilian National History Olympiad (ONHB). It seeks to understand whether research develops skills not only in the classroom but also in other learning spaces. Created in 2009 by Unicamp, the ONHB aims to encourage the study and research of Brazilian History, promoting integration among schools, teachers, and students. The research was conducted in two private schools in Belém, Pará, involving both participants and non-participants of the ONHB. Discursive questionnaires were used to investigate students' perceptions of History Education and the influence of the competition on their development. The analysis focused on identifying how the use of historical sources and documents stimulates critical debates and varied thematic approaches, promoting reflective argumentation and students' protagonism both in the classroom and in the competition. Additionally, it sought to understand how non-participating students perceive the value of historical knowledge and the impact of the ONHB on their peers' development. The problematization arises from the perspective of behavioral changes among ONHB participants, questioning whether classroom History lessons limit students' critical capacity. Other inquiries include: the gap between History Education in Basic Education and academic research; whether History classes are outdated, overly content-driven, or less engaging; and what role teachers play in fostering student protagonism. The results indicate that the ONHB plays a fundamental role in transforming History Education in Brazil, broadening historical interpretations, developing critical thinking, and fostering research skills in students. The competition stands out by encouraging investigation and critical reflection on the past and present. In summary, the ONHB promotes participatory and meaningful education.

Keywords: Basic Education, ONHB, Brazilian History, History Teaching, Student-Researcher, Virtual Spaces.

Índice de tabelas

Tabelas	Pág.
Tabela 1	21-22
Tabela 2	24
Tabela 3	54
Tabela 4	57
Tabela 5	59
Tabela 6	61
Tabela 7	64
Tabela 8	67
Tabela 9	67
Tabela 10	70
Tabela 11	74
Tabela 12	82
Tabela 13	85
Tabela 14	84
Tabela 15	91
Tabela 16	94
Tabela 17	95
Tabela 18	96
Tabela 19	106
Tabela 20	113

Índice de Figuras

Figura	Pág.
Figura 1 – Imagem 1	26
Figura 2 – Gráfico 1	26
Figura 3 – Imagem 2	27
Figura 4 – Imagem 3	28
Figura 5 - Gráfico 2	29
Figura 6 – Imagem 4	31
Figura 7 – Imagem 5	32
Figura 8 - Gráfico 3	33

Figura 9 – Imagem -6	34
Figura 10 – Imagem 7	40
Figura 11 – Imagem 8	43
Figura 12 - Gráfico 4	55
Figura 13 - Gráfico 5	57
Figura 14 - Gráfico 6	60
Figura 15 – Gráfico 7	60
Figura 16 – Gráfico 8	62
Figura 17 – Gráfico 9	62
Figura 18 – Gráfico 10	65
Figura 19 – Gráfico 11	68
Figura 20 – Imagem 9	71
Figura 21 – Gráfico 12	72
Figura 22 – Gráfico 13	72
Figura 23 – Gráfico 14	74
Figura 24 – Gráfico 15	80
Figura 25 – Gráfico 16	83
Figura 26 – Gráfico 17	84
Figura 27 – Gráfico 18	86
Figura 28 – Gráfico 19	88
Figura 29– Gráfico 20	90
Figura 30 – Gráfico 21	92
Figura 32 – Gráfico 22	93
Figura 33– Gráfico 23	95
Figura 34 – Gráfico 24	96
Figura 35 – Gráfico 25	97
Figura 36 – Gráfico 26	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1. A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB)	18
1.1. A IMPORTÂNCIA DA ONHB.....	21
1.2. AS EQUIPES DA ONHB	24
1.3. A PERSPECTIVA DA ONHB AOS ALUNOS, AOS PROFESSORES, ÀS ESCOLAS E À SOCIEDADE.....	44
1.4. A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB) E A OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS (OBMEP).....	49
CAPÍTULO 2. ANALISANDO AS PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA ONHB NAS ESCOLAS: CONSTRUINDO UM CAMPO DE PESQUISA PESQUISA.	53
2.1. INQUIETAÇÕES SOBRE A ONHB	54
2.2. SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM “NÃO”	56
2.3. SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM “NÃO”, MAS DEMONSTRARAM INTERESSE EM PARTICIPAR DA ONHB.....	58
2.4. SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM “NÃO” E, NÃO DEMONSTRARAM INTERESSE EM PARTICIPAR DA ONHB.....	61
2.5. SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM “TALVEZ” OU NÃO RESPONDERAM.....	64
2.6. SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM QUE JÁ PARTICIPARAM DA ONHB.....	65
2.7. SOBRE AS FASES QUE OS OLIMPIANOS CONSEGUIRAM CHEGAR.	69
2.8. O QUE A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL TEM DE DIFERENTE EM RELAÇÃO AO ENSINO DE HISTÓRIA?.....	73
2.9. AS REVERBERAÇÕES DA OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL PARA OS ALUNOS.....	81
CAPÍTULO 03. DIMENSÃO PROPOSITIVA	99
3.1. A OFICINA	99
3.2. A ELABORAÇÃO DA OFICINA.....	103

3.3. MONTANDO A OFICINA.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.....	119
APÊNDICE B – MODELO DE APRESENTAÇÃO PARA OS ENCONTROS DURANTE A OFICINA	121

INTRODUÇÃO

A pesquisa, que a partir de agora apresento, é resultado de um percurso bem anterior que se inicia em maio em 2011, quando participei pela primeira vez da Olimpíada Nacional em História do Brasil, na ocasião, tratava-se da 3ª edição. No entanto, começou a amadurecer e ser sistematizado em março de 2022, quando iniciei como mestrando, no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Ananindeua.

Esse Mestrado conhecido nacionalmente como “Profissional” possui um critério de entrada diferenciado, pois não há a apresentação do pré-projeto de pesquisa, somente a prova dividida em questões de múltipla escolha e uma produção textual dissertativa.

Quando iniciei, logo surgiram as inquietações sobre o que pesquisar, qual assunto, tema, se relacionaria ao ensino de História. Foi a partir dessas reflexões que mergulhei na ideia de trazer a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) para a construção da dissertação. A escolha não foi por acaso, já que tenho uma afeição por esta competição e também por conta da minha experiência nessa olimpíada.

Sobre a pesquisa ter sido realizada em escolas particulares, optei - com as devidas orientações da banca de qualificação - em realizar o trabalho não em uma sala de aula, mas sim com aproximadamente 200 alunos. Estes entre as séries do 8º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) e da 3ª série do Ensino Médio, pois são essas séries que participam da ONHB. As escolas as quais eles frequentam são o Sistema de Ensino Universo, atualmente conhecida como colégio “Universo Mais”, e o “Colégio *Physics*”. Ambas estão sediadas na cidade de Belém, capital do Estado do Pará.

Gostaria de ter realizado a pesquisa nas minhas outras turmas da escola pública, porém como no período da pesquisa, que ocorreu em 2023, estava lecionando no turno da noite e com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebi que não conseguiria ir adiante por dois motivos: o primeiro é que os alunos da EJA são na sua maioria trabalhadoras e trabalhadores nos turnos da manhã e da tarde, o que inviabilizaria a pesquisa; e o segundo é que provavelmente não teria capacidade para analisar tantas informações.

Desde o primeiro momento em que participei na ONHB até minha entrada no programa de mestrado, PROFHISTÓRIA, sempre sentia que precisava pesquisar sobre esta olimpíada e os possíveis entendimentos dos alunos. Uma vontade que passou a fazer parte da minha rotina, principalmente, quando me aprofundei em leituras sobre o ensino de história durante as aulas no mestrado. Essa necessidade em investigar a referida olimpíada e a participação dos estudantes ficou cada vez mais pungente.

Além disso, a ONHB destaca-se por proporcionar um espaço onde os alunos assumem o protagonismo em seu processo de aprendizado, com a mediação do professor. Posso destacar que a metodologia utilizada na olimpíada envolve a resolução de questões em equipe, promovendo a autonomia em consonância com a autenticidade dos alunos, além da importância de desenvolver um trabalho colaborativo. Os alunos são incentivados, o tempo todo, a tomar decisões conjuntas, encontrar respostas através da pesquisa, a administrar o tempo, criar uma rotina de estudo, desenvolver a disciplina em cada fase e construir argumentos críticos. Esse protagonismo é um aspecto central, porque coloca os estudantes como sujeitos atuantes no processo de construção do conhecimento, rompendo com o modelo tradicional em que o professor é o único detentor do saber e essa mudança contribui para a construção do saber histórico.

Diante do que foi trazido anteriormente, vale muito ressaltar a relevância que a pesquisa assume durante as fases dessa olimpíada, uma vez que a história do Brasil, com sua riqueza, especificidade e complexidade, torna-se um imenso campo de investigação para os alunos e alunas. Conseqüentemente, quando os estudantes mergulham em temas que vão desde a colonização até os eventos contemporâneos, são estimulados a revisitar a história sob novas lentes e podem chegar a construir, destruir e reconstruir conceitos, como também compreender a pluralidade de narrativas que compõem a identidade nacional dentro do pluriculturalismo brasileiro.

Esse contato direto com a pesquisa histórica - às vezes pouco explorado em sala de aula por várias razões, sendo uma delas a quantidade de assuntos sobrepostos ao tempo para cumprir o programa letivo - é crucial para formar cidadãos críticos capazes de historiar o tempo o presente a partir de análises sobre o passado.

É notório que a ONHB em sua proposta estimula e incentiva o desenvolvimento da criticidade ao ensinar os estudantes enquanto o professor

também aprende e passam, juntos, a reconstruir narrativas históricas advindas das compreensões e interpretações dos fatos históricos, considerando diferentes perspectivas e espaços históricos.

Dessa forma, no primeiro capítulo trabalhei com a seguinte pergunta: o que é a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)? Nesse momento da escrita, o ponto de partida foi descrever a competição apresentando os contextos que levaram à sua criação, tendo em vista uma ideia de disputa nacional acadêmica, no sentido de estimular e aproximar o estudo em História do Brasil entre estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais (8º e 9º anos) e Ensino Médio (todas as séries). É importante ressaltar que através desse capítulo abordei os principais destaques dessa olimpíada, ou seja, a importância, os benefícios, os desafios e as dificuldades.

A ONHB é organizada pelo Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), aprovada pelo CNPQ¹ e tem como parceiro o Ministério da Educação. Foi pensada em 2008 e lançada em 2009 e, já em 2010 contou com a participação de representantes de todos os estados do Brasil. O foco enquanto objetivo inicial, que perdura até a edição atual, é despertar o interesse pela História do país, promovendo o estudo de uma forma disciplinar e crítica, objetivando a pesquisa e ampliando a reflexão sobre o passado e o presente brasileiros.

O segundo capítulo foi dedicado à pesquisa de campo, com a apresentação dos dados coletados em um questionário aplicado aos participantes (alunos e alunas das escolas citadas anteriormente) para que a partir das respostas pudesse analisar informações acerca dos resultados da ONHB e da participação, ou não, dos mesmos nessa competição. Também abordei nesse referido capítulo as participações em outras olimpíadas, para melhor compreender esse universo das olimpíadas entre os estudantes.

Com efeito, a aplicação do questionário teve o intuito de provocar a discussão sobre a ONHB nas escolas em que atuo como professor de História. A proposta de investigar e debater é que constitui esse capítulo a fim de partir das potencialidades de saberes problematizados em suas especificidades, justamente, para envolver,

¹ O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, fundação pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação e promover a formação de recursos humanos qualificados para a pesquisa, em todas as áreas do conhecimento: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br>

mobilizar, engajar os alunos e levar à melhor compreensão e interpretação de toda manifestação dos que estivessem interessados em participar ou continuar participando dessa Olimpíada. Os alunos participantes são do turno da manhã, o que já traz a ideia de que há “tempo livre” para a produção no contraturno.

Como ideia propositiva para o terceiro capítulo foi realizada uma fundamentação da prática de desenvolver um estudo historiográfico através de oficinas preparatórias para a ONHB, já realizadas por mim. Essas oficinas são o marco inicial para que alunos e professores possam ter um norte para melhor desenvolver suas estratégias em busca de conhecimentos através da pesquisa científica. A importância dessa iniciativa está na necessidade de direcionar os alunos e professores de forma a poderem desfrutar de uma maior autonomia durante as etapas da competição de modo que essa preparação possibilite aos participantes o suporte necessário para aprofundar seus conhecimentos históricos, desenvolvendo habilidades específicas e se preparando para os desafios propostos pela ONHB.

CAPÍTULO 1 - A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB).

A Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB) é uma competição cuja origem advém de debates sobre a importância de temas que envolvem o Ensino de História e a Educação como: a História do Brasil, a Educação Básica, o saber histórico, a pesquisa científica, o protagonismo do aluno, a sala de aula, o papel do professor enquanto orientador, outros espaços de aprendizagens e o desenvolvimento crítico de cidadãos.

A criação dessa competição foi pensada a partir de 2008 e lançada em 2009 e já em 2010 contou com a participação de representantes de todos os estados do Brasil. O foco e objetivo inicial, que perdura até a edição atual, é despertar o interesse pela História do país, promovendo o estudo de uma forma disciplinar e crítica, objetivando estimular o senso para a pesquisa, ampliando a reflexão sobre o passado e o presente brasileiros. Essa Olimpíada é organizada pelo Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), aprovada pelo CNPQ² e tem como parceiro o Ministério da Educação.

Tendo em vista essas as informações acima e o constante interesse em investigar a ONHB, além dos reflexos em relação ao que já observava nos alunos, pela experiência como professor de História, foi possível materializar a ideia deste trabalho que resultou nesta dissertação, realizada em duas etapas: a primeira teve-se em apresentar a ONHB e a segunda mergulhou no sentido de explorar a trajetória dessa Olimpíada.

Pode-se perceber a importância de estimular a participação e o interesse tanto dos alunos, quanto dos professores da Educação Básica pela pesquisa e pelo Ensino de História - dentro e, principalmente, fora da sala de aula - a partir de estudos científicos e análises críticas com produções coletivas e por intermédio de ferramentas tecnológicas, as quais servem como verdadeiras auxiliares em todo o processo olímpico e para a vida acadêmica.

Diante do exposto é salutar considerar a valorização que a ONHB proporciona, já que garante a busca do conhecimento histórico e propicia a formação

² O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, fundação pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação e promover a formação de recursos humanos qualificados para a pesquisa, em todas as áreas do conhecimento: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br>

de um cidadão autônomo, crítico, engajado e reflexivo, capaz de assumir o protagonismo nas relações fundamentais para o saber historicizado ao possibilitar a situação aluno-pesquisador e professor-pesquisador com o diálogo entre teoria e prática. Como muito bem define Paulo Freire (2001), como algo importante, quando defende que:

Outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho (Freire, 2001, p. 76).

Seguindo essa reflexão, Paulo Freire (2001) é enfático quando faz as seguintes indagações:

Por que não discutir a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmo (Freire, 2001, p. 33-34).

Neste sentido, a ONHB pode ser um espaço de produção de conhecimento e de reconstrução de olhares históricos a partir das realidades vividas e das abordagens realizadas pelos alunos e professores.

Essa competição - cuja base inicial é o modelo europeu de olimpíada desde o século XIX, embora leve mais em consideração experiências exitosas na América Latina (Meneguello, 2011) - tem por princípio proporcionar aos participantes um olhar histórico mediante criticidade em relação aos assuntos abordados em cada etapa semanal e, que surgirem em sala. Sendo a ênfase maior no 8º ano (Fundamental - anos finais) e se estende até a 3ª série do Ensino Médio. Os temas abordados nas questões e nas tarefas estão relacionados à História do Brasil, estimulando os participantes a percorrerem pelos séculos da trajetória do seu país até os tempos atuais.

A ideia de criar uma competição de história surgiu a partir de um grupo de historiadores e professores universitários preocupados com a baixa qualidade do ensino dessa disciplina no Brasil. Eles acreditavam que uma competição desafiadora e estimulante poderia despertar o interesse dos estudantes e incentivá-los a se aprofundar no estudo da história nacional³.

Com base nessa proposta, a ONHB foi criada por uma parceria entre a Universidade Estadual de Campinas-SP (UNICAMP) e o Museu Exploratório de Ciências da UNICAMP - este último tem como missão estimular a curiosidade sobre o mundo e seus fenômenos, promovendo uma postura autônoma e criativa na busca do conhecimento científico. Essa proposição viria incentivar, cada vez mais, a pesquisa e produção científica entre os alunos da Educação Básica em todo o território brasileiro. A primeira edição do concurso ocorreu em 2009 e desde então a competição tem crescido em participação e relevância. Trata-se de um verdadeiro fenômeno dentro dessa modalidade de competição nacional, no entanto, quando olhamos para a região Norte do Brasil, percebe-se uma tímida participação em comparação às outras regiões do país, mesmo assim o número vem crescendo a cada ano.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA ONHB.

Em cada edição há um tema gerador que passa a nortear e direcionar os estudos e as pesquisas durante todo o processo. Vejamos o quadro a seguir.

TABELA 1: Edições da ONHB por ano e tema gerador.

EDIÇÃO	ANO	TEMA GERADOR
1ª	2009	“Documento e Monumento”
2ª	2010	“História Oral”
3ª	2011	“Patrimônio Industrial”
4ª	2012	“Combates e Embates em suas diversas expressões”
5ª	2013	“Conformação étnica do Brasil”

³ Paradigma histórico nacional é uma forma de interpretar a história de um país com base em suas particularidades culturais, sociais, políticas e econômicas. É um modelo que busca compreender a formação e desenvolvimento de uma nação a partir de suas características próprias, diferenciando-a de outros países. (<https://brainly.com.br>)

6 ^a	2014	“50 anos do Golpe Civil-Militar de 1964 e seus desdobramentos”
7 ^a	2015	“Preconceito e suas muitas manifestações ao longo da História do Brasil”
8 ^a	2016	“Escola, lugar de História”
9 ^a	2017	“Como ensinar e aprender História”
10 ^a	2018	“As relações entre as leis, a justiça e a cidadania”
11 ^a	2019	“Excluídos da História”
12 ^a	2020	“As várias formas de narrativas da História”
13 ^a	2021	“As independências do Brasil”
14 ^a	2022	“O papel e importância das mulheres na história e na sociedade brasileira”
15 ^a	2023	“Preconceito e suas muitas manifestações ao longo da história do Brasil”
16 ^a	2024	“A cultura material: os objetos como parte da história”

Fonte: Autor dessa pesquisa.

Observamos que em cada ano há a existência de um tema diferente e que estão voltados ao Ensino de História, à sala de aula, à pesquisa e ao saber histórico, sendo que são trabalhados em todas as fases, tanto com as questões disponibilizadas, quanto com as das tarefas, com exceção a primeira, pois é um questionário sócio, econômico e cultural.

Portanto, a partir desses temas geradores os alunos juntamente com os professores vão desbravando o universo da pesquisa científica e descobrindo como se faz história em seus mais variados espaços de aprendizagens, ou seja, na sala de aula, nas plataformas virtuais, nas ferramentas digitais, nas páginas das universidades, museus e nos debates em equipe.

Essas experiências vividas em cada edição da competição podem provocar nos alunos e nos professores uma visão mais crítica sobre o processo histórico brasileiro. Com isso, os participantes podem reconstruir narrativas que até então eram vistas, reproduzidas e ensinadas como verdades absolutas. É justamente esse universo de possibilidades que fomenta ao aluno a capacidade da historicidade e de um crescimento consciente e crítico em busca de um cidadão capaz de discernir sobre o seu papel histórico na sociedade. Como Maria Auxiliadora Schimidt e Marlene Cainelli (2022) tecem sobre a importância do Ensino de História a partir da ideia de que:

A reconstrução do passado exige, também, que os historiadores organizem-no por meio de algumas

características peculiares ao próprio tempo, ou seja, pelas noções temporais: sucessão, duração, simultaneidade, mudanças e permanências. O ensino da História prevê que essas noções sejam trabalhadas com os alunos, já que elas não existem *a priori* em seu raciocínio, mas são construídas no decorrer de sua vida e dependem de experiências culturais (Schmidt; Cainelli. 2022. p.77).

Assim, a ONHB se apresenta como uma ferramenta estratégica para incentivar alunos e professores nas discussões sobre a historiografia brasileira e seus desdobramentos políticos, sociais, econômicos e culturais. Como bem destaca Nilda Alves (2019) quando tece comentários sobre o material didático e curricular sendo importantes para o processo de aprendizagem, já que

Desse modo, todo aquele material didático e curricular que faz parte dos processos pedagógicos, ao contrário de ser visto como repetitivos, precisa ser visto como condição para o surgimento de novos '*conhecimentos/significações*' para os estudantes (Alves, 2019, p. 49).

E reforça a ideia do novo, na sala de aula, quando afirma que:

Serão sempre novos – e inesquecíveis como a história de esqueleto que contei –, pois estarão frente a novas turmas, com novos estudantes e nova professora ou professor – por que não? Um ano cheio de experiências distintas se passou para ela ou para ele e ao fazer 'uso' de um recurso cultural pela segunda ou décima vez, sempre será diferente (Alves, 2019, p. 49).

Outro aspecto que comprova a importância da ONHB é a crescente em número de participantes a cada edição, como veremos a seguir a tabela em relação a participação de alunos em todas as edições. Na qual foi levado em consideração somente o número de alunos, pois de acordo com o regulamento da ONHB um professor pode ter mais de uma equipe na competição. Usamos como fontes para obtenção desses dados: o site oficial da ONHB(<https://www.olimpiadadehistoria.com.br/>-<https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/>) e a página oficial no Instagram da ONHB (<https://www.instagram.com/olimpiada.historia/>).

Vale ressaltar que esses números que serão apresentados abaixo são aproximados, porque segundo o regulamento da Olimpíada um mesmo professor poderá ser responsável por várias equipes e em várias escolas desde que esteja atuando como professor de História em suas respectivas escolas. Então, diante dessa impossibilidade de mensurar quantitativamente de forma precisa, optou-se pela

seguinte apresentação numérica: o número de equipes multiplicado por 03 (três) - esse número corresponde ao quantitativo de alunos por equipe -, sendo que um aluno não poderá se inscrever em mais de uma equipe. Veja o quadro a seguir.

TABELA 2 - Quantidade de participantes paraenses por edição.

EDIÇÃO	ANO	GERAL		Estado do Pará	
		participantes/equipes		participantes/equipes	
1ª	2009	15.999	5.333		
2ª	2010	42.999	14.333		
3ª	2011	+ 40.000			
4ª	2012	+ 40.000			
5ª	2013	31.242	10.414		
6ª	2014	30.048	10.016		
7ª	2015	30.750	10.250		
8ª	2016	32.145	10.715		
9ª	2017	33.168	11.056	492	164
10ª	2018	42.900	14.300	666	222
11ª	2019	55.515	18.505	1.224	408
12ª	2020	52.200	17.400	816	272
13ª	2021	27.060	9.020	513	171
14ª	2022	72.000	24.000	1.443	481
15ª	2023	91.572	30.524	1.896	632
16ª	2024	153.600	51.200	2.376	792

Fonte: <https://www.instagram.com/olimpiada.historia/>

Alguns dados não aparecem na tabela quantitativa acima pela ausência de informações nos endereços oficiais da ONHB. Outro aspecto relevante está em relação à edição de número 09 (nove), onde os dados só estão disponíveis a partir da 2ª fase, o que já reduz 10% do total de participantes.

É importante também destacar que nos anos de 2020 e 2021 o mundo sofria com a grande quantidade de infecções pelo vírus da COVID-19⁴, causada pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2). Esta pandemia, certamente, interferiu diretamente nessas edições, haja visto que muitos alunos tiveram dificuldades em continuar o ano letivo, mesmo de forma remota. Portanto é notório uma significativa redução no número de participantes nessas edições. Contudo, a partir de 2022 e 2023 houve um aumento

⁴ **A Covid-19** é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. <https://www.gov.br/saude/pt-br>

vertiginoso em relação aos participantes na ONHB em todo o país, uma vez que a pandemia começava a declinar no Brasil e no mundo.

1.2 - AS EQUIPES DA ONHB.

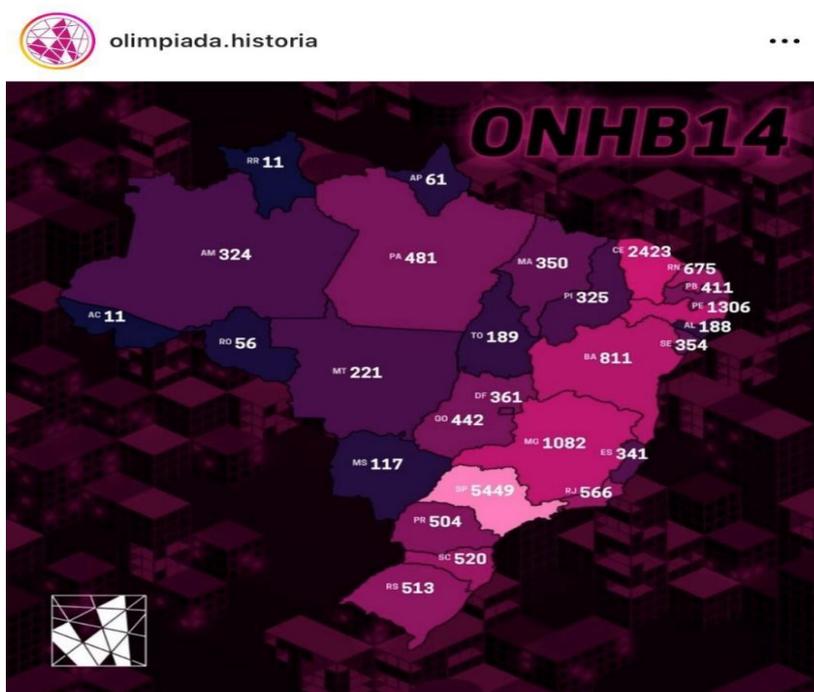
Como mencionado anteriormente, a Olimpíada Nacional em História do Brasil é destinada aos alunos que estão entre o 8º e a 3ª série, dos Ensinos Fundamental Anos Finais e Médio respectivamente. As equipes são montadas a partir de fevereiro e mediante pagamento da taxa de inscrição - um ponto a ser discutido sobre a democratização dessa competição. São três alunos e um professor que assume a responsabilidade de coordenar.

Cada equipe pode ser formada com alunos de séries diferentes, desde que estejam entre o 8º ano e a 3ª série e matriculados na mesma escola, não sendo possível criar equipes de escolas diferentes, muito menos com alunos do 6º ou 7º anos do Fundamental Anos Finais. Ao professor fica a responsabilidade em fomentar a pesquisa e sanar as dúvidas decorrentes em cada fase juntamente com os seus alunos. E uma das principais conquistas da ONHB é o incentivo e o estímulo à pesquisa e ao debate coletivo, devendo levar à sala de aula temas abordados durante a competição para que mais alunos possam ter contato com a historiografia e também para saber um pouco desse universo chamado Brasil.

É interessante que um professor poderá ter mais de uma equipe e até de escolas diferentes, desde que atue enquanto professor de História nas escola e os acadêmicos de História (estagiários) também poderão montar suas equipes, para isso basta uma declaração de vínculo da escola e já poderá participar da ONHB.

Feitas essas pesquisas iniciais foram escolhidas para serem analisadas - para construir um recorte possível haja visto os limites do propositor dessa investigação - as três últimas edições, ou seja, 14ª (2022), 15ª (2023) e 16ª (2024). Porém, foram apresentadas ao menos uma questão de cada ano, anterior, para que se pudesse ter uma noção ampla de como a ONHB vem debatendo sobre a História, a Historiografia, o Ensino de História, a Memória, o Patrimônio, a História Oral em cada competição. A seguir veja as imagens de mapas e gráficos com os números de equipes das três últimas edições com ênfase no Estado do Pará.

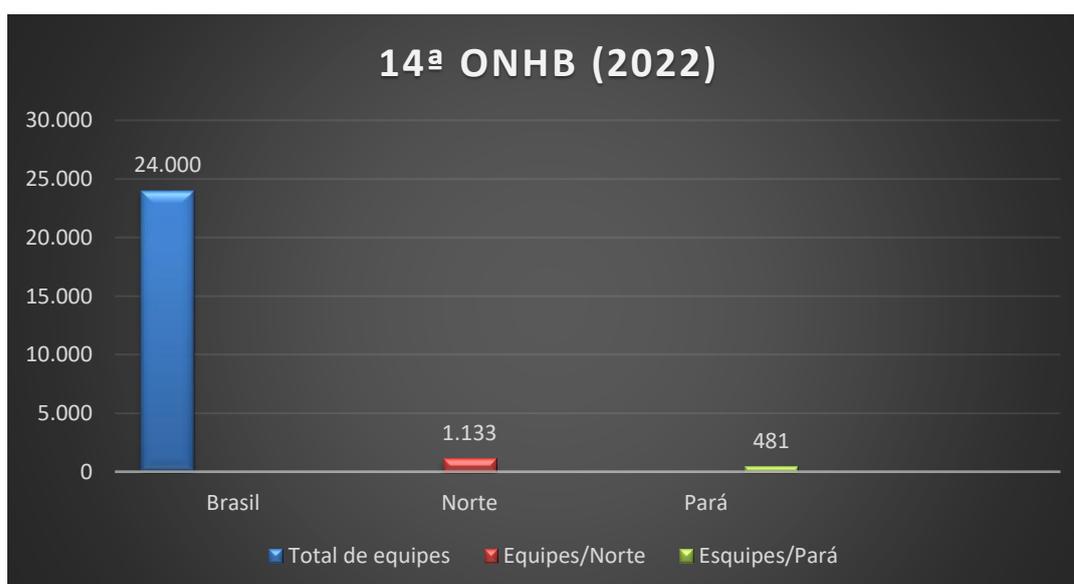
Figura 1: Imagem 1 - Distribuição de equipes participantes pelo Brasil



Fonte: <https://www.instagram.com/olimpiada.historia/>

Diante dos dados referentes a 14ª edição (2022), nota-se um aumento considerável em equipes da região norte e do Estado do Pará, o que demonstrou um interesse maior pela olimpíada por parte dos alunos, professores e escolas, uma vez que na edição de 2021 (13ª ONHB) o Pará participou com 171 equipes. O gráfico abaixo é sobre a participação do Estado do Pará em relação ao Brasil.

Figura 2: Gráfico 1 - Participação de alunos do Pará.



Fonte: autor dessa pesquisa.

A partir do gráfico acima, pode-se perceber que a região Norte ficou com, aproximadamente, 5% de participação e o Estado do Pará com quase 50% do total de equipes que a representaram. Logo, é possível perceber um aumento significativo quantitativamente, embora quando se compara com o total nacional (24.000 equipes) esses dados do Pará e da região Norte ainda se configuram como uma expressividade menor em relação ao total de participantes na ONHB.

Essa timidez pode ser um reflexo de um passado-presente, uma vez que o ensino de História no Brasil, metodologicamente, ainda guarda a concepção de um ensino marcado por uma “pseudo-aprendizagem” através do antigo “método de decorar⁵”. Um modelo que certamente distancia o aluno do saber histórico e das Ciências Humanas.

AS EQUIPES FINALISTAS (PARÁ) NA 14ª EDIÇÃO DA ONHB

O mapa ilustrativo abaixo mostra o resultado final das etapas *on-line* e o número de equipes que foram consideradas aptas para a grande final presencial que ocorre sempre na UNICAMP-SP.

Figura 3: Imagem 2 – Equipes Finalistas 14ª Edição ONHB.



Fonte: <https://www.instagram.com/olimpiada.historia/>

⁵ Sobre esse tipo de memorização, Neusi Aparecida Navas Berbel, diz que: a ideia de que já não bastam informações para que crianças, jovens e adultos possam, com a contribuição da escola, participar de modo integrado e efetivo da vida em sociedade. Embora imprescindíveis, as informações em si teriam, quando apenas retidas ou memorizadas, um componente de reprodução, de manutenção do já existente, colocando os aprendizes na condição de expectadores do mundo. (BERBEL, 2011, p. 25).

Um outro ponto que chama a atenção é o quantitativo de equipes no Pará que se classificam para a final. Na 14ª edição, das 481 equipes que iniciaram a competição somente quatro conseguiram chegar à grande final na UNICAMP. Portanto, esses resultados só aumentam a necessidade de obter respostas em relação a ONHB e à participação dos alunos do Pará em busca de propor um olhar reflexivo sobre a prática docente em sala de aula no sentido de estimular e proporcionar a busca pelo conhecimento crítico e libertador levando em consideração a bagagem cultural do aluno (Freire, 2001).

A 15ª EDIÇÃO DA ONHB (ANO: 2023)

Por sua vez, a 15ª edição da ONHB (2023) foi a maior com um número expressivo de participantes e com a participação do Estado do Pará que neste momento confirmou o seu crescimento e o interesse pela olimpíada, totalizando na 1ª fase 632 equipes. Em relação ao Estado do Pará e comparando com a 14ª edição (2022), a 15ª edição (2023) apresentou um aumento de 151 equipes (como se pode constatar na imagem da próxima página), ou seja, 453 alunos a mais que iniciaram ou retomaram suas participações na ONHB, uma vez que não há um limite para participações na competição. Entretanto, é um número que tem um enorme potencial para crescer nos próximos anos.

Figura 4: Imagem 3 – Participantes da 15ª Edição da ONHB.



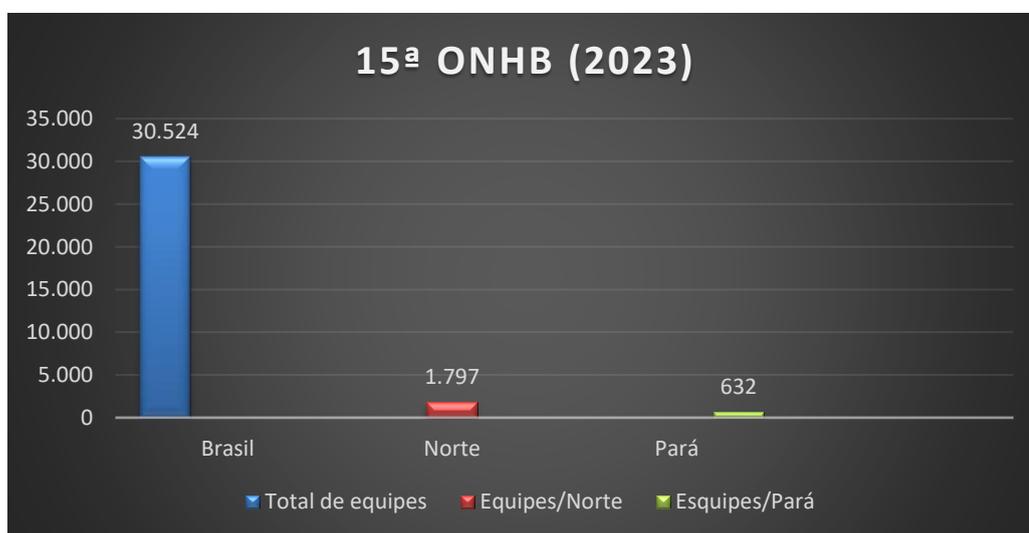
Fonte: <https://www.instagram.com/olimpiada.historia/>

Por isso, foi aprofundada a pesquisa no intuito de encontrar os fatores que motivam e os que desmotivam as participações dos alunos nas edições e, em especial os alunos do Estado do Pará, pois de acordo com Neusi Berbel (2011),

Na escola, o professor é o grande intermediador desse trabalho, e ele tanto pode contribuir para a promoção de autonomia dos alunos como para a manutenção de comportamentos de controle sobre os mesmos (Berbel, 2011, p. 26).

O gráfico a seguir demonstra a participação do Estado do Pará em relação ao Brasil.

Figura 5: Gráfico 2 – Quantidade de alunos paraenses na 15ª edição da ONHB.



Fonte: Autor da dissertação.

Em relação ao gráfico, da página anterior, é notório que o aumento no número de alunos no Pará foi positivo, mesmo assim, é visível que a participação ainda é algo frágil considerando a potencialidade dos alunos do Estado do Pará⁶. Logo, ainda falta um maior protagonismo dos alunos para que possam participar cada vez mais e com aprendizados significativos, pois como afirma Neusi Berbel, na página a seguir:

⁶ Com o resultado histórico no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), o Pará se destacou na educação da rede pública estadual ao conquistar 4,3 pontos no indicador - nota que fez com que o estado desse um salto do 26º lugar para a 6ª colocação no ranking nacional. O resultado é fruto do trabalho desenvolvido pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado de Educação (Seduc), com projetos, iniciativas e grandes investimentos. Fonte: Governo do Estado do Pará. In: <https://agenciapara.com.br/>

De outro modo, vamos encontrar os que se percebem como “marionetes”, apresentando sentimentos negativos por serem externamente guiados, tendo as causas de seus comportamentos relacionadas a fatores externos, como o comportamento ou a pressão de outras pessoas (Berbel, 2011, p. 27).

Por isso que um dos principais pilares para o Ensino de História é, justamente, o exercício de historiar, porque assim o professor proporciona aos alunos a possibilidade da construção da autonomia, do engajamento, do olhar crítico, da pesquisa e do conhecimento histórico.

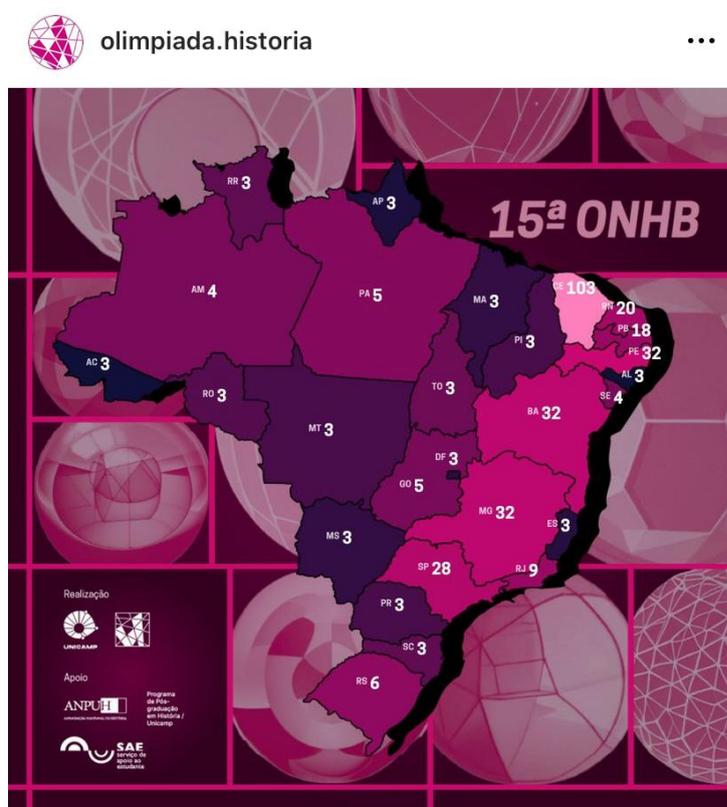
De acordo com os resultados para a final, o Estado do Pará foi se destacando em relação à região Norte, porém mais uma vez não aparece entre os estados que mais levam equipes para a disputa de medalhas. O que preocupa, haja vista que chegar à final e conquistar uma medalha na ONHB ajuda no fortalecimento da autoestima dos alunos, consolidando que são capazes de enfrentar desafios maiores e complexos.

Ao longo da competição os alunos podem demonstrar um aprimoramento das habilidades acadêmicas como a pesquisa, a argumentação, a reflexão, a interpretação e o pensamento crítico. Em uma sociedade onde o conhecimento científico concorre com a era virtual de distrações e informações rápidas, além da desinformação, chegar à final de uma olimpíada acadêmica pode ser uma vitória. Conquistas que têm grande impacto não só no contexto escolar, mas para a formação de cidadãos plenos e sabedores dos seus direitos. Por isso, é preciso reafirmar a importância de metodologias ativas utilizadas pelos professores, pois segundo Neusi Berbel (2011):

O papel do professor, nessa perspectiva, ganha um status de relevância, ao mesmo tempo em que se lhe acrescentam responsabilidades quando comparadas a estilos de trabalho convencionais (Berbel, 2011, p. 37).

A imagem, na página a seguir, refere-se a quantidade de equipes da referida competição acadêmica:

Figura 6: Imagem 4 – Equipes da 15ª Edição da ONHB



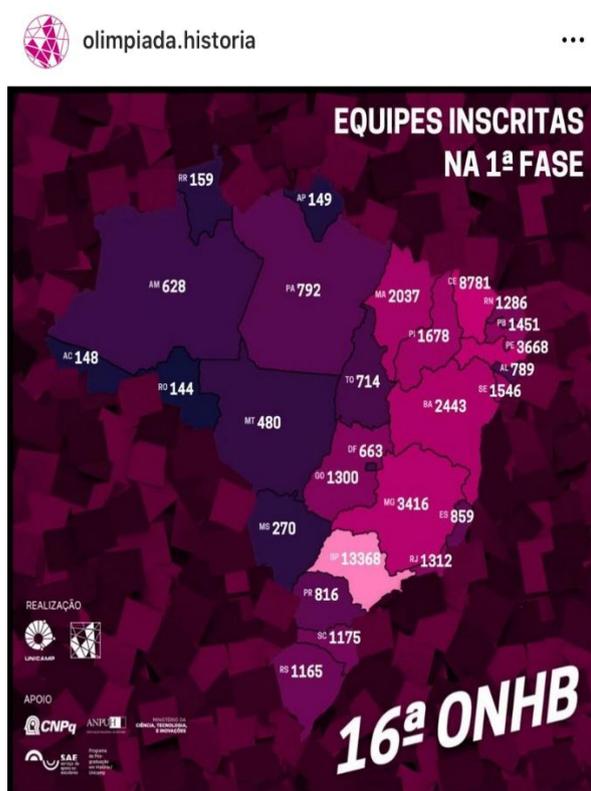
Fonte: <https://www.instagram.com/olimpiada.historia/>

Um ponto que chama a atenção é o quantitativo de equipes no Pará que se classificam para a final, já que na 15ª edição das 632 equipes que iniciaram a competição somente cinco conseguiram chegar à grande final que, ou seja, houve um aumento considerável no número de equipes, mas para a final o Pará manteve, praticamente, o mesmo número de equipes da edição anterior, com o aumento de apenas uma.

A 16ª edição foi marcada por uma novidade interessante para o crescimento da competição: desta vez as equipes de escolas públicas tiveram suas taxas de inscrição isentas, um ganho que já havia uma diferença em valores sobre a taxa de inscrição, onde as equipes das escolas públicas pagavam um preço menor⁷. Acredita-se que isso acarretou o aumento considerável no número de participantes em todo o país, como visto na Imagem na outra página.

⁷ Não há necessidade de indicar o valor, por duas razões: a cada ano o preço modificava e a partir de 2024 não haverá taxa para os alunos (equipes) das escolas públicas.

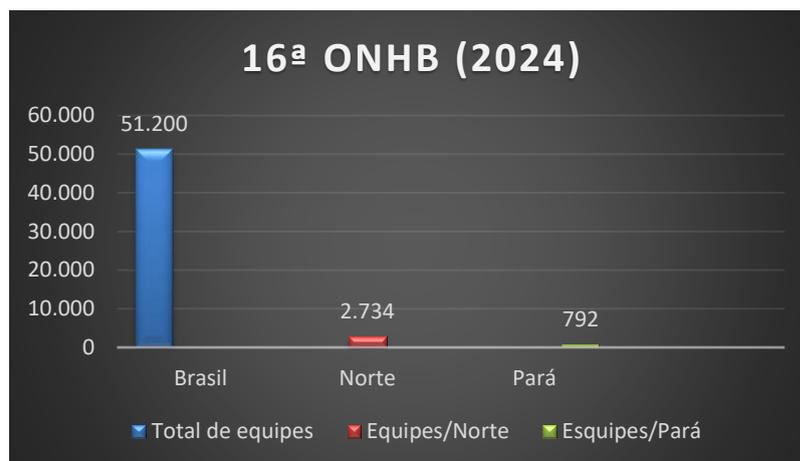
Figura 7: Imagem 5 – Equipes na 1ª Fase da 16ª Edição da ONHB



Fonte: <https://www.instagram.com/olimpiada.historia/>

No caso do Estado do Pará a crescente quantidade de equipes foi de 221 equipes, ou seja, 663 alunos a mais. Diante desses dados, o estado entrou na competição com 792 equipes na 16ª edição, totalizando 2.376 alunos que estão vivenciando experiências e compartilhando conhecimentos. Veja o gráfico abaixo sobre a participação do Estado do Pará em relação a escala nacional nessa edição de 2024. Chamando a atenção a diminuição no número de competidores paraenses em relação a dois anos anteriores, mesmo com a gratuidade, um aspecto que preocupa e merece cuidado e atenção em relação ao Ensino de História sobre o que vem motivando ou desmotivando os alunos à essa competição olímpica.

Figura 8: Gráfico 3 – Participantes paraenses na 16ª edição da ONHB.



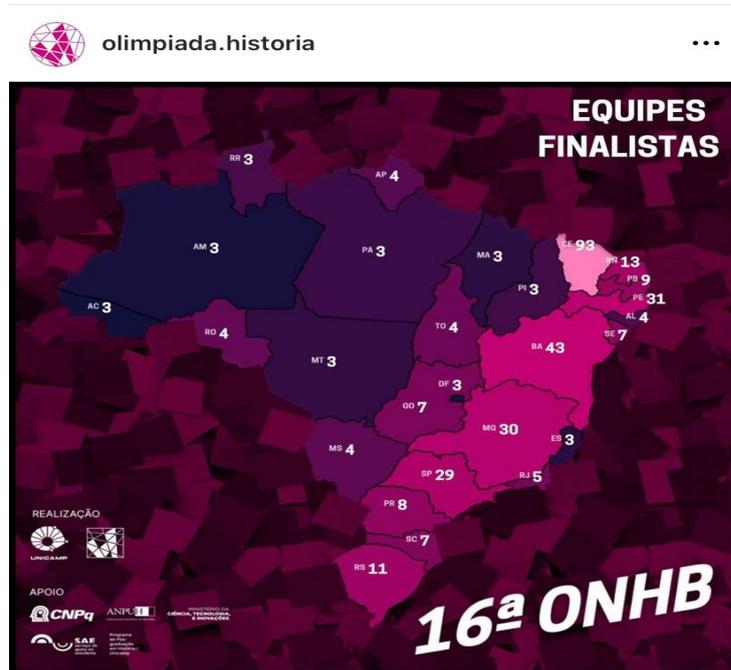
Fonte: Autor dessa pesquisa.

A partir da análise do gráfico acima, mesmo com o aumento no número de equipes o Pará, não manteve os 2% de equipes em comparação aos dois últimos anos. Por tanto, em relação ao crescimento nacional o Pará não conseguiu acompanhar na mesma proporcionalidade.

Reconhecer o passado como um âmbito temporal distinto do presente, afirmam alguns acadêmicos, é uma característica inerente ao pensamento ocidental. No entanto, certa consciência do passado é como a todos os seres humanos, com exceção dos bebês, dos senis e dos portadores de lesões cerebrais. No mínimo, lembramos o que repetimos, recordamos que houve um ontem e percebemos os processos orgânicos de crescer e envelhecer, de desabrochar e de definhando. Uma consciência do passado mais completa envolve familiaridade com processos concebidos e finalizados, com recordações daquilo que foi dito e feito, com histórias sobre pessoas e acontecimentos – coisas comuns da memória e da história (Lowenthal, 1998, 64-65).

Uma sugestão para melhorar esses índices é que o professor provoque ou estimule os alunos, para que os mesmos comecem a compreender o sentido da História em seus diferentes cotidianos. Neste caso, acredita-se que o sentimento de pertencer, isto é, o pertencimento é algo que com o tempo proporcionará mais adesões por parte dos alunos e também dos professores.

Figura 9: Imagem 6 – Equipes Finalistas da 16ª Edição da ONHB.



Fonte: <https://www.instagram.com/olimpiada.historia/>

Sobre a final que ocorrerá nos dias 24 e 25 de agosto deste ano, apenas 03 equipes representarão o Estado do Pará. Comparando com os dois anos anteriores o resultado ficou assim: 04 equipes (2022); 05 equipes (2023) e 03 equipes (2024). Contudo, apesar do aumento quantitativamente de equipes na 16ª edição da ONHB, o Pará só irá com 09 olímpianos, ou seja, 03 equipes que um total inicial de 792 equipes (2376 olímpianos) que começaram a competição.

PROVAS, TAREFAS E FASES.

A competição se apresenta da seguinte forma: as equipes participam de sete fases e realizam seis provas online e uma presencial - esta que é chamada de final é composta por uma questão dissertativa e os alunos a realizam sem a ajuda do professor. Durante as fases os alunos são apresentados aos documentos, vídeos e mapas, tudo relacionado à história do Brasil.

Em cada fase, há pontuação que servem como notas classificatórias e, por conseguinte, acarretam nas eliminações de equipes. Por isso, a importância do compromisso da dedicação e do protagonismo dos alunos quando são instigados para a pesquisa, análise, discussão e debates sobre os temas abordados pela ONHB.

Neste momento é que vem a necessidade da disciplina de cada participante pois: primeiro é preciso dividir os estudos para a ONHB com a rotina da escola, já que a competição acontece concomitantemente com as aulas e os calendários avaliativos; segundo o tempo e seu domínio é importante, pois as provas são disponibilizadas todas segunda-feira e as equipes precisam terminar até sábado às 23h59. Parece até um tempo bastante elástico, mas, quando a competição começa com os blocos de questões e as tarefas sendo apresentadas o tempo passa a ser diminuto.

Um aspecto que merece destaque nessa competição é que não precisa conhecer a fundo a História do Brasil, justamente porque os assuntos não são pré-definidos, ou seja, a proposta desse projeto é fomentar a prática da pesquisa científica entre os participantes.

A competição é realizada em 7 fases: 6 na modalidade *on-line*, pelo site da ONHB, uma plataforma digital; depois os finalistas são selecionados para um encontro presencial na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, onde irão participar da 7ª e última fase e disputaram as medalhas. Neste momento, ainda podem conhecer melhor a cidade universitária e participar de várias atividades culturais e recreativas, além de fazer novas amizades com outros alunos de outras regiões do país, trocando e experimentando a diversidade e o pluriculturalismo que o Brasil apresenta a partir do processo de construção nacional desse evento, vendo e revendo, construindo e desconstruindo narrativas.

As fases são dispostas da seguinte maneira, as quatro primeiras fases estão organizadas assim, bloco de questões e uma tarefa cada: Fase 1 - 10 questões e uma tarefa (questionário sócio, econômico e cultural); Fase 2 - 10 questões e uma tarefa; Fase 3 - 11 questões e uma tarefa; Fase 4- 11 questões e uma tarefa.

Por sua vez, a 5ª fase é composta apenas de uma tarefa e essa fase elimina se a equipe não consiga desenvolver a tarefa. A 6ª fase e última é *on-line*, acontece da seguinte forma: cada equipe avalia uma determinada quantidade de tarefas, produzidas pelas outras equipes que continuam na competição. Essa é uma das experiências mais enriquecedoras da competição, pois há uma troca de conhecimentos e contatos culturais entre os participantes das regiões do país, já que cada equipe avalia o trabalho/tarefa realizado pelas outras equipes dos mais variados lugares e são as próprias equipes que realizam as pontuações de acordo com os critérios disponibilizados pela Organização da ONHB. Após a 6ª fase, as 300 melhores

equipes classificadas estarão aptas para a fase final que acontece na UNICAMP. Em algumas edições a Organização do projeto aumenta esse número de equipes para a final.

De acordo com a disposição das questões e das tarefas a ONHB convida as equipes à pesquisa e ao debate em cada assunto apresentado e todos são avaliados não apenas pelo conteúdo, mas também pela criatividade e originalidade de suas respostas, o que passa a ser um grande desafio, onde cada aluno aprimora seus conhecimentos e aumenta seu repertório sócio cultural. Isso pode contribuir para a construção de textos dissertativos e para a formação de cidadãos com consciência histórica, ou seja, o processo de historicizar acontece em todos os momentos da olimpíada, de forma individual e coletiva também, com ou sem a presença do professor – corroborando, assim, para a autonomia e protagonismo de cada aluno.

Entre os pontos mais interessantes em relação a avaliação da ONHB é a forma como ela se diferencia dos processos tradicionais avaliativos. Enquanto as avaliações tradicionais muitas vezes apresentam simulados e conteúdos sequenciados, a olimpíada propõe desafios que demandam um pensamento crítico mais aprofundado e uma abordagem investigativa da história, bastante ampla e singular, dentro da pluralidade das temáticas abordadas em cada questão e das especificidades em cada tarefa. Com isso, a competição, se caracteriza por incentivar a busca de informações para além dos livros didáticos, provocando a necessidade de analisar as diferentes fontes históricas e, conseqüentemente, em estabelecer elos entre os acontecimentos históricos e os de argumentos embasados em evidências provocando reconstrução de narrativas.

O objetivo dessa abordagem diferenciada permite que os alunos desenvolvam habilidades essenciais, como o raciocínio lógico, a capacidade de pesquisa, a interpretação de textos e o senso crítico, que se sobrepõe a uma prática de memorização de fatos históricos, e definitivamente não se “decora” para ser um grande investigador do passado e do presente. Assim, como propõem Flávia Caimi (2009) quando diz que,

Os desafios que se colocam para os profissionais da história que atuam nos níveis iniciais de escolarização — ensino fundamental e médio — são gigantescos e podem ser traduzidos na seguinte ideia: temos de trabalhar para a superação da tradição verbalista da história escolar, cuja ênfase recai, invariavelmente, na aquisição cumulativa de informações factuais sobre o passado que podem tornar-se mais ou menos atrativas na medida em que sejam “adornadas” com determinados elementos de ordem metodológica e/ou temática (Caimi, 2009, p. 66).

Destaca-se, dessa maneira, a relevância da ONHB em relação a possibilidade do trabalho em equipe, na verdade é fundamental essa participação coletiva e é através dela que o aluno começa a trilhar com muita autonomia seu protagonismo e se perceber enquanto sujeito histórico. Dessa forma os alunos são incentivados a formar equipes e a colaborar na resolução dos desafios propostos em cada fase: bancos de questões e tarefa.

Essa estrutura apresentada pela olimpíada favorece a prática do diálogo, a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento, promovendo um constante saber falar e aprender a ouvir, porque quando o trabalho é em conjunto, os alunos compreendem o sentido de apreender e a compartilhar responsabilidades, iniciando assim um processo de respeito mútuo e de contribuição ao saber histórico. Sendo assim, o conhecimento se constrói, se desconstrói e se reconstrói a partir de diferentes olhares e buscando o aprimoramento das habilidades sociais e afetivas. Como podemos ver em Paulo Freire (2001) quando afirma que:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã (Freire, 2001, p. 31).

A ênfase na percepção de mudanças e transformações culturais ao longo da História do Brasil seria uma das expertises da olimpíada, a partir do momento em que o aluno percorre processos históricos e compreende as contribuições dos movimentos e das lutas sociais na garantia dos Direitos Humanos e das transformações culturais. Como afirma Peter Lee (2003), na página a seguir:

Podemos compreender isto mesmo sabendo que aquilo em que se acreditou como sendo verdadeiro não o era, logo não partilhamos os propósitos; ao considerar as crenças, podemos saber quais os sentimentos que carregaram consigo. Mas a nossa compreensão histórica vem da forma como sabemos como é que as pessoas viram as coisas, sabendo o que tentaram fazer, sabendo que sentiram os sentimentos apropriados aquela situação, sem nós próprios as sentirmos (Lee, 2003, p. 21).

Por isso, a constante busca pelo saber científico no sentido de historiar o passado se faz necessária para a compreensão dos processos históricos e da trajetória da formação nacional. Além disso, a ONHB proporciona aos alunos uma experiência mais significativa e envolvente em relação às avaliações tradicionais, primeiro porque não “vale ponto”, já que acontece de forma livre e espontânea, além da sedução que é a competitividade e a possibilidade em viajar até Campinas-SP. Portanto, são elementos que somam para que as equipes se debrucem rumo ao conhecimento e façam um gigantesco mergulho historiográfico ao se depararem com os desafios em cada fase.

A olimpíada é um verdadeiro jogo que inquieta os alunos e os mesmos se sentem provocados e motivados para a excelência nos estudos e nos resultados. Entretanto, não basta só acertar, tem que acertar através de informações precisas para não deixar lacunas e/ou dúvidas sobre cada alternativa e, conseqüentemente, construir conhecimentos mais historicizados sobre a história do Brasil. E nas palavras de Paulo Freire (2001):

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendidos pelos educandos (Freire, 2001, p. 29).

Esta competição formula questões e tarefas contextualizadas e desafiadoras ao longo de cada fase contribuindo para um aprendizado mais duradouro e para a formação de cidadãos mais críticos e autônomos, um verdadeiro espaço para o protagonismo de cada aluno durante a competição e que não termina com o final das atividades, pois o aprendizado se transforma em legado e a pesquisa pode se tornar uma constante realidade na vida de os participantes.

Contudo, a ONHB não deve ser encarada como uma substituta aos processos avaliativos. As avaliações ditas tradicionais têm seu papel na verificação do domínio dos conteúdos e na mensuração do desempenho dos alunos em determinados momentos do currículo escolar, destacando que servem para o ingresso nas universidades brasileira e preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A olimpíada, por sua vez, complementa essa avaliação ao proporcionar um espaço de aprendizado mais significativo e aprofundado, principalmente, pelo incentivo à pesquisa científica, melhorando o próprio repertório cultural dos participantes, através de argumentos mais contundentes nos mais variados assuntos de ordens política, econômica, social e cultural. Corroborando com a ideia que defende que:

A investigação no domínio da educação histórica pressupõe que a aprendizagem da história seja considerada pelos jovens como significativa em termos pessoais, de modo a lhes proporcionar uma compreensão mais profunda da vida humana (Schmidt; Barca; Garcia, 2011, p. 11).

Portanto, a ONHB se destaca como uma competição que vai além das avaliações tradicionais, ao estimular a pesquisa, o pensamento crítico, o trabalho em equipe, e a análise de fontes históricas. Através dessa olimpíada, os alunos têm a oportunidade de vivenciar um processo avaliativo mais significativo e contribui ao seu repertório sociocultural, melhora sua autoestima, constrói amizades, fortalece os laços entre aluno – escola – professor, traz a família para o processo, no sentido de organização de horário, logística dos encontros fora do horário de aula. Esses fatores só reforçam a vontade em chegar cada vez mais longe dentro da competição. Como demonstram exemplos de suas questões apresentados abaixo:

EXEMPLO 1:

Figura 10: Imagem 7 - Casamento do Matuto



Fonte: Alese/Divulgação/Arquivo

A celebração do Casamento do Matuto, que é realizada no Povoado Colônia Treze durante todo o mês de junho, em Lagarto, foi oficialmente declarada Patrimônio Cultural e Imaterial de Sergipe e foi incluída no calendário oficial de eventos do estado.

A votação do Projeto de Lei (PL), apresentado pela deputada Goretti Reis (PSD), foi realizada em dezembro do ano passado, mas a decisão foi publicada esta semana no Diário Oficial da União. De acordo com deputada, a Festa do Casamento do Matuto está na 24ª edição, e se apresenta como uma vitrine para o entretenimento cultural, expressa a tradição de um povo, além de movimentar a economia local, circulando recursos que contribuem para o desenvolvimento da região.

A partir da leitura da notícia do portal da internet e de suas pesquisas, assinale uma alternativa:

A. Tornar os festejos do Matuto em patrimônio é uma política de memória que reconhece a importância de práticas populares. Ao mesmo tempo, busca estratégias de rentabilidade econômica para a região.

B. O termo matuto designa aquele que mora no campo. Em determinados contextos pode ser usado tanto com o tom pejorativo, para referenciar a rusticidade, como apreciativo, no sentido de matreiro.

C. O casamento do Matuto é uma encenação popular presente nos festejos juninos. No caso da celebração realizada no Povoado Colônia Treze, em Lagarto, tornou-se patrimônio cultural e imaterial de Sergipe.

D. Os elementos físicos do casamento - como roupas, altar, comidas etc. - foram registrados no livro de registro do patrimônio cultural. Os aspectos intangíveis foram inscritos no livro do tombamento do patrimônio imaterial.

(Gabarito: A = 5,0; B = 4,0; C = 1,0; D = 0,0).

Essa estrutura de questão leva a equipe a verificar minuciosamente os documentos para poder codificar, entender e interpretar sobre patrimônio cultural material, imaterial, tombamento e registro. Além da verificação detalhada em cada alternativa, pois cada uma tem um peso diferente. O objetivo é que os alunos fechem sempre a alternativa com maior pontuação.

EXEMPLO 2:

Carta de Câmara Cascudo a Mário de Andrade, 1925 Natal, 19 de maio de 1925.

Mário de Andrade,
 (...) Por que não se resolve a ver o Brasil que o Catete esqueceu? Inojosa em Recife e eu em Natal seríamos os hospedeiros. Venha ver estas coisas. Casas, capitães-mores, jornais – dente-de-cação, autos. Fordes... venha! E as igrejas da Bahia e Recife e Olinda... Tanta coisa! E teria raiva dos frades estrangeiros que estão vendendo mosaicos, obras de telha, velhos anjinhos bochechudos, cadeiras de mogno, jacarandás, para a Europa. E os projetos de Luís Cedro e de Augusto de Lima engasgados. Lástima!
 E receba V. um longo abraço do Luís da Câmara Cascudo.

Carta de Mário de Andrade a Câmara Cascudo, 1925 Araraquara, 26 de junho de 1925.

Luís da Câmara Cascudo,
 (...) Você nem imagina o gosto que me deu o campeiro vestido de couro que você me mandou. Andei mostrando pra toda gente e mais a fotografia do maravilhoso cacto.
 (...) Meu Deus!

Tem momentos em que eu tenho fome, mas positivamente fome física, fome estomacal de Brasil agora. Até que enfim sinto que é dele que me alimento! Ah, se eu pudesse nem carecia você me convidar, já faz muito que tinha ido por essas bandas do Norte visitar vocês e o Norte. (...) Queria ver tudo, coisas e homens bons e ruins, excepcionais e vulgares. Queria ver, sentir, cheirar. Amar já amo. Porém você compreende demais, este Brasil monstruoso tão esfacelado, tão diferente, sem nada nem sequer ainda uma língua que ligue tudo, como é que a gente o pode sentir íntegro, caracterizado, realisticamente? Enquanto me penso brasileiro e você pode ter certeza que nunca me penso paulista (...) quando me penso brasileiro e trabalho e ao que nem brasileiro, me apalpo e me parece que sou maneta, sem um poder de pedaços de mim, que eu não posso sentir embora meus, que estão no mistério, que estão na idealização, posso dizer que estão na saudade!... É horrível. Doloroso. (...)
Mário.

A partir dos documentos, escolha a alternativa que considerar mais adequada:

A. Mário de Andrade e Câmara Cascudo mantiveram correspondência por anos, mas não se encontraram pessoalmente, já que o escritor paulista não chegou a ir a Natal.

B. O modernismo brasileiro não se limitou ao Sudeste, tendo entre seus nomes escritores como Jorge Fernandes e Joaquim Inojosa, citado por Cascudo, e autor da carta manifesto A Arte Moderna (1924).

C. Ao afirmar o seu interesse em conhecer outras regiões do Brasil, Mário de Andrade se alinha às concepções dos manifestos Pau-brasil (1924) e Antropofágico (1928).

D. As cartas mostram a relação de amizade construída entre Câmara Cascudo, historiador, jornalista, advogado e folclorista potiguar, e Mário de Andrade, expoente do movimento modernista.

Gabarito: A = 0,0; B = 4,0; C = 5,0; D = 1,0.

Na correspondência entre Luís Câmara Cascudo e Mario de Andrade há uma relação interdisciplinar, envolvendo Literatura, século XX, escola literária e História. Os alunos também poderão observar a escrita de época e o gênero textual, assim, além do professor da equipe, outros professores poderão contribuir para a resposta da mesma, criando um verdadeiro mundo de possibilidades através do diálogo e da pesquisa.

EXEMPLO 3:

Figura 11: Imagem 8 - Mobral, 1971.



Fonte: Mobral, 1971.

Observe a imagem e seu tema e escolha a alternativa mais pertinente.

A. A tela representa o processo de aprendizagem de jovens e adultos numa sala de aula no Brasil dos anos 1970.

B. Retratar os alunos como pequenos, em contraste com os professores, desproporcionalmente maiores, indica uma crítica à hierarquia em sala de aula.

C. A vista da janela cria na cena uma dicotomia entre liberdade (o que está lá fora) e a opressão no processo de aprendizagem.

D. O quadro refere-se ao Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), um órgão implementado por Paulo Freire durante o governo Costa e Silva.

Gabarito: A = 1,0; B = 5,0; C = 4,0; D = 0,0.

Aqui os alunos poderão analisar o modelo educacional vivido na década de 70 e fazer uma pesquisa sobre o contexto político, social, econômico e cultural para compreender a produção historiográfica da época e chegar a um entendimento, a partir de debates com o professor.

Portanto, em todas as questões as equipes estarão em contato direto com fontes históricas e dialogando com outras disciplinas. Essa proposta é a essência

maior da ONHB, ou seja, a olimpíada é uma competição nacional que visa a autonomia e o discernimento de cada participante para que assim possam construir seus pilares para tornarem-se cidadãos críticos.

1.3 - A PERSPECTIVA DA ONHB AOS ALUNOS, AOS PROFESSORES, ÀS ESCOLAS E À SOCIEDADE.

A Olimpíada Nacional em História do Brasil é uma excelente oportunidade para os alunos desenvolverem sua capacidade de pesquisa, análise crítica e interpretação histórica. Também podem com ela aprender a debater com os alunos e alcançar níveis de entendimentos e de autorreflexão, um retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que foi sem dúvida um passo importante para a consciência histórica (Rüsen, 2001). Outro viés é o estímulo ao trabalho em equipe, e a cooperação que ocorre nas escolas entre os alunos e com os professores, sendo uma verdadeira experiência coletiva e construtiva sempre historicizando o conhecimento.

Por isso que se trata de uma competição nacional que tem por objetivo estimular o aprendizado da História do Brasil nas escolas de Ensinos Fundamental e Médio em todo país. Um projeto criado pelo Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP com o Ministério da Educação em resposta à queda na qualidade do ensino de História no país, bem como à falta de estímulo para o estudo da disciplina, tentando também promover a valorização dos professores e do Ensino de História, para incentivar o aluno a dedicar-se ao estudo da história brasileira, além de fomentar o interesse pela pesquisa histórica e pela educação em geral, melhorando os repertórios socioculturais dos alunos.

É notório que pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades de pesquisa, pensamento crítico, trabalho em equipe, e comunicação, fundamentais para a formação cidadã e para o sucesso acadêmico e profissional de cada indivíduo, fomentando a construção da autonomia em sua fase adulta.

A Olimpíada Nacional em História do Brasil possui uma importância fundamental para os alunos, pois vai além de uma simples competição. Ela se configura como uma oportunidade de aprendizado, incentivo à pesquisa, valorização do conhecimento histórico e desenvolvimento de habilidades essenciais. Porém, esse projeto tem como contribuição o despertar para o estudo pela história do Brasil. Pois,

muitas das vezes, essa disciplina é vista como cansativa e distante da realidade dos alunos, tornando-se algo enfadonho. No entanto, a competição propicia uma abordagem diferenciada, desafiadora e dinâmica, que torna a história mais atrativa e envolvente. Portanto, ao participar da ONHB, os alunos têm a oportunidade de compreender eventos, investigar personagens e contextos históricos de forma científica e autônoma.

O interessante é que antes e durante a competição, os alunos são desafiados a buscar informações em diversas fontes, como documentos históricos, livros, entrevistas, vídeos e imagens. Essas ações desenvolvem a pesquisa, nutrem a capacidade de análise crítica e formam diferentes perspectivas sobre os fatos históricos.

Essa competição também pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades de escrita e argumentação, como produzir suas análises ainda em forma de rascunho sobre as questões em cada fase iniciam um processo que vai do planejamento, disciplina, organização, tempo e disposição tudo isso em uma velocidade incrível e que colabora para a maturidade desses adolescentes.

O destaque é que quando os alunos precisam apresentar suas ideias de forma convincente aos demais integrantes da equipe começa um processo de descobertas científicas, pois, há defesa de cada fala nos debates precisa manter-se coerente, fundamentada e bem argumentada, já que a elaboração da grade de respostas precisa estar bem alinhada. Essa prática do diálogo fortalece a capacidade de expressão oral, escrita, do raciocínio lógico e da construção de argumentos embasados na ciência como fruto da pesquisa e é de suma importância que,

As transformações da sociedade contemporânea, bem como as novas perspectivas historiográficas, como as relações entre história e memória, têm estimulado o debate sobre a necessidade de novos conteúdos e novos métodos de ensino de História (Schmidt e Cainelli, 2004, p. 24).

Outro aspecto relevante da ONHB é a oportunidade de trabalho em equipe, pois é realizada por equipes compostas por três alunos e um professor orientador. Essa dinâmica favorece o trabalho colaborativo, a divisão de tarefas, a troca de conhecimentos e experiências entre os participantes. O trabalho em equipe, estimula a comunicação, a cooperação e o respeito às diferenças, habilidades essenciais para

o convívio social e profissional. Como bem afirmam Maria Auxiladora Schmidt e Marlene Cainelli (2004) quando apontam para um dos principais compromissos do professor que seria:

O professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançando os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vista históricos, levando-o a reconstruir, por aduacção o percurso da narrativa histórica. Ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, procurando transformar, em cada aula de história, temas e problemáticas em narrativas históricas (Schmidt e Cainelli, 2004, p. 30).

É visível que a olimpíada promove uma maior interação entre os alunos e seus espaços escolares e não escolares, pois nem tudo acontece na escola, neste caso os aplicativos de mensagens instantâneas são ferramentas imprescindíveis durante todo o processo. Portanto, a participação nessa ONHB pode sensibilizar os alunos a prática da pesquisa científica e assim deixarem o senso comum como base para suas opiniões, sabendo discernir a diferença, por exemplo, na utilização adequada e responsável da tecnologia.

Para os professores, a olimpíada oferece uma gama de oportunidades visando a qualidade no exercício da profissão, principalmente, em sala de aula. A partir das participações nas edições o professor consegue valorizar a docência e o trabalho docente e passa a incentivar as inovações através do uso de ferramentas tecnológicas debatendo sobre a importância do chão da escola em relação ao Ensino da história.

Podemos verificar as contribuições que a ONHB promove aos professores, também, no estímulo à pesquisa a outra é o aprofundamento dos conhecimentos históricos que se faz necessário se apropriar de novas leituras e de novos debates sobre o Ensino de História para orientar as equipes na competição. Logo, os professores precisam buscar informações, estudar fontes históricas, explorar diferentes abordagens e aprofundar nos eventos e contextos históricos. Esse processo de pesquisa constante não apenas enriquece o exercício da docência, como também reforça a construção de novos saberes históricos, motivando o professor a se manter atualizado nas produções acadêmicas e nos debates historiográficos.

Portanto, a participação na ONHB proporciona ao professor a oportunidade de ampliar suas redes de contato e troca de experiências com outros professores que estão participando e também com os que colaboram nas resoluções das questões e das tarefas, constituindo uma grande corrente para o conhecimento. Essa interação com outros professores e alunos engrandece a prática educacional e gera nossos métodos didáticos de maneira coletiva, democrática e participativa sempre em prol do conhecimento histórico, permitindo o aprendizado de todos os envolvidos no processo.

O professor diante das abordagens críticas em seu espaço escolar poderá a partir da olimpíada perceber de que forma os alunos compreendem os modelos educacionais que são inseridos dentro dos programas e sistemas de ensino para que possam, conjuntamente, romper com a suavização da aceitação tolerável por obrigação, justamente a fim de mergulhar em um debate crítico em relação aos processos históricos desiguais e discrepantes que permeiam a nossa sociedade desde a colonização (Walsh, 2009).

Outro ponto importante é o fortalecimento de espaços de debates a partir do cotidiano da escola com ênfase em temas geradores, proporcionando condições para o desenvolvimento da criticidade, junto aos alunos, para analisarem a construção histórica decolonial (Walsh, 2009).

Percebemos que a olimpíada é uma grande ferramenta para fomentar o saber histórico e também valorizar o trabalho dos professores, reconhecendo sua importância e dedicação. Portanto, ao participar da competição, os professores são reconhecidos como orientadores e mentores das equipes, assumindo um papel fundamental na formação e no sucesso dos alunos não somente no programa e, sim para os próximos passos dos alunos na jornada chamada vida.

Outros pontos relevantes que se destacam são a inovação e a criatividade no ensino da história, pois os resultados das pesquisas em cada semana amadurecem o entendimento sobre os processos históricos vivenciados ao longo da História do Brasil. De modo que o engajamento e a preparação das equipes proporcionam aos professores formas alternativas e atrativas de apresentar os conteúdos, estimulando o pensamento crítico, a análise de fontes históricas e a produção de textos. Esta busca por metodologias inovadoras estimula o professor a experimentar novas abordagens

pedagógicas, tornando suas aulas mais dinâmicas, interativas e interessantes aos alunos e ao fazer histórico.

A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) desempenha um papel de grande importância para as escolas, promovendo benefícios significativos para a comunidade escolar como um todo, incluindo estudantes, professores, corpo técnico e familiares. Pois, uma das principais contribuições da ONHB é o estímulo ao ensino e aprendizagem da história através de uma proposta desafiadora e estimulante, que desperta o interesse dos alunos pela disciplina e motiva-os a se aprofundar nos estudos.

A ONHB fortalece a relação entre os estudantes e os professores. Os professores, ao orientarem as equipes na competição, têm a oportunidade de estabelecer um vínculo mais próximo com os alunos, conhecendo suas habilidades, interesses e dificuldades. Isso cria um ambiente de confiança e colaboração, que favorece o processo de ensino e aprendizagem e soma com a educação familiar.

Essa competição também impacta positivamente para a escola, já que a participação da escola na ONHB é um reflexo do comprometimento e dedicação da equipe pedagógica em buscar uma educação qualitativa. A escola passa a ser reconhecida e valorizada pela sua participação em uma competição nacional, o que pode trazer visibilidade e prestígio para a instituição e o apoio da família que percebe o envolvimento do filho durante as fases e passa acompanhar mais de perto todo o processo educacional do mesmo.

Portanto, a participação na ONHB pode trazer benefícios para a imagem e reputação da escola, quando a mesma ao demonstrar um bom desempenho na competição, tem sua marca fortalecida e sua identidade valorizada enquanto referência na produção científica (ensino e pesquisa).

A ONHB se alinha de forma consistente com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois promove uma abordagem pedagógica centrada no aluno protagonista, no aluno pesquisador e com base nas competências⁸. A

⁸ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação

competição estimula os estudantes a serem sujeitos ativos na construção do conhecimento histórico, desenvolvendo competências cognitivas e socioemocionais importantes. Através da ONHB os alunos têm a oportunidade de exercitar a pesquisa, o pensamento crítico, a argumentação e a colaboração, competências essenciais para sua formação integral. Dessa forma, a ONHB contribui para a concretização dos objetivos⁹ propostos pela BNCC, fortalecendo uma educação mais participativa, inclusiva e significativa.

A ONHB se preocupa com o desenvolvimento de uma educação voltada para a formação do aluno protagonista que é uma das diretrizes fundamentais da BNCC. Essa abordagem pedagógica visa garantir que o estudante seja o centro do processo educativo, assumindo um papel ativo e autônomo na busca pelo conhecimento, seria o amadurecimento de um cidadão crítico e participativo. Em cada edição os alunos têm a oportunidade juntamente com os professores de vivenciar uma aprendizagem significativa, na qual todos se tornam sujeitos ativos na construção de conhecimentos históricos.

1.4 - A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB) E A OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS (OBMEP).

Nesse momento farei uma breve análise demonstrativa sobre a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) no sentido de provocar o debate em relação as participações dos estudantes nessas olimpíadas.

A OBMEP foi criada em 2005 pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) e realizada com apoio da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), um evento promovido com recursos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações

humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez **competências gerais**, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>

⁹ Na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio –, os alunos devem desenvolver as dez **competências gerais da Educação Básica**, que pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>

(MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), o que já não acontece com a ONHB. Destinada para os alunos do 6º ano do Fundamental Anos Finais até os alunos da 3ª série do Ensino Médio, a OBMEP visa estimular cada vez mais o estudo da Matemática e identificar jovens talentos nessa respectiva área das Ciências Exatas.

Outros objetivos que estão presentes são: promover a inclusão social por meio da difusão do conhecimento e contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica, possibilitando que um maior número de alunos brasileiros acesse materiais didáticos de qualidade. Além das premiações com medalhas nacionais o que enriquece não somente o conhecimento, mas o currículo dos alunos. A OBMEP traz a proposta de gratuidade para os alunos das escolas públicas e cobra uma taxa de acordo com a quantidade de alunos participantes das escolas particulares.

Além das medalhas a OBMEP em parceria com a Fundação Behring, oferece bolsas de estudos aos alunos medalhistas desde que sejam universitários cursando o primeiro semestre ou período em Universidades Públicas, sejam federais ou estaduais. Para ter esta oportunidade o aluno medalhista da OBMEP terá que concorrer a uma bolsa, que é uma iniciativa que valoriza o aprimoramento e aperfeiçoamento científico durante a permanência acadêmica.

A OBMEP conta com duas fases, sendo a primeira de natureza eliminatória para a segunda fase, no entanto as notas não somam com as da segunda fase. Na primeira fase os alunos são separados por níveis, que são: “1”, “2” e “3” (6º e 7º anos; 8º e 9º anos e Ensino Médio, respectivamente) e resolvem 20 questões objetivas.

Na 19ª edição (2024) a 1ª fase aconteceu no dia 04 de julho e a estimativa era de 18,5 milhões de alunos participando da olimpíada. Entretanto, quando se compara quantitativamente com a participação dos alunos na ONHB há visivelmente uma discrepância numérica, por exemplo, nas edições 2024 a OBMEP apresenta uma estimativa de quase 20 milhões e a ONHB de 153.600 alunos participantes. O que passa a ser um desafio enorme aos professores, especialmente, pois é no cotidiano da escola e a partir das participações em sala de aula que se encontrará um espaço oportuno para a construção de debates sobre questões consagradas sobre o passado e o presente proporcionando aos alunos o contato com produzir a história, o fazer historiográfico, levando a esses alunos um pouco da produção histórica científica encontrada nas instituições de ensino superior do Brasil, e com o qual muito

difícilmente teriam contato (Meneguello, 2011). Aqui não se trata de uma crítica a OBMEP e sim uma reflexão sobre o campo de atuação do professor de História.

Por sua vez, a 2ª fase ocorreu no dia 19 de outubro de 2024 e consiste em uma prova discursiva com seis questões, valendo 20 pontos cada. Os alunos premiados dentro de critérios estabelecidos pela OBMEP receberão as medalhas de acordo com a classificação, sendo as mesmas organizadas assim: ouro, prata, bronze e menção honrosa.

Portanto, as olimpíadas são modalidades de ensino que visam proporcionar oportunidades educacionais aos alunos que participam delas. A ideia é sempre encontrar formas que possam proporcionar uma maior igualdade dentro das diferenças e oportunizar a promoção de uma sociedade construída nos pilares do conhecimento, da justiça e da inclusão, ou seja, por uma educação inclusiva.

Um papel crucial na promoção da igualdade de oportunidades e no empoderamento dos alunos no processo educacional é permitir e contribuir que eles possam acessar cada vez mais conteúdos científicos e construir uma base solidificada na pesquisa e na autonomia para que possam ampliar suas perspectivas profissionais e pessoais. Assim como, possam também desenvolver habilidades e competências para que cada aluno rompa com a tradicional sala de aula e que se incomode em ser um mero “aluno ouvinte” e passe a ser aluno protagonista e pesquisador, fomentando a reflexão crítica em relação à prática para que se torne uma exigência da relação Teórico/Prática sem a qual a teoria pode ir virando algo sem sentido e a prática, um ativismo (Freire, 2001).

Por isso, ao longo do segundo capítulo farei uma discussão sobre a ONHB e as repostas que obtive ao longo da pesquisa com os, aproximadamente, 200 alunos do 8º ano até a 3ª série do Ensino Médio. O ponto em destaque que pretendo fomentar é que os alunos possam ter a experiência em participar da ONHB, haja vista a possibilidade de refletir sobre os modelos padronizados capitalistas, neoliberais e que corroboram para a destruição ou invisibilidade de identidades e a criação de novas perspectivas de identidades, sem que haja um olhar crítico sobre ideologias e culturas. Um contexto que vai se esvaziando a cada instante, por isso, muito mais que entender o espaço escolar como um espaço de cultura e movimentos sociais é imprescindível compreender o movimento e o debate sobre identidades e a ONHB se propõe em cada fase a apresentar caminhos para esse desafio.

Contudo, mesmo diante da possibilidade da homogeneia imposta a diversidade, é importante que o aluno perceba que esta permanece e, assim surgem as reivindicações dos grupos minoritários em busca de sair do silêncio e da invisibilização (Hall, 2001. Carie; Silva, 2022). Nesse sentido, é importante promover um constante diálogo sobre temas relevantes e sensíveis na sociedade brasileira ao mesmo tempo em que alerta para os padrões hierárquicos que associam a história nacional aos grandes ciclos econômicos e levam à invisibilidade histórica de regiões nacionais no discurso histórico geral (Meneguello, 2011).

Entretanto, trazer essa discussão sobre a ONHB somando com a possibilidade da sala de aula ser transformada em um espaço de (re)construção coletiva da História do Brasil, onde passado e presente se entrelaçam cotidianamente e, reescrevem novos desafios para a sociedade atual nos faz refletir sobre a seguinte ideia de Lowenthal (2012), quando ele propõem que:

Não temos consciência da maioria desses resíduos, atribuindo-os somente ao momento presente; um esforço consciente é necessário para *reconhecer* que eles advêm do passado. Eu preciso ser moderno: vivo agora, medita um personagem de Robertson Davies. Mas assim como todos... vivo num emaranhado de épocas e algumas de minhas ideias pertencem ao agora, algumas a um passado remoto e outras a tempos que parecem mais relevantes a meus pais do que a mim. O *mélange* de épocas geralmente passa despercebido, visto que é tido como a própria natureza do presente. As facetas do passado, que perduram em nossos gestos e palavras bem como em regras e artefato, surgem para nós como passado somente quando as reconhecemos como tais (Lowenthal, 2012, p. 64).

Portanto, a ONHB é uma oportunidade para que o aluno possa coletivamente construir um olhar científico para a História do Brasil e para professor, de certa maneira, ela rompe com o modelo de sala de aula, com a proposta de aula somente expositiva. Essa competição estimula a busca pelo conhecimento e a utilização de outras ferramentas de aprendizagens, sejam materiais ou virtuais.

CAPÍTULO 2 ANALISANDO AS PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA ONHB NAS ESCOLAS: CONSTRUINDO UM CAMPO DE PESQUISA.

Um dos papéis fundamentais do professor-pesquisador é ir a fundo em seu projeto para vivenciar situações que no próprio cotidiano da escola passariam despercebidas em meio a grande quantidade de informações. Por isso o tema escolhido nessa pesquisa é de extrema relevância, uma vez que aborda o Ensino de História, a ONHB, o professor e o aluno, considerando as práticas educacionais que alicerçam a formação crítica, principalmente, do alunado. Fomenta, assim, a relação sobre uma constante autoavaliação, enquanto práxis do fazer da Ciência Histórica para levar ao aluno a noção de que não é somente a história enquanto ciência que produz narrativas sobre o passado (Rüsen, 2001).

Investigar o Ensino de História passando pela ONHB proporciona um processo de produção de conhecimento envolvendo alunos que participam e alunos que nunca participaram desta olimpíada. Logo, não fixei a pesquisa em uma escola específica e, sim em alunos que estudam a partir do 8º ano dos Anos Finais até os alunos da 3ª série do Ensino Médio.

A ideia desta pesquisa é analisar o Ensino de História e a participação ou não dos alunos na ONHB, a partir da aplicação de um questionário¹⁰ aproximando aos conceitos como, memória, memória coletiva, processos históricos e construção de narrativas, patrimônio, justamente, para dialogar com os alunos sobre o papel da História enquanto Ciência no campo de conhecimento das Humanas, sabendo que história e memória são distintas (Nora, 1993). Pois segundo Jörn Rüsen (2001):

A expressão “histórica” não se limita à ciência da história, mas designa igualmente as operações elementares e gerais da consciência histórica humana. Nelas se baseiam os modos de pensar determinantes da história como ciência e é a partir delas que eles devem ser fundamentados e esclarecidos, ademias, abordar-se-á a pretensão da racionalidade que a ciência da história possui com relação a seu modo específico de pensar historicamente (Rüsen, 2001, p. 12).

E reforça esse entendimento quando:

Recusa em olhar a história como uma disciplina escolar para uma cidadania com enfoques particulares não significa que ela seja encarada como um saber inerte, para simples deleite subjetivo: espera-se que o aparato conceitual da história habilite os jovens a desenvolverem

¹⁰ Apresentarei o modelo de questionário utilizado na pesquisa no apêndice.

de forma objetiva, fundamentada porque assente na análise crítica da evidência, as suas interpretações do mundo humano e social, permitindo-lhes, assim, melhor se situarem no seu tempo. A consciência histórica será algo que ocorre quando a informação inerte, progressivamente interiorizada, torna-se parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no quotidiano (Schmidt; Barca; Garcia, 2011, p. 16).

2.1 INQUIETAÇÕES SOBRE A ONHB.

O questionário apresentado neste tópico, foi aplicado para um total de 203 alunos com o cuidado de obter respostas em todas as séries que participam da ONHB, ou seja, do 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais até a 3ª série do Ensino Médio. O que se esperava era aproximar a concepção dos estudantes voltada para o Ensino de História, a sala de aula e, principalmente, a Olimpíada Nacional em História do Brasil, como uma proposta de construção do saber histórico para além da sala de aula.

No questionário constam 10 questões sendo todas discursivas e em alguns momentos algumas questões são pré-requisitos para outras, ou seja, nem todos os alunos responderão todas as questões. Mas consegui aplicar para 203 alunos entre 13 e 17 anos de idade. Por um princípio ético, não colocarei os nomes dos alunos que participaram da pesquisa, em alguns momentos, caso seja necessário, serão representados por letras ou por números aleatórios.

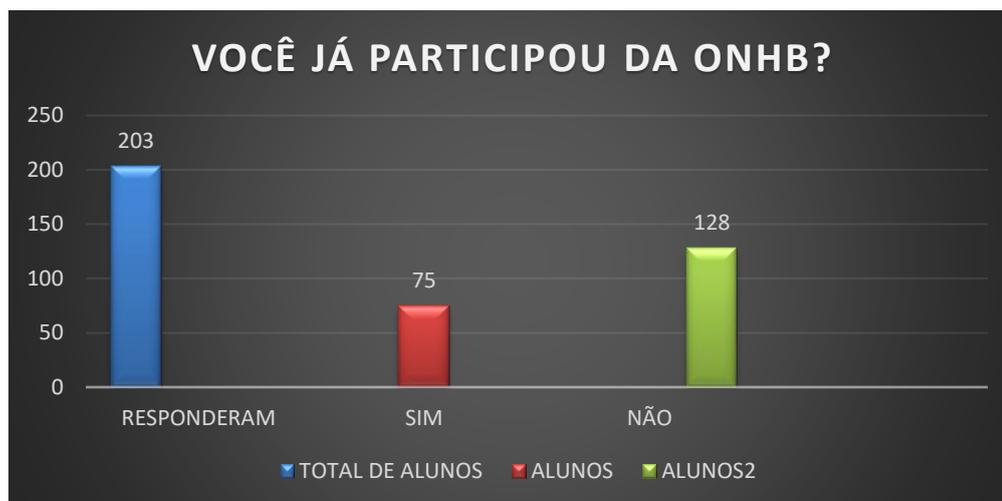
A primeira questão tratou sobre a participação na ONHB, veja a tabela e o gráfico a seguir.

TABELA 3 – 1ª Questão e respostas

PERGUNTA 01	
VOCÊ JÁ PARTICIPOU DA ONHB?	
Alunos que participaram da pesquisa	203
Total de respostas	203
Respostas (sim)	75
Respostas (não)	128

Fonte: Autor dessa pesquisa.

Figura 12: Gráfico 4 – 1ª questão e relação de respostas dos alunos



Fonte: Autor dessa pesquisa.

A partir desse universo de pesquisa é possível perceber que há uma certa resistência por parte de muitos alunos a não participarem dessa competição, talvez – pois não cheguei a levantar esse ponto durante a pesquisa –, pelo formato dessa olimpíada, uma vez que a mesma atravessa pelo calendário de provas bimestrais nas escolas. já que as fases online acontecem nos meses de maio a junho e a final que é presencial no mês de agosto.

Contudo, essa quantidade de alunos que já participaram da ONHB como revela o gráfico, me faz refletir no sentido de fomentar ainda mais o que se busca sobre o Ensino de História e sobre o protagonismo dos alunos enquanto pesquisadores e construtores de uma consciência história. Por isso é importante perceber esse entendimento sobre história enquanto ciência a partir da análise de Jörn Rüsen (2001) quando afirma que,

A práxis dos historiadores – vale dizer, sua pesquisa e sua historiografia – é por sua vez “teoria” (no sentido coloquial do termo) porque, como operação cognitiva, vai além do agir prático, colocando-o por conseguinte, em uma perspectiva de dimensão histórica que os profissionais, em sua prática concreta, não tematizam explicitamente. Com respeito a essa dimensão “teórica”, a teoria da história é uma metateoria, uma teoria (reflexiva) da teoria, um pensar sobre o pensamento histórico, cujo eixo é a racionalidade (Rüsen, 2001, p. 15).

Portanto, é necessário perceber os níveis de entendimento dos alunos suas realidades, sobre seus relacionamentos com os amigos, familiares, sobre o espaço

escolar, sobre a sala de aula e sobre as vivências cotidianas, justamente, para tentar identificar se há compreensão sobre a história como um discurso que opera para a desnaturalização da natureza e da memória (Nora, 1993). Em uma escalada pedagógica, diria que seria um caminho pelo qual o aluno percorre para que ocorra uma (re)construção do próprio ser, enquanto ser humano. E nesse contexto é importante destacar o pensamento de Jörn Rüsen (2001) quando faz uma reflexão a um conceito considerado correto sobre,

A opinião padrão sobre o que a didática da história é, como ela funciona e onde está situada no reino das humanidades é a seguinte: a didática da história é uma abordagem formalizada para ensinar história em escolas primárias e secundárias, que representa uma parte importante da transformação de historiadores profissionais em professores de história nestas escolas. É uma disciplina que faz a mediação entre a história como disciplina acadêmica e o aprendizado histórico e a educação escolar. Assim, ela não tem nada a ver com o trabalho dos historiadores em sua própria disciplina. A didática da história, sob essa visão, serve como uma ferramenta que transporta conhecimento histórico dos recipientes cheios de pesquisa acadêmica para as cabeças vazias dos alunos (Rüsen, 2001, p. 23-24).

E que categoricamente desconstrói quando afirma que

Esta opinião é extremamente enganosa. Ela falha em confrontar os problemas reais concernentes ao aprendizado e educação histórica e à relação entre didática da história e pesquisa histórica. Além disso, ela limita ideologicamente a perspectiva dos historiadores em sua prática e nos princípios de sua disciplina (Rüsen, 2011, p. 23-24)

2.2. SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM “NÃO”.

Agora, darei ênfase nos alunos que responderam “não” na primeira questão (quadro e tabela anteriores). A finalidade é aproximar de possíveis compreensões sobre os fatores que levaram à não participação na ONHB, uma vez, que o quantitativo de alunos que responderam “não” é significativo, ou seja, 128 alunos de um total de 203.

Na tabela, apresento as 128 respostas “não” correspondentes aos alunos que nunca participaram da ONHB e, conseqüentemente, o resultado da pergunta se havia uma certa vontade em participar em algum momento da olimpíada e, obtive 04 situações as quais foram as seguintes: 68 alunos demonstraram interesse em participar

de alguma edição, 42 alunos disseram que não participariam de nenhuma edição, 04 alunos alegaram que talvez poderiam participar e, para finalizar, 14 alunos não responderam, ou seja, deixaram esse campo do questionário em branco. Diante do resultado anterior fica a reflexão ao professor de história que ao transformar a sua prática docente a partir das carências ou necessidades dos seus alunos poderá indagar juntos aos mesmo o que poderia ser feito para uma melhor compreensão do Ensino de História, sendo assim,

Ao buscar responder a tais questionamentos, os pesquisadores propugnam que a sala de aula se constitua num espaço rico de possibilidades de interações entre os estudantes, as quais favoreçam a tomada de consciência de sua própria historicidade, relacionada à história do outro e das coletividades (Caimi, 2009, p. 69)

TABELA 4 – Respostas negativas à participação na ONHB.

VOCÊ TERIA VONTADE EM PARTICIPAR DE ALGUMA EDIÇÃO DA ONHB?	
Alunos que responderam: sim	68
Alunos que responderam: não	42
Alunos que responderam: talvez	04
Alunos que deixaram em branco	14
Total de alunos que responderam	128

Fonte: Autor dessa pesquisa.

Figura 13: Gráfico 5 – Respostas negativas à participação na ONHB



Fonte: Autor dessa pesquisa.

O interessante em analisar o resultado acima é que dos 128 alunos que nunca participaram em quaisquer das 16 edições da ONHB, 42 disseram “não”, 04 responderam “talvez”, 14 nem escreveram nada. Mas 68 demonstraram interesse, seja por uma vontade, por uma necessidade ou até mesmo por uma curiosidade em experimentar essa competição, o que seria aproximadamente 53% dos que disseram “não” na primeira pergunta do questionário aplicado.

Percebe-se que a História está em constante movimento, despertando a busca por uma criticidade dos fatos e acontecimentos e que na verdade somos a qualquer momento, a soma de todas as nossas experiências e como afirma David Lowenthal (1998):

O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado; reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, porque já os vimos ou já os experimentamos. E o acontecimento também é parte integral de nossa própria existência (Lowenthal, 1998, p. 64).

E esse pode ser um caminho para que novos alunos se tornem alunos olímpicos na ONHB, culminando para o tão esperado protagonismo estudantil, pois quando reconhecemos a nós, reconhecemos também quem somos no tempo histórico e quais sujeitos da história queremos ser.

2.3 SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM “NÃO”, MAS DEMONSTRARAM INTERESSE EM PARTICIPAR DA ONHB.

Sobre os alunos que responderam “não” na primeira pergunta do questionário aplicado, mas que sinalizaram “sim” quando foram perguntados se havia uma vontade em participar de alguma edição, foi possível perceber que a História mesmo não sendo o foco principal desses alunos faz algum sentido para eles, de acordo com a tabela que demonstrarei a seguir a partir das justificativas apresentadas. A tabela foi construída com base nas justificativas sobre a pergunta do questionário aplicado “você teria vontade em participar de alguma edição da ONHB?”.

Sobre os alunos que responderam sim (um total de 68), a tabela ficou dessa forma.

TABELA 5 – Responderam afirmativamente à participação na ONHB.

Gostam de história	16
Consideram a história interessante	18
Oportunidade para expandir o conhecimento	23
Acumular vivências e experiências	08
Desafio	05
Consideram a história importante	02
Total de Justificativas	72

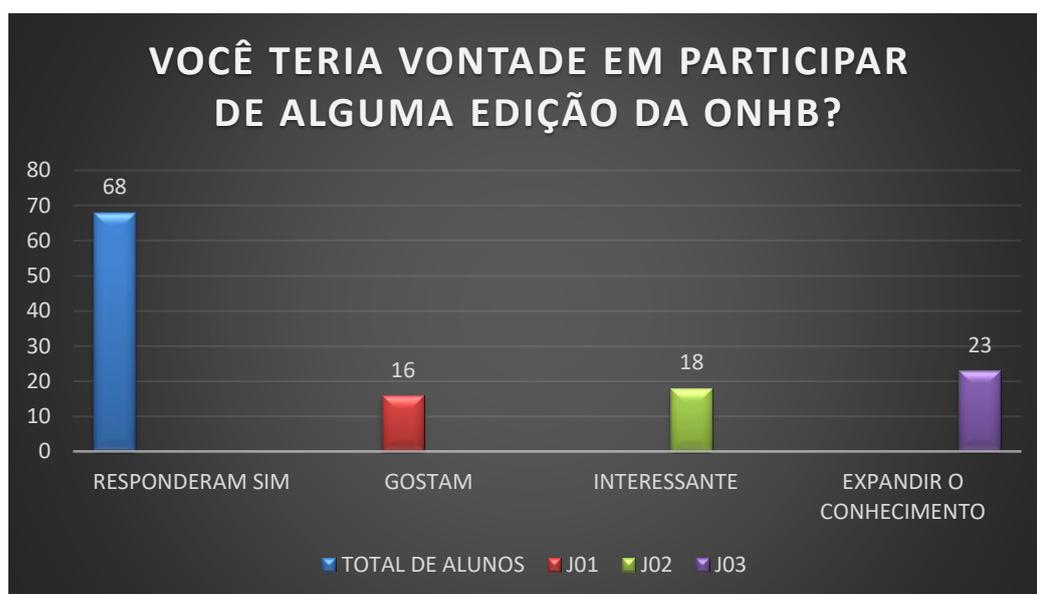
Fonte: Autor dessa pesquisa.

É possível destacar que mesmo não participando da ONHB, os alunos demonstraram vontade em participar de alguma edição, ou seja, há um certo interesse com a História enquanto um campo de conhecimento que proporciona momentos dentro e fora da sala de aula em uma proposta de autonomia para o educando a partir de suas próprias vivências e experiências (Freire, 2001).

A análise que farei será de acordo com a quantidade de justificativas respondidas, já que alguns alunos fizeram mais de uma ponderação em suas respostas. Com isso, o resultado ficou ainda mais estimulante quando encontramos as seguintes situações: 16 respostas indicam o gosto pela História, 18 a consideram interessante, 23 destacam uma oportunidade para expandir o conhecimento, 08 trouxeram a ideia de acumular vivências e experiências, 05 encaram a ONHB como um desafio e 02 consideram importante.

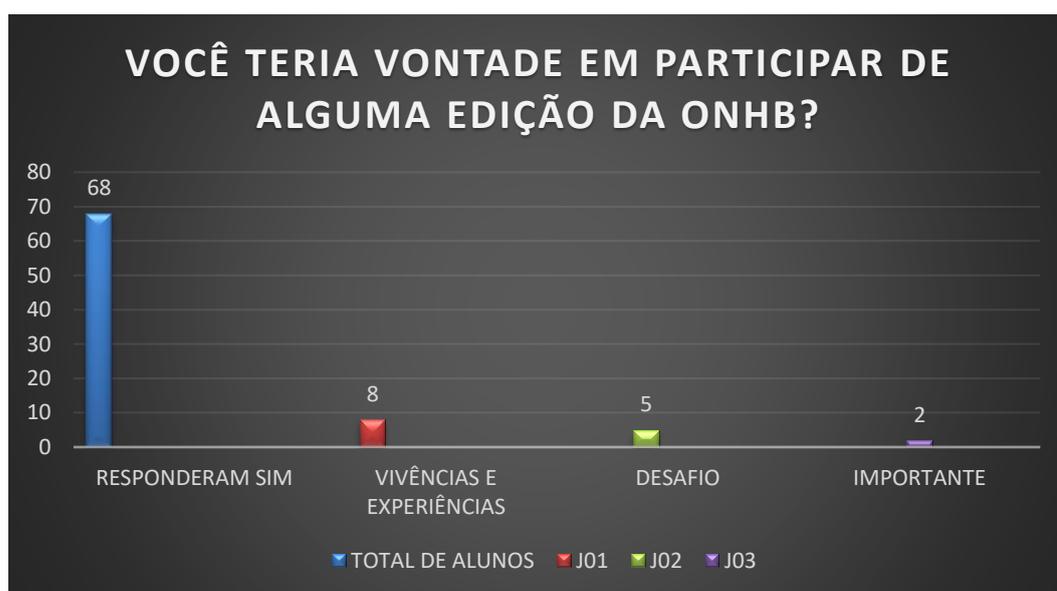
Portanto, percebi algumas semelhanças nas justificativas, as quais trazem à tona a ideia de memória como algo repleto de acontecimentos anteriores manifestados na atualidade, a partir de uma comunicação oral resultante de uma possível experiência pessoal (Nora, 1993). Na apresentação dos resultados teremos dois gráficos para melhor visualização.

Figura 14: Gráfico 6 – Sim à participação na ONHB.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Figura 15: Gráfico 7 – Motivos para participar da ONHB.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Os gráficos acima trazem 68 respostas dos alunos com 72 justificativas interessantes sobre uma possível participação na ONHB e também para com a própria História enquanto ciência. Dessa forma, o estímulo de novos alunos para que possam viver essa experiência olímpica proporcionará de forma significativa o fomento do ensino de História, através de uma participação protagonizada pelo aluno, assim como menciona a professora Cristina Menegello (2011) na citação na outra página:

O trabalho em equipe, e com consulta permite, então, questionar os moldes tradicionalmente competitivos dos eventos do tipo Olimpíada. A velocidade da resposta não é tão importante quanto a capacidade de leitura e reflexão, próprias às ciências humanas. Desde modo, ainda, criam-se hábitos de consulta e de estudo e a aquisição progressiva de conhecimento (Meneguello, 2011, p. 7).

Portanto, mesmo aos alunos que não demonstram tanto interesse, é possível que a partir de uma primeira participação pudessem mudar essa realidade e criar laços com a pesquisa e com as Ciências Humanas, pois a ONHB é uma grande ferramenta ou um verdadeiro instrumento para o Ensino de História.

2.4 SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM “NÃO” E, NÃO DEMONSTRARAM INTERESSE EM PARTICIPAR DA ONHB.

De acordo com o resultado referente aos 42 alunos que não demonstraram interesse em participar da ONHB, encontrei as seguintes situações: dos 42 alunos, 27 responderam que não participam por falta de interesse e por não terem vontade, 04 alunos não dispõem de tempo, 05 alunos se consideram incapazes em participar, 02 alunos acreditam que a olimpíada é trabalhosa e os 02 alunos restantes disseram ter medo da competição.

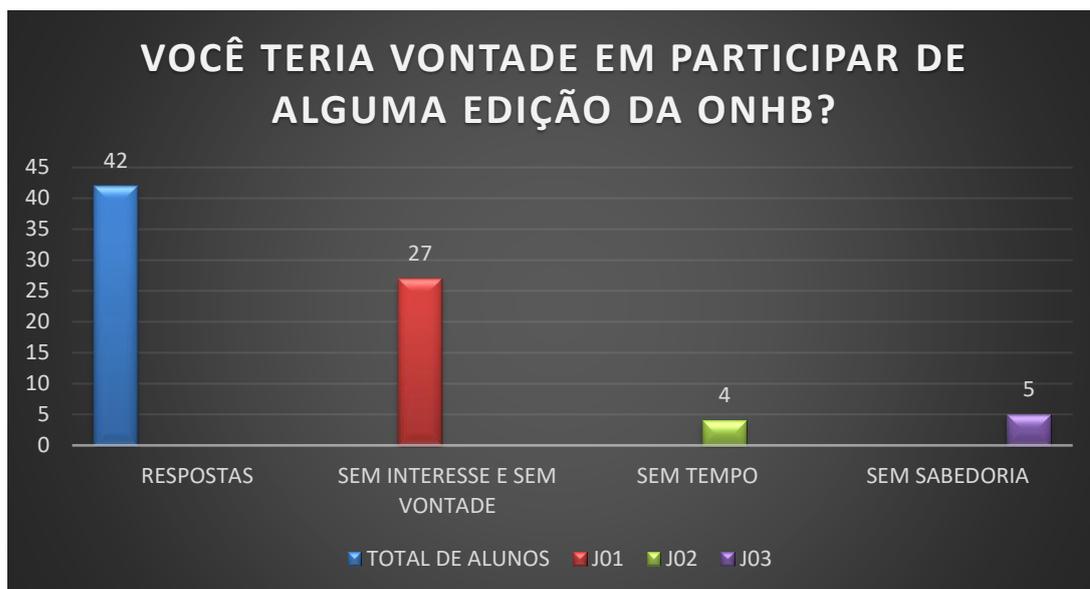
Embora todas as respostas obtidas mereçam atenção, duas ficaram marcadas que foram: “sem sabedoria” e “medo”. É temerário que adolescentes vejam a História como algo pavoroso ou muito acima de sua capacidade intelectual. Trabalhar o emocional e valorização da autoestima desses alunos poderia ser um grande passo para superar essa barreira traumática em relação à história. Veja como ficou a tabela a seguir:

TABELA 6 – Respostas negativas a participação na ONHB

VOCÊ TERIA VONTADE EM PARTICIPAR DE ALGUMA EDIÇÃO DA ONHB?		
AS RESPOSTAS DOS ALUNOS QUE DISSERAM “NÃO”		
01	Sem interesse e sem vontade	27
02	Sem tempo	04
03	Sem sabedoria para participar	05
04	A onhb é trabalhosa	02
05	Tem medo	02
06	Não justificaram	02
TOTAL		42

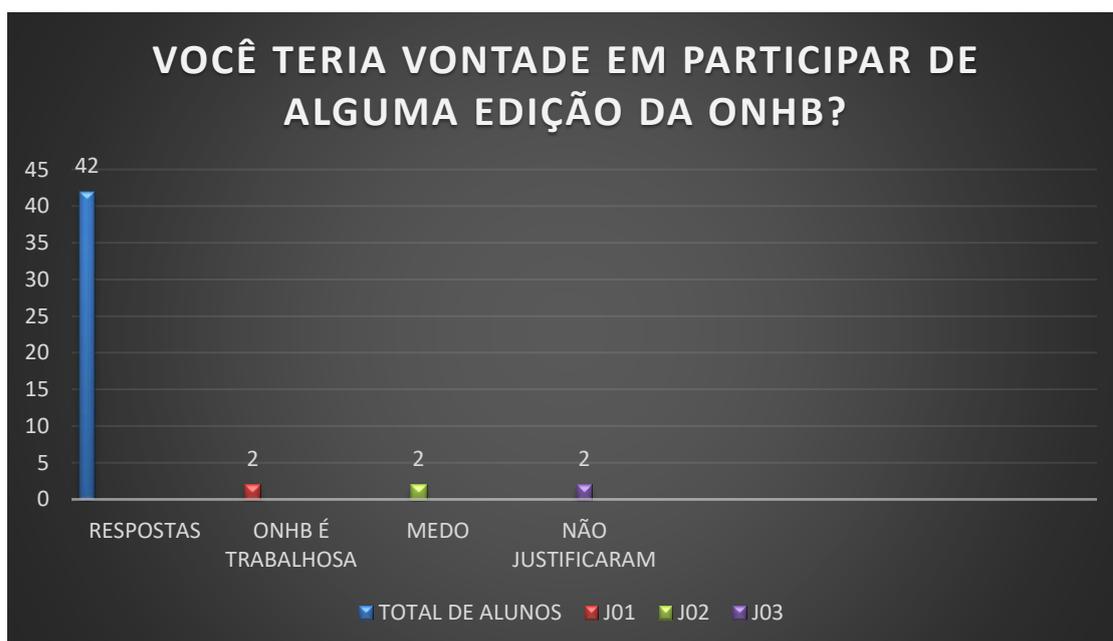
Fonte: Autor dessa pesquisa.

Figura 16: Gráfico 8 – Resposta negativa à participar da ONHB.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Figura 17: Gráfico 9 – Motivos para não participar da ONHB.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

A partir das análises tanto da tabela quanto dos gráficos é possível perceber algumas justificativas temerárias em relação ao Ensino de História, pois, alguns alunos demonstraram um distanciamento profundo com o conhecimento das Ciências

Humanas¹¹ e, tais aspectos me trazem a mente a afirmação da pesquisadora Flávia Caimi (2009) a seguir:

Conheço um sábio provérbio que diz: “para ensinar história a João é preciso entender de ensinar, de história e de João”. Há algumas décadas se pensava que para ensinar história bastaria entender de história, pois o ensino dessa disciplina consistia num processo de transmissão de conhecimentos históricos protagonizados pelo professor, e, conquanto este utilizasse técnicas e recursos adequados, a aprendizagem “de João” seria uma consequência natural. Há que se considerar, no entanto, que nos processos de ensinar e aprender história estão implicados três elementos indissociáveis, quais sejam: a natureza da história que se escolhe ensinar, com seus conceitos, dinâmicas, operações, campos explicativos; as opções e decisões sobre aspectos de natureza metodológica, a transposição didática ou o “como ensinar”; e a especificidade da aprendizagem histórica, que pressupõe o desenvolvimento de estratégias cognitivas, de noções e conceitos próprios dessa área de conhecimento com vistas à construção do pensamento histórico por crianças, jovens e adultos (Caimi, 2009, p. 71).

Ainda, segundo a Flávia Caimi:

Desde que se admitiu, em assuntos pedagógicos, que o conhecimento não é uma cópia da realidade e que para conhecer um objeto não basta simplesmente olhá-lo e dele fazer uma imagem mental, a tarefa de ensinar — ensinar história, em especial — tornou-se uma das mais complexas e desafiadoras da nossa época (Caimi, 2009, p. 71).

Dessa maneira, foi possível perceber que para alguns alunos a História enquanto Ciência não desperta interesse ou algo semelhante à curiosidade é sem dúvida um alerta para que professores possam debater sobre caminhos para aproximar esses alunos ao saber histórico.

¹¹ Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da natureza e suas tecnologias por meio de um olhar articulado da Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Sendo o aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes conceitos em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em relações sociais, modelos econômicos, processos políticos, pluralidade cultural, historicidade do universo, do homem e natureza, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino. <https://www.gov.br/mec/pt-br>

2.5. SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM “TALVEZ” OU NÃO RESPONDERAM.

Um outro aspecto para análises que obtive nas respostas foram os 18 alunos que dos quais 04 só responderam “talvez” em relação a uma possível participação na ONHB e 14 alunos não apresentaram nada como resposta e sequer uma justificativa, simplesmente, deixaram em branco e, assim ficou¹². Essas respostas podem indicar desmotivação em relação ao estudo mesmo e sem vontade de estudar não apenas a disciplina História. Uma busca ativa e um processo de escuta nesses alunos poderia revelar o que tanto incomoda esses estudantes ao fato de não se motivarem para competições tão desafiadoras. Entender o que o aluno sente é fundamental para o processo de aprendizagem significativa e para construção de um ser pensante e atuando na vida social. Veja a tabela a seguir, juntamente, com o gráfico referente as informações contidas acima.

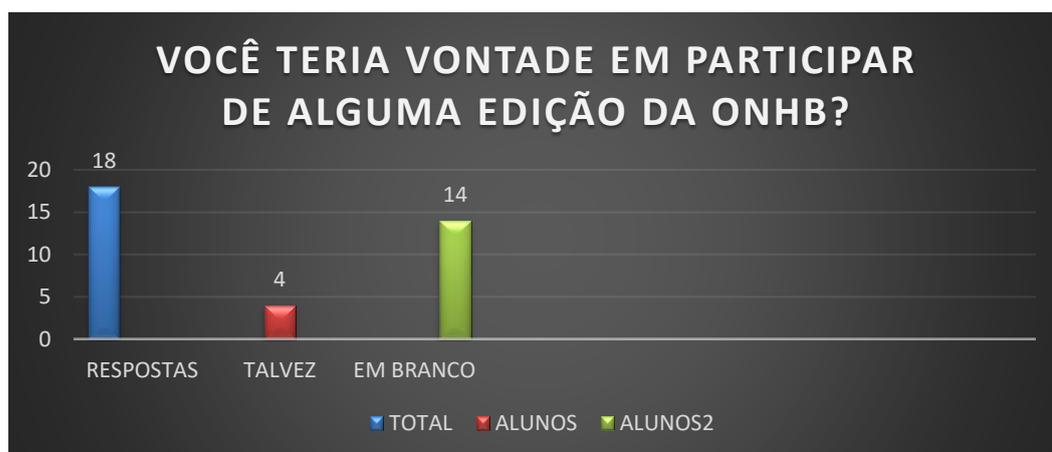
TABELA 7 – Respostas em branco.

VOCÊ TERIA VONTADE EM PARTICIPAR DE ALGUMA EDIÇÃO DA ONHB?		
QUANTITATIVO DOS ALUNOS QUE RESPONDERAM “TALVES” OU “DEIXARAM EM BRANCO”		
01	Talvez	04
02	Em branco	14
TOTAL		18

Fonte: Autor dessa pesquisa.

¹² Talvez devesse explorar mais, principalmente, esses dois últimos resultados, porém, visualizei mais as outras respostas que deixei quase no esquecimento o “talvez” e o “não” pelo não. Caberia a mim, enquanto professor de História identificar essas narrativas em forma de respostas. Portanto, aqui deixo a seguinte pergunta: haveria ou há traumas nesses alunos em relação à História, ao ensino de História e à própria ONHB?

Figura 18: Gráfico 10 – Respostas em branco.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Certamente, esses dados são muito importantes para compreender o desinteresse dos alunos em um dia poder participar da ONHB. Porém, nessa pesquisa não fui mais a fundo para tentar elucidar esses aspectos. Portanto, com todas essas possibilidades de análises através dessas respostas dos alunos e ainda não exploradas suficientemente, torna-se importante enfatizar que o conhecimento educacional é imprescindível para compreendermos o que Peter Burke (2003) descreve na citação da próxima página:

Segundo alguns sociólogos, vivemos hoje numa 'sociedade do conhecimento' ou 'sociedade da informação', dominada por especialistas profissionais e seus métodos científicos. Segundo alguns economistas, vivemos numa 'economia do conhecimento' ou 'economia da informação', marcada pela expansão de ocupações produtoras ou disseminadoras de conhecimento. O conhecimento também se tornou uma questão política importante, centrada no caráter público ou privado da informação, e de sua natureza mercantil ou social. Historiadores do futuro decerto poderão se referir ao período em torno do ano 2000 como a 'era da informação' (Burke, 2003, p. 10).

É, justamente, nesse contexto de tantas informações que ainda encontro alunos que não buscam o conhecimento histórico através da pesquisa científica. Não há espaço para uma sala de aula tomada por práticas conteudistas e de certa forma construindo ou mantendo um aluno meramente "ouvinte". Portanto, pensar o Ensino de História como proposta de (re)construção de conceitos se faz necessário o

amadurecimento histórico, para alcançar a consciência histórica a partir da orientação temporal voltado para a criticidade dos alunos e do professor (Barca, 2007).

2.6 SOBRE OS ALUNOS QUE RESPONDERAM QUE JÁ PARTICIPARAM DA ONHB.

Esse segundo momento analisarei as respostas obtidas dos alunos que já participaram de alguma edição da ONHB e suas respectivas observações sobre a mesma. A ideia é compreender de que maneira a olimpíada passa a contribuir para a formação desses adolescentes para a vida educacional e pessoal. Por isso a importância dessa competição, pois, estimula importantes debates e apresenta resultados cada vez mais consistentes para o Ensino de História, trazendo a sala de aula para o debate historicizado transformando o aluno e o professor coparticipe do processo cognitivo de um sujeito cognoscente (Rüsen, 2001). Por isso, é importante a utilização de outras abordagens para que a sala de aula se transforme em um espaço de múltiplas perspectivas, mesmo quando Leandro Karnal (2007) traz a reflexão quando diz que,

Talvez pela concepção de tempo e uma sensibilidade específica para o social, os professores da área de Humanas parecem muito angustiados com sua atuação. A boa vontade da mudança esbarra tanto nos vícios tradicionais da escola como na resistência multifacetada de pais, direção, colegas e alunos. (Karnal, 2007, p. 7).

Dessa forma, é justamente nesse contexto de uma era da informação (Burke, 2003) que o papel do professor precisa ser de orientador, estimulador, sedutor para que juntamente com o aluno encontrem ferramentas e fontes históricos variadas para que possam construir o protagonismo em relação ao Ensino de História e razão de uma educação libertadora, compreendendo que o novo quando ultrapassado por outro conhecimento se faz velho e este já espera outro amanhã (Freire, 2001). Por isso, que nas palavras de Janice Theodoro,

Muitos pensam que a comunicação e a tecnologia são a pedra do toque da sociedade contemporânea. Eu diria que ambas são partes de um profundo processo de transformação. Os avanços tecnológicos foram constantes na história da humanidade. As invenções do fogo, da cerâmica, da roda, do aqueduto, do uso do vapor etc. marcaram a vida de diferentes civilizações, mas foram alterando os hábitos lentamente. (...)Hoje, tudo muda a toda hora, tornando difícil a sobrevivência dos homens que constituíram hábitos, costumes, tradições e que resistem a formas diferentes de vida. Hoje o homem pode trabalhar e, sem muitas dificuldades, mudar de profissão. Essas mudanças são difíceis, mas possíveis de viver e compreender. Difícil mesmo conviver, conviver com a ideia, por exemplo, do fim do emprego. Difícil porque o que muda é a premissa. (Theodoro, 2007, p. 49).

Contudo, esse dinamismo de conhecimentos sendo produzido é o que (re)constrói toda relação de historicidade entre os seres humanos e, a sala de aula, surpreendentemente, é um espaço favorável quando o professor pensa correto e proporciona ao aluno um mundo repleto de significados. É a partir dessa relação sala de aula, ensino de história, professor, aluno, pesquisa, ciências humanas e ONHB que apresentarei os dados sobre os 75 alunos que já participaram da olimpíada e que responderam ao questionário aplicado. A tabela a seguir é bastante objetiva, pois traz o total de respostas, ou seja, 203 e, apresenta os 75 alunos que já participaram, veja como ficou essa construção.

TABELA 8 – Alunos que participaram da ONHB

VOCÊ JÁ PARTICIPOU DA ONHB?		
01	sim	75
02	não	128
TOTAL		203

Fonte: Autor dessa pesquisa

Iniciarei as abordagens sobre as respostas “sim”, ou seja, os 75 alunos que já participaram ao menos de uma edição da ONHB e, compreender as motivações, as perspectivas, as mudanças na vida escolar desses alunos, como a seguir:

TABELA 9 – Alunos por edição da ONHB.

QUANTAS EDIÇÕES DA ONHB VOCÊ JÁ PARTICIPOU?	
Alunos	Edição/edições
57	01
18	02
TOTAL DE ALUNOS: 75	TOTAL DE EDIÇÕES: 03

Fonte: Autor dessa pesquisa.

Sobre o resultado da tabela anterior é importante ressaltar que a maioria dos alunos que responderam ao questionário eram do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental Anos Finais. Por isso, os dados indicam a participação em uma edição com maior frequência. O gráfico sobre os dados obtidos referente a pergunta: “quantas edições da ONHB você já participou?”

Figura 19: Gráfico 10 – Quantidade de alunos por edição.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

A partir do gráfico acima pode-se promover o despertar dos alunos pelo interesse em História é uma possibilidade para a formação de seres humanos reflexivos, críticos e que possam atuar de forma coletiva em prol da sociedade. Como bem mencionam que,

Na desconstrução, na reconstrução e na construção de discursos, é preciso pôr os alunos a raciocinarem por si, a usarem os métodos dedutivo e indutivo. Pelo métodos dedutivo, vai-se do geral ao particular, do princípio à conclusão. Seu modelo é o silogismo, um raciocínio dado pela sucessão da premissa, premissa intermediária e conclusão. Pelo método indutivo, com base na generalização, a uma “lei”, a uma asserção-conclusão que explica um conjunto de fatos (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 46).

Levando em consideração que o alunado atualmente está inserido em um outro contexto social, político e cultural, bem distante daquela sala de aula onde o ensino era tradicional, pronto e acabado quando era moldado a partir da autoridade do

saber exercido, exclusivamente, pelo docente, sem que o protagonismo dos alunos pudesse se fazer presente. Por isso, que a ONHB dentro dessa configuração de aluno-pesquisador pode ser uma excelente estratégia para que a História em sala de aula atenda aos interesses dos alunos, ou seja, para sua realidade e para seu tempo, dando mais sentido para o que se vive do que para o que outros viveram (Bloch, 2021).

Portanto, as mudanças que acontecem em sala de aula já é uma realidade, quando há o Ensino de História voltado para um estudo social, onde pessoas do cotidiano surgem em formas de debates entre alunos e são reconhecidas como sujeitos históricos, isso é uma (re)construção de tudo aquilo que um dia foi dado como certo e definitivo dentro dos estudos históricos (Pinsky, 2019). É o que enfatiza Circe Bittencourt quando aponta que,

O Ensino de História se destaca por mudanças marcantes em sua trajetória escolar que a caracterizavam, até recentemente, como um estudo mnemônico sobre um passado criado para sedimentar uma origem branca e cristã, apresentada por uma sucessão cronológica de realizações de “grandes homens” para uma “nova” disciplina constituída sob paradigmas metodológicos que buscam incorporar a multiplicidade de sujeitos construtores da nação brasileira e da história mundial (Bittencourt, 2018, p. 127).

Pode-se dizer que por estas mudanças no ensino de História que a ONHB se faz importante, uma vez que, a partir da proposta dessa competição o aluno tem a possibilidade em mergulhar na pesquisa e aprofundar os debates históricos, sociais, políticos e culturais.

2.7 SOBRE AS FASES QUE OS OLIMPIANOS CONSEGUIRAM CHEGAR.

A ONHB está estruturada da seguinte maneira, são 07 fases divididas da seguinte forma: a primeira fase são 11 questões de múltipla escolha, mais uma tarefa; a segunda fase são 11 questões de múltipla escolha, mais uma tarefa; a terceira fase são 12 questões de múltipla escolha, mais uma tarefa; a quarta fase são 12 questões de múltipla escolha, mais uma tarefa; a quinta fase é uma tarefa; a sexta fase é uma tarefa e a fase final é constituída por desafios diversos. Com exceção da última e sétima fase, que é a grande final presencial as demais são *on-line* e sempre com duração semanal. A tabela a seguir mostrará os resultados alcançados pelos alunos que responderam ao questionário.

TABELA 10 – Fase a que chegaram os alunos.

EM QUAL FASE VOCÊ E SUA EQUIPE CHEGARAM?	
Alunos	Fases
09	1ª fase
09	2ª fase
21	3ª fase
34	4ª fase
01	5ª fase
01	não soube dizer
TOTAL: 75 ALUNOS	

Fonte: Autor dessa pesquisa.

Os critérios de cortes e aprovações em cada fase são os seguintes de acordo com o regulamento da ONHB¹³. Na primeira fase, serão aprovados no mínimo 80% dos participantes (eliminados 20% dos participantes da fase); na segunda fase, serão aprovados no mínimo 60% dos participantes (eliminados 40% dos participantes da fase); na terceira fase, serão aprovados no mínimo 50% dos participantes (eliminados 50% dos participantes da fase); na quarta fase, serão aprovadas no máximo 1800 equipes (este número pode ser alterado exclusivamente a partir da deliberação da Comissão Organizadora, em caso de alteração, para mais ou para menos, a Comissão Organizadora registrará em “Comunicado Oficial” o novo limite de equipes que participação da fase seguinte); o número de equipes aprovadas na fase 4 não é ou será relacionado à uma proporção do número de equipes inscritas, mas sim à deliberação da Comissão Organizadora que levará em conta exclusivamente a operacionalidade da tarefa da fase 5 e sua de correção na fase 6; na quinta fase, serão aprovadas todas as equipes que enviarem a tarefa; após a sexta fase, serão convocadas no mínimo 200 equipes. A aprovação em todas as fases levará em conta a proporção de equipes por nível de ensino.

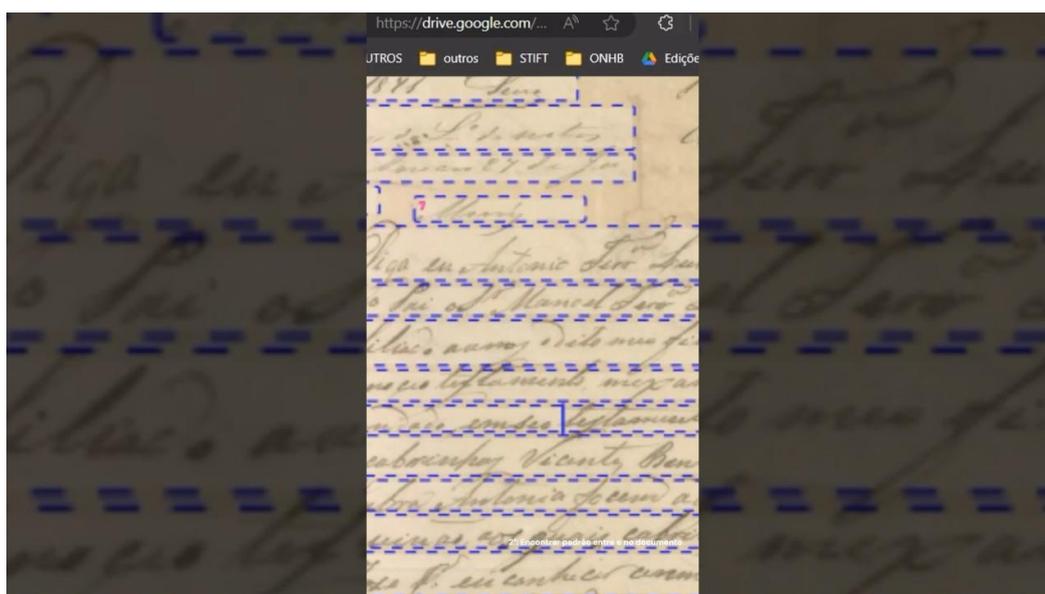
Com base na tabela, percebi que entre os alunos olímpicos há uma grande dificuldade em passar da 4ª fase da competição, dois fatores merecem atenção para essa situação. O primeiro fator é a aproximação das tradicionais avaliações

¹³ Você encontra o regulamento na íntegra na página oficial da Olimpíada Nacional em História do Brasil, no endereço <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb16/regulamento>

bimestrais, o que exige uma dedicação maior aos alunos por conta das provas e o segundo, está atrelado a dois pontos: a dificuldade da tarefa e o nível de critério de corte. A tarefa na 4ª fase da ONHB é considerada complexa por se tratar da transcrição de um documento do século anterior, em 2024, na 16ª edição o documento foi uma carta de 1928 de um acervo particular.

A proposta nessa fase é o que se conhece pelo termo Paleografia¹⁴ que consiste em uma análise e transcrição de documentos escritos antigos, ou seja, as equipes com auxílio do professor-orientador deverão decifrar o documento para transcrevê-lo, podendo optar pela grafia atual ou pela caligrafia da época. A seguir veja a imagem do documento apresentado na 4ª fase (tarefa) da olimpíada na 16ª edição, uma imagem de “escrita antiga” que está na próxima página.

Figura 20: Imagem 9 – Escrita Antiga.



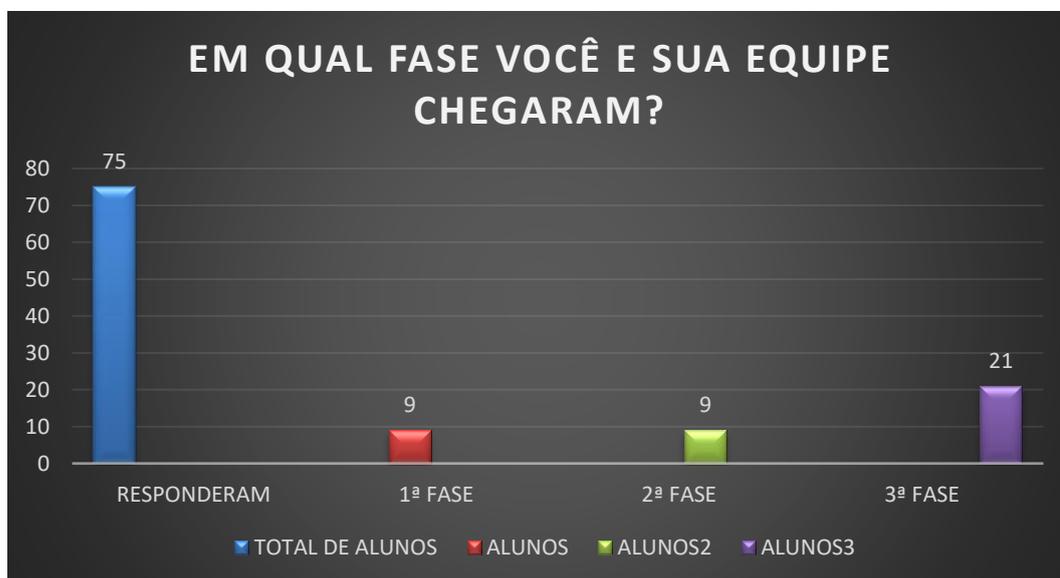
Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/imv9ukLVI2A/maxresdefault.jpg>

Pelo fato de se tratar de uma escrita antiga e também por ser um documento inédito o grau de dificuldade aumenta consideravelmente nessa fase, fato constatado pelos gráficos a seguir a partir dos dados tabelados anteriormente. Ou seja, somente

¹⁴ A Paleografia é o estudo de uma escrita inusual, antiga, cuja função é a leitura e a transcrição de documentos manuscritos e impressos para que o conteúdo possa ser disponibilizado para pesquisa e conhecimento. (<https://www.dhis.cefetmg.br>)

uma equipe avançou para a 5ª fase da olimpíada, de acordo com as respostas obtidas através do questionário.

Figura 21: Gráfico 12 – Participante por fase da ONHB.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Figura 22: Gráfico 13 – Fase por equipe na ONHB.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Com base nos gráficos acima é possível perceber que os alunos avançam até a 4ª fase, no entanto encontram o maior desafio para que possam atingir a 5ª fase. Em relação aos dados apurados, 09 alunos ficaram na primeira fase; outros 09 foram até a segunda fase; 21 conquistaram a terceira fase; 34 chegaram na complexidade,

ou seja, 4ª fase; um aluno alcançou com sua equipe a quinta fase e um aluno não recordou em qual fase conseguiu chegar com sua equipe.

Contudo, analisar a participação do aluno na olimpíada - como um processo de amadurecimento científico e de melhoria do mesmo enquanto um cidadão crítico e argumentativo - não é desmerecer a sala de aula, muito menos tachar como ineficientes práticas já conhecidas no cotidiano escolar e, sim como pontua Circe Bittencourt (2011), quando diz que:

A história do ensino de História, ao longo de sua trajetória como tema de pesquisa, tem buscado evitar os riscos de anacronismos ao analisar práticas pedagógicas entendidas como atrasadas ou em uma escala de contínuo progresso: de um ensino ruim para um ensino bom. Ao identificar esse risco, os pesquisadores têm se apoiado em categorias de análise de outros campos não podendo se limitar ao da história da historiografia ou da didática. Sem perder o constante diálogo com a produção historiográfica, incluindo a educacional, e, ao identificar a História escolar como conhecimento específico sem ser autônomo, as pesquisas, em sua maioria, dialogam com os referenciais de diferentes campos das ciências sociais, e igualmente com as teorias da comunicação, entendendo que correspondem a um setor do saber construído em função das necessidades de uma prática (Bittencourt, 2011, p. 97).

Por isso, é importante entender a ONHB como um ponto de partida para o saber científico, no entanto não iniciado do zero, mas sim trazendo a bagagem cultural dos alunos e envolvendo as componentes da área Humanas (Sociologia, Filosofia, Geografia e História) somando com a vasta possibilidade que essa competição oferece para o diálogo constante com outras áreas do conhecimento, como por exemplo Linguagens. Para compreender um pouco mais sobre a ONHB e a participação dos alunos que responderam ao questionário, mostrarei o resultado de três perguntas relacionadas à competição, ao Ensino de História, à vida e à história do Brasil.

2.8 O QUE A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL TEM DE DIFERENTE EM RELAÇÃO AO ENSINO DE HISTÓRIA?

As transformações da História vêm proporcionando destaques em razão das pesquisas sobre temas que não apareciam nos currículos escolares como quanto à inclusão da cultura afro-brasileira, da história dos povos indígenas e também das

mulheres. As mudanças do ensino de História geram discussões fundamentais relacionados aos problemas epistemológicas e historiográficos, mas também quanto ao significado de sua inserção e rejeição em projetos curriculares nacionais. E a ONHB apresenta essa proposta de desconstruir a máxima criada entre história Nacional e história Regional (Meneguello, 2011). A ideia é fazer uma leitura, a partir da pergunta, sobre as formas em que os alunos enxergam a história, o ensino, a sala de aula e se há através dos olhares dos olímpianos algo diferente sobre o saber histórico. Veja a tabela a seguir:

TABELA 11 – Diferença entre o ensino de História e a ONHB.

O QUE A ONHB TEM DE DIFERENTE EM RELAÇÃO AO ENSINO DE HISTÓRIA?		
RESPOSTAS DOS ALUNOS		Sinalizadas pelos alunos
01	Amplia e aprofunda o conhecimento	29
02	Incentivo à pesquisa	15
03	Assuntos que aparecem na ONHB e não aparecem na sala de aula	13
04	Interações com outras fontes históricas	10
05	Valorização da leitura	07
06	Dinamismo	07
07	Aborda questões sociais	05
08	Cultura brasileira	05
09	Debates coletivos/ desafios	04
10	O uso da internet	03
11	Conhecimento do aluno e aprendizagem	03
12	Ênfase na história do Brasil	02
13	Ajuda na preparação ao exame nacional do ensino médio – enem	02
14	Interdisciplinaridade	01
15	Não responderam ou responderam “não”	07

Fonte: Autor dessa pesquisa.

Vale ressaltar que os alunos indicaram mais de uma possibilidade em relação ao ensino de História a partir das experiências que tiveram com a ONHB e com a realidade de sala de aula. Com isso, foram 113 sinalizações. As três maiores sinalizações sobre a ONHB e o ensino de História foram: ampliar e aprofundar o conhecimento; incentivo à pesquisa e assuntos abordados na olimpíada que não aparecem na sala de aula, respectivamente, 29, 15 e 13 vezes apareceram nas respostas dos alunos que responderam ao questionário.

Perceba que essas três sinalizações estão dialogando o tempo inteiro, ou seja, através da pesquisa há o aprofundamento em cima dos assuntos apresentados durante as fases da ONHB e, conseqüentemente, amplia o conhecimento dos

olimpianos surgindo, com isso, temas e debates que costumam não aparecer de forma aprofundada e com frequência em uma “aula “normal”¹⁵ de história. Não se trata de uma crítica em relação as aulas de história ministradas pelos professores, nem tão pouco é o objeto de pesquisa desse trabalho, mas sim uma reflexão sobre como a história está sendo apresentada aos alunos em cada ano letivo. Por essas reflexões que reforço a importância da pesquisa e constato observação de Flávia Caimi (2009) quando diz que,

Vivemos numa sociedade com ritmos de mudança muito acelerados e que requer conhecimentos e habilidades em múltiplos domínios, exigindo dos professores e estudantes uma capacidade de integração e relativização de conhecimentos que vai muito além da mera assimilação mecânica de informações. Ora, nesse contexto, tanto evolui o que temos de aprender quanto a forma como temos de aprender, o que significa dizer que precisamos “não apenas aprender mais do que nunca, mas, principalmente, de uma forma diferente da tradicional aprendizagem reprodutiva ou memorística” (Caimi, 2009, p. 76-77).

Quando os docentes da Educação Básica, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular, propõem que o passado deva dialogar com o presente e - esse é um dos aspectos valiosos para o ensino de História – defendem que é preciso se apropriar da história como uma poderosa ferramenta a serviço do ser humano, da sociedade e das experiências cotidianas para compreender o ser enquanto sujeito histórico e do seu tempo. Como aponta Jörn Rüsen (2001), o pensamento histórico é reforçado

Independentemente de como se venha definir ciência, o pensamento científico é sempre um pensamento bem fundamentado. Pensar de forma bem fundamentada requer conhecer as regras e os princípios desse pensar, ou seja: um conhecimento que não se constituiria sem a reflexão do pensamento sobre si mesmo (Rüsen, 2001, p. 17).

E Rüsen (2001) argumenta, como exposto na outra página, que:

¹⁵ Entenda “aula normal” como aquela aula de sala de aula, em que o professor tem que cumprir o conteúdo dentro do cronograma e com a maioria das vezes, 02 aulas semanais em cada turma.

A racionalidade de um pensamento histórico reivindica, ao proceder cientificamente, implica, pois, um saber metateórico, reflexivo, no estilo da teoria da história. Essa reivindicação jamais poderia ser formulada sem a devida investigação dos fundamentos do pensamento histórico (Rüsen, 2001, p. 17).

Por fim, ratifica:

Na medida em que é requisito de qualquer ciência que os cientistas prestem contas a si mesmos e a todos os demais sobre o seu modo de pensar, a ciência da história não poderia recusar a “teoria” como lugar dessa prestação de contas, e não faltam historiadores que tenham assumido essa obrigação. É bom recordar que esse tipo de explicitação intencional dos fundamentos de modo algum desviou a história do trabalho produtivo de pesquisa. Pelo contrário, tais explicitações com frequência abriram ou contribuíram para abrir novas sendas para o desenvolvimento do pensamento histórico (Rüsen, 2001, p.17)

Nesse contexto, durante as fases da ONHB, os alunos têm contato com fatos, com fenômenos históricos que estão dialogando com tempos distintos na relação passado-presente, tudo isso somado a liberdade para a pesquisa com o auxílio dos textos, documentos, vídeos e outras fontes que são disponibilizados pela organização do evento faz com que os olímpianos com as devidas orientações do professor de cada equipe vivam experiências que vão além da sala de aula. Conseqüentemente, não ficam sujeitos aos extensos conteúdos com tempos de aulas reduzidos. Por isso, acredito que àqueles três aspectos foram os mais indicados pelos alunos.

Outra sinalização interessante foi a “interação como outras fontes históricas” (10 indicações), isto é, os alunos podem experimentar de perto e com a “mão na massa” o ofício do historiador quando estes se debruçam em fontes para interpretar fatos e acontecimentos. É importante que os alunos percebam a importância dos documentos, sendo assim um documento é decidido pelo momento em que se encontra (Karnal; Tatsch, 2009). E, ratificam quando dizem que:

Um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de época. Isso introduz no conceito de documento um dado importantíssimo: o documento existe em relação ao meio social que o conserva (Karnal; Tatsch, 2009, p. 21).

Dessa forma, fazer com que os alunos percebam que a produção histórica está vinculada ao processo em que se concebe é vital para compreensão do fazer

histórico e para o entendimento das narrativas. Em seguida, duas respostas aparecem com 7 sinalizações cada, são elas: “valorização da leitura” e o “dinamismo”.

Em relação à primeira, a ONHB estimula em todas as fases e em todas as tarefas, fomentando a prática e o compromisso dos alunos com os mais variados tipos de textos, os quais são necessários para o entendimento, a compreensão e a resolução em cada questão apresentada durante competição.

Sobre o dinamismo, o que provoca essa sensação é a estrutura da olimpíada, diferente em sua composição e também na sua apresentação, pois a cada semana a equipe vai passando de fase e vivenciando novas situações. Por isso, a ONHB é dinâmica aos olhos dos alunos. Nesse sentido, a aprendizagem ganha forma, principalmente, quando o professor consegue,

Proporcionar conteúdo vivo ao processo de aprendizagem; seguir o princípio da ação organizada em torno de objetivos; possibilitar a aprendizagem real, significativa, ativa, interessante, atrativa; concentrar na aprendizagem do aprendiz; desenvolver o pensamento divergente e despertar o desejo de conquista, iniciativa, investigação, criação e responsabilidade; levar os alunos a se inserirem conscientemente na vida social e/ou profissional (Berbel, 2011, p. 32)

Diante disso e de acordo com as respostas, as questões sociais e culturais brasileiras tiveram 10 sinalizações, somadas juntas. O que corrobora a proposta da competição em promover debates sobre a historiografia nacional, trazendo temas e abordagens pertinentes à história do Brasil entre o passado e o presente, situando o aluno em seu tempo histórico.

Em relação aos debates, aos desafios a ênfase está na coletividade. Encontrei 04 sinalizações sobre esses aspectos indicados pelos alunos. Compreender a importância de atividades que possam desafiar, estimular e sempre envolver o coletivo é incrível de modo a proporcionar a troca de conhecimento e as novas experiências amadurecem a criticidade dos participantes. Cristina Meneguello (2011) afirma, diante dessas propostas, que:

Nesse processo, destaca-se o exercício das metodologias científicas específicas de um historiador, o que leva a um novo patamar de conhecimento de temas históricos e historiográficos e incide sobre o ensino e a divulgação da história do Brasil, ao mesmo tempo em que alerta para os padrões hierárquicos que associam a história nacional aos grandes ciclos econômicos e levam à invisibilidade histórica de regiões nacionais no discurso histórico geral. Ao levantar tais questões, os participantes da Olimpíada, principalmente os estudantes, passam a ter contato com o produzir da história, o fazer historiográfico, levando a esses alunos um pouco da produção histórica científica encontrada nas instituições de ensino superior do Brasil, e com o qual muito dificilmente teriam contato (Meneguello, 2011, p. 5).

Logo, fica mais evidente o quanto a ONHB pode ser uma ferramenta de reconstrução de narrativas e trajetórias históricas, tanto aos alunos quanto aos professores envolvidos na competição.

No *ranking* criado a partir das respostas dos alunos, do 10º ao 14º lugar percebi uma continuidade de informações e que caminham juntas, por exemplo: o “uso da *internet*”; a “aprendizagem dos alunos”; a “ênfase na história do Brasil”; o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a “interdisciplinaridade”. Somando todas chegam a 11 sinalizações.

Essas sinalizações permeiam o cotidiano dos alunos que são conectados na *internet* e, a partir dela, conseguem desenvolver redes de comunicações e de aprendizagens. A ONHB através das fases *on-line* e das pesquisas virtuais contribui para a formação dos alunos e demonstra que as ferramentas digitais podem ser uma grande oportunidade para a busca do conhecimento e para a produção científica. Portanto, a Olimpíada Nacional em História do Brasil, possibilita ao professor e ao aluno uma série de metodologias ativas para aprofundar ainda mais o conhecimento histórico e também,

Têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras. Com a intenção de fazer a aproximação entre estes estudos voltados para a promoção da autonomia do aluno e o potencial da área pedagógica na mesma direção (Berbel, 2011, p. 28).

Sendo assim, Cristina Meneguello (2011) comenta:

É necessário referirmo-nos à utilização do ambiente virtual que, muito presente especialmente nas experiências diárias dos jovens, deixa cada vez mais evidente que a facilidade de “contato” e de “navegação” não implica necessariamente em facilidade de acesso à informação ou à capacidade de filtrar e compreender estas informações (Meneguello, 2011, p. 9).

Outro aspecto importante está direcionado à atenção dos alunos em relação ENEM como a porta de entrada ao ensino Superior. Com isso, eles percebem que a ONHB com ênfase em história do Brasil ajuda para que possam ter uma base e um repertório sociocultural, pois a olimpíada traz em sua estrutura a interdisciplinaridade. A seguir, na próxima página, apresentarei os resultados em gráficos separados para uma melhor visualização.

Figura 23: Gráfico 14 – Diferença da Ensino de História para a ONHB.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Figura 24: Gráfico 15 – Quais as diferenças entre a ONHB e o ensino de História.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Entre as sinalizações 07 foram inconclusivas, pois ficaram em “branco” ou a resposta foi somente “não”. Por isso, não houve informações suficientes para interpretar essas mensagens, mesmo sendo um número expressivo. Entendo que essas lacunas surgiram como forma de pedido de ajuda em relação ao saber histórico, à ciência histórica e que merecem ser analisadas. É certo que novas situações aparecerão impactando no ensino-aprendizagem dos alunos nas práticas docentes dentro e fora da sala de aula. Como bem destaca Rüsen (2010, p. 104) quando diz que “[...] aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado especialmente desenvolvida”.

2.9. AS REVERBERAÇÕES DA OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL PARA OS ALUNOS.

A ideia é explorar ao máximo o entendimento dos alunos em relação a proposta da ONHB, desvendando a capacidade de ir além de um estudo sobre a história do Brasil. Mas sim, da reconstrução de narrativas históricas e a possibilidade de se ver enquanto sujeito histórico e ser humano do seu tempo.

Podemos afirmar que a relação que os sujeitos estabelecem com o conhecimento histórico, bem como com suas próprias experiências, desempenha um papel fundamental na construção de sua identidade histórica. Essa relação não apenas molda a capacidade dos indivíduos de interpretarem a si mesmos, mas também influencia a forma como eles compreendem o mundo ao seu redor, funcionando como um guia essencial para a orientação temporal. Logo, o processo histórico é um meio de dar sentido ao tempo, permitindo aos indivíduos e sociedades situarem-se no fluxo temporal e desenvolverem uma compreensão mais profunda de sua própria existência e da realidade que os cerca. Dessa maneira, a história se torna uma ferramenta indispensável na formação da consciência individual sabendo que,

O tempo presente tem sempre algo a dizer a historiadores, pesquisadores das humanidades, professores de história ou a qualquer estudioso que inclua a história como tema de reflexão. Isto porque, ao enunciar um discurso histórico, aquele que enuncia se dirige, inevitavelmente, a interlocutores de sua própria época (Silva, 2017, p. 101).

Conforme Rüsen (2001, p. 17):

narrar fundamentalmente, como forma especificamente científica do pensamento histórico, significa, pois, proceder metodicamente ao rememorar o passado humano a fim de orientar o agir e o sofrer no tempo presente. (...) A ciência como método no ponto em que a especificidade do pensamento histórico está fundada, isto é, nas operações gerais e elementares da consciência histórica, da narrativa histórica. Trata-se da capacidade do pensamento histórico de garantir, mediante fundamentação, a validade das sentenças que enuncia sobre o passado humano (Rüsen, 2001, p.17).

Portanto, compreender a ONHB como um espeço de construção, desconstrução e reconstrução do saber histórico é um passo significativo para o ensino de História. Além da contribuição para a formação de cidadãos críticos e

reflexivos, no caso, em especial aos alunos que participam da competição. Vejamos os resultados através da tabela a seguir.

TABELA 12 – Contribuição da ONHB para vida.

EM QUAIS ASPECTOS E IMPORTÂNCIA A OLIMPIÁDA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL CONTRIBUIU OU CONTRIBUI EM SUA VIDA?		
RESPOSTAS DAS ALUNAS E DOS ALUNOS		Sinalizadas pelas alunas e pelos alunos
01	Aprofunda o conhecimento	57
02	Desenvolvimento e capacidade	13
03	Experiência	12
04	Trabalho em equipe	10
05	Incentivo à pesquisa	09
06	Questões socioculturais	09
07	Desempenho na disciplina	07
08	Interesse, respeito e fascínio	06
09	Ajuda na interpretação textual	03
10	Contribui para formar cidadãos críticos	02
11	Ajuda na preparação para o ENEM	01
12	Possibilidade de vaga na UNICAMP	01
13	Entretenimento	01
14	Sem contribuição	07

Fonte: Autor dessa pesquisa.

Com base nos dados acima é possível verificar a gama de contribuições que a ONHB proporciona às alunas e aos alunos que participam das edições, mesmo não chegando a tão almejada final, que acontece na UNICAMP. Em relação as sinalizações as alunas e os alunos indicaram um total de 139 possibilidades vividas a partir da participação na ONHB, o que representa um universo riquíssimo em relação ao ensino de História, ao ensino-aprendizagem e ao protagonismo dos estudantes. Como de forma categórica comenta que,

Aprender a historiar ou aprender o ofício do historiador não significa almejar que o estudante se torne um pequeno historiador, até porque as finalidades do trabalho do historiador ao produzir conhecimento histórico são distintas das finalidades do trabalho do professor ao ensinar história (Caimi, 2009, p. 78)

E, segue com a ideia de que:

Assim, ensinar o ofício do historiador consistiria em construir com os alunos uma bagagem conceitual e metodológica que lhes permitisse compreender (e utilizar, em certo nível de complexidade) os instrumentos e procedimentos básicos da produção do conhecimento histórico (Caimi, 2009, p. 78).

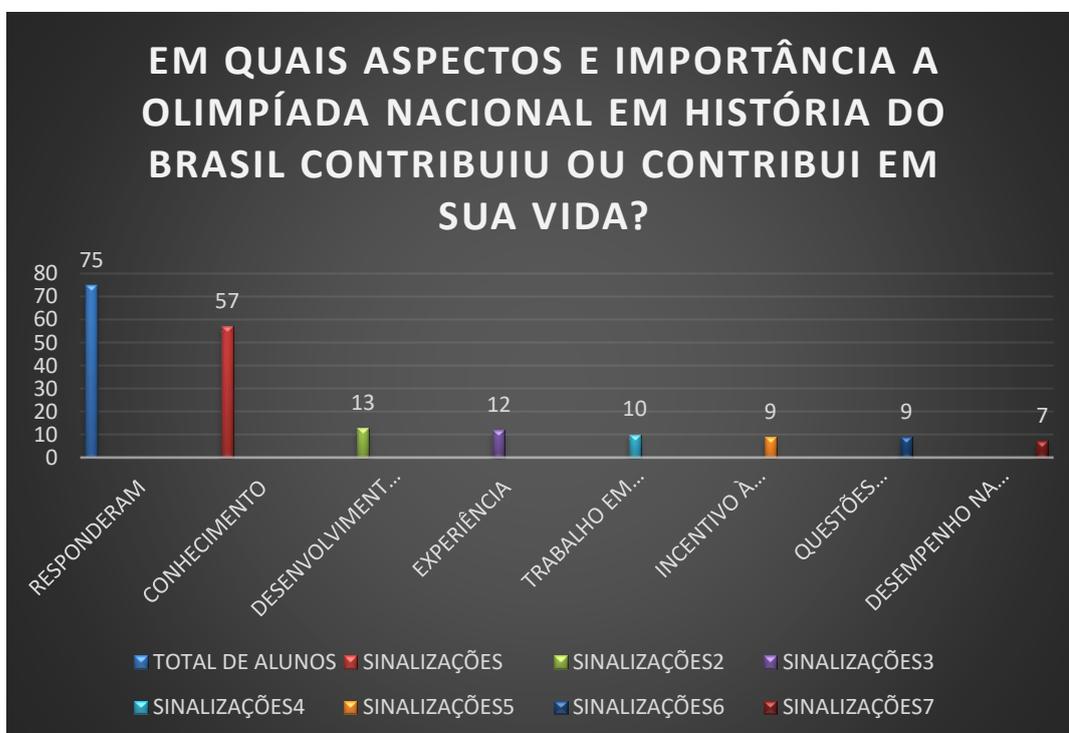
É certo que as 07 sinalizações enfatizando que a olimpíada em nada contribuiu para a sua vida, seja pessoal ou estudantil, passa a ser uma informação preocupante,

pois chego a uma inquietação sobre a relação da história com essas alunas e alunos. Proponho até uma reflexão: de que forma a história se faz presente no cotidiano deles? Talvez, esse ponto seja uma manifestação no sentido de ter e dar sentido, enquanto sujeitos históricos. Como bem destaca a pesquisadora Maria Auxiliadora Schmidt quando traz a reflexão sobre a história em uma ideia de que,

A constatação de elementos novos na crise da relação entre a história ensinada e a ciência de referência ocorre no contexto onde repercutem as contribuições da sociologia e da filosofia da educação. Trabalhos como os de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron sobre a escola como reprodutora da ideologia dominante e da violência Simbólica; as contribuições de Althusser sobre a escola como aparelho ideológico do Estado; de Gramsci, acerca da escola como aparelho privado de hegemonia, para citar alguns exemplos, abrem a possibilidade de se olhar a escola, não mais como instituição integradora, à moda de Durkheim, mas como reprodutora de práticas e desigualdades sociais e culturais (Schmidt, 2005, p. 39).

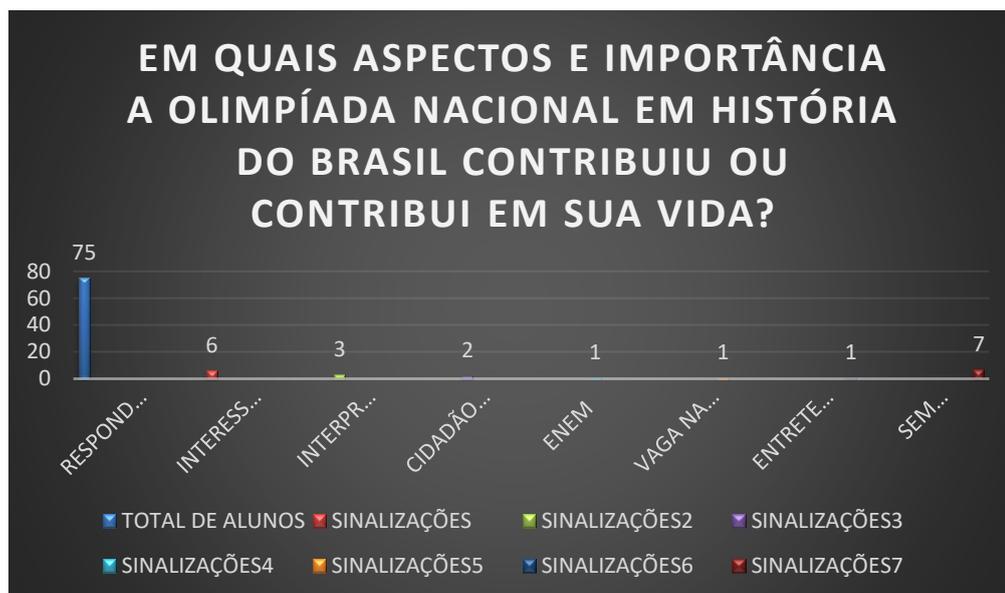
Veja os resultados a partir dos gráficos a seguir sobre quais aspectos e importância da ONHB na sua vida, segundo resposta dos alunos/as:

Figura 25: Gráfico 16 – Importância da ONHB para a vida.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Figura 26: Gráfico 17 – Importância da ONHB para a vida



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Os resultados obtidos são significativos e apontam para um processo no qual as alunas e os alunos reconhecem a importância da pesquisa para o desenvolvimento da capacidade através da aquisição de conhecimentos.

As sinalizações são incríveis, dispostas na seguinte ordem quantitativa: a busca e o aprimoramento do conhecimento em história somaram 57 sinalizações, seguida do desenvolvimento e capacidade das alunas e alunos com 13, da experiência vivida por elas e eles na ONHB com 12, do trabalho em equipe, com 10, do incentivo à pesquisa e questões socioculturais com 09 cada, do melhor desempenho na disciplina de história no colégio com 07, do interesse, respeito e fascínio pela História do Brasil com 6, da ajuda na interpretação de textos com 03, da formação de cidadãos críticos com 02, da ajuda na preparação ao ENEM, da disputa pela vaga na UNICAMP e do entretenimento, sendo essas três últimas com 01 sinalização cada. A partir do momento em que a maioria das sinalizações feitas pelos alunos indica que a ONHB fomenta o conhecimento assumindo um papel relevante no desenvolvimento desses estudantes e estimulando novos desafios. Como explica Kátia Abud (2017),

O conhecimento histórico é a principal ferramenta na construção da consciência histórica, que articula o passado com orientações do presente e com as determinações de sentido com as quais o agir humano organiza suas intenções e expectativas no fluxo do tempo. É nas escolas que estuda a História e onde se cruzam de modo comprometido o conhecimento científico e conhecimento escolar (Abud, 2017, p. 15).

Entendo que a Olimpíada Nacional em História do Brasil é uma ferramenta que soma com o professor em seu exercício docente, porque ela incentiva o fortalecimento de práticas científicas através da pesquisa, colabora para o desenvolvimento de relações interpessoais a partir do trabalho em equipe. Os alunos amadurecem pelas experiências e trocas socioculturais que são permanentes em todo o processo da competição. Além do protagonismo dos alunos, uma vez que são eles os condutores do processo, cabendo ao professor um espaço não inferior, mas de orientador no sentido de organizar os caminhos de acordo com os passos dados pelos alunos.

A partir de agora as perguntas foram feitas para todos os 203 alunos, ou seja, aos que participaram da ONHB e também aos que não participaram da olimpíada. A próxima pergunta aplicada no questionário diz respeito sobre a importância em aprender a história do Brasil. A ideia é extrair informações significativas sobre o entendimento das alunas e dos alunos sobre a nossa história e o nível de relevância que a mesma tem para eles.

A próxima pergunta aborda um aspecto central, pois foi aplicada para todos os alunos, independentemente, se já participou ou não da ONHB. o intuito é tentar extrair informações sobre a leitura que eles fazem da História. O resultado foi surpreendente e mostrarei na tabela a seguir.

TABELA 13 – É importante aprender sobre História do Brasil

É IMPORTANTE APRENDER SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL?	
TIPOS DE RESPOSTAS	QUANTITATIVO
“sim”	193
“em branco”	07
“não”	01
“um pouco”	01
“não sabe”	01
total de respostas	203

Fonte: autor dessa pesquisa.

Figura 27: Gráfico 18 – É importante aprender História do Brasil.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

A partir das informações obtidas e transformadas na tabela e no gráfico acima, percebe-se que dos 203 alunos que participaram do questionário da pesquisa, 193 responderam que aprender história é importante, o que mostra que independente da participação na ONHB há um entendimento expressivo de que estudar a história do Brasil tem suas vantagens, sejam elas pessoais, educacionais, políticas e socioculturais.

Ainda na observação das respostas, encontrei 07 alunos que deixaram “em branco”, o que sugere um possível descompromisso com a pesquisa, com a própria história ou, simplesmente, não quiseram responder. Sobre os alunos que disseram “não”, “um pouco” ou “não souberam responder” contabilizei um total de 03, respectivamente, um aluno para cada comentário. Apesar da soma dos que não responderam “sim” atingir um total de 10 quase 10% do total de estudantes que responderam ao questionário, o que poderia parecer irrelevante, na verdade é um aspecto interessante pois, a análise seria repensar a prática em sala de aula para proporcionar para esses estudantes o quanto é imprescindível compreender e se apropriar do saber histórico trazendo o discente para dentro da história. Como bem explica,

Há mais na história do que somente acúmulo de informações sobre o passado. O conhecimento escolar do passado e atividades estimulantes em sala de aula são inúteis se estiverem voltadas somente à execução de ideias de nível muito elementar, como que tipo de conhecimento é a história, e estão simplesmente condenadas a falhar se não tomarem como referência os pré-conceitos que os alunos trazem para suas aulas de história (Lee, 2006, p. 134).

Portanto, levar em consideração a experiência do aluno e estimular o protagonismo são elementos necessários para o desenvolvimento de habilidades e competências dentro das Ciências Humanas e, especialmente, na disciplina de História e aprimorando os debates em sala de aula para que a busca pelo conhecimento aconteça de forma recíproca, ou seja, professor-aluno e aluno-professor.

A parte final da pesquisa foi direcionada para todos os alunos que responderam ao questionário, mas separei da mesma forma que fiz inicialmente, ou seja, dos 203 alunos, mantive a divisão dos 75 olímpianos e os 128 que não participaram da ONHB.

Neste primeiro momento busquei estabelecer uma comparação em relação às participações em outras olimpíadas, para mensurar o nível de preferência dos alunos nessas competições e por último perguntei sobre a olimpíada que mais gostaram.

A ideia é saber quais outras olimpíadas os alunos já participaram e qual ou quais eles mais gostaram. Veja os resultados a seguir, neste primeiro momento sobre os alunos que já participaram da ONHB e se eles competiram em outras olimpíadas.

TABELA 14 – Participação em outras olimpíadas.

VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE OUTRAS OLIMPÍADAS?	
Sim	58
Não	17
Total de alunos	75

Fonte: Autor dessa pesquisa.

O Gráfico logo abaixo vai apresentar esses dados em porcentagens, considerando o total de 75 alunos que responderam essa parte final do questionário, lembrando que são esses estudantes que já participaram de alguma edição da ONHB.

Figura 28: Gráfico 19 – Participação em Olimpíadas.



Fonte: Autor dessa pesquisa

Então, dos 75 alunos que já competiram pela ONHB, 58 também já participaram de outras olimpíadas. É perceptível que há um forte interesse entre os estudantes pelas olimpíadas de maneira geral, nesse levantamento, foram 77% de sinalizações sobre participações em competições.

Proporcionar uma experiência educativa enriquecedora significa promover o desenvolvimento integral dos alunos em todas as dimensões. Quando os valores olímpicos, como a excelência, a amizade e o respeito, são integrados ao cotidiano escolar, os professores têm a chance de tornar o aprendizado mais inspirador e significativo. Esses funcionam valores como pilares, não apenas para o aprimoramento acadêmico, mas também para o fortalecimento do caráter e das relações interpessoais, criando um ambiente que motiva os alunos a alcançar seu potencial máximo, tanto no aspecto intelectual quanto no social. Por isso, Neusi Berbel (2011) defende que:

O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro. Para isso, deverá contar com uma postura pedagógica de seus professores com características diferenciadas daquelas de controle (Berbel, 2011, p. 29-30).

Por isso, é fundamental que o professor faça intervenções no sentido de estimular a busca pelo conhecimento de seus alunos através da pesquisa e da

socialização dos caminhos e possíveis resultados. O docente deve sempre expor situações para a sua turma e solicitar que façam pesquisas sobre o que foi apresentado e tragam respostas demonstrando todo o caminho percorrido. Diante dessas informações, perguntei quais foram essas outras olimpíadas que os 58 alunos disseram que já participaram. O resultado ficou da seguinte maneira:

TABELA 14 – Outras olimpíadas citadas.

QUAIS FORAM AS OUTRAS OLIMPÍADAS?		
01	OBMEP ¹⁶	38
02	OBEF ¹⁷	33
03	OBA ¹⁸	33
04	CANGURU DE MATEMÁTICA ¹⁹	20
05	ONC ²⁰	18
06	OBQ ²¹	04
07	O2 ²²	03
08	OBG ²³	02
09	OLP ²⁴	02
10	OBF ²⁵	01

Fonte: Autor da pesquisa.

Além da ONHB, 58 alunos dos 75 já participaram de outras olimpíadas e, encontrei 10 competições ao analisar as respostas. São informações importantes para nós professores-pesquisadores, pois demonstram um real interesse por parte dos estudantes em ampliar seus conhecimentos e aprimorar suas habilidades com base

¹⁶ Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas: <http://www.obmep.org.br/>

¹⁷ Olimpíada Brasileira de Educação Financeira: <https://www.educacao.df.gov.br/olimpiada-brasileira-de-educacaofinanceira/>.

¹⁸ Olimpíada Brasileira de Astronomia: <http://www.oba.org.br/>

¹⁹ O Concurso Canguru de Matemática é a maior competição internacional de Matemática do mundo destinada aos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental até os do 3º ano do Ensino Médio: <https://www.cangurudematematicabrasil.com.br/>

²⁰ Olimpíada Nacional de Ciências: <https://www.onciencias.org/>

²¹ Olimpíada Brasileira de Química: <https://obquimica.org/>

²² Olimpíada do Oceano: <https://olimpiada.maredeciencia.eco.br/>

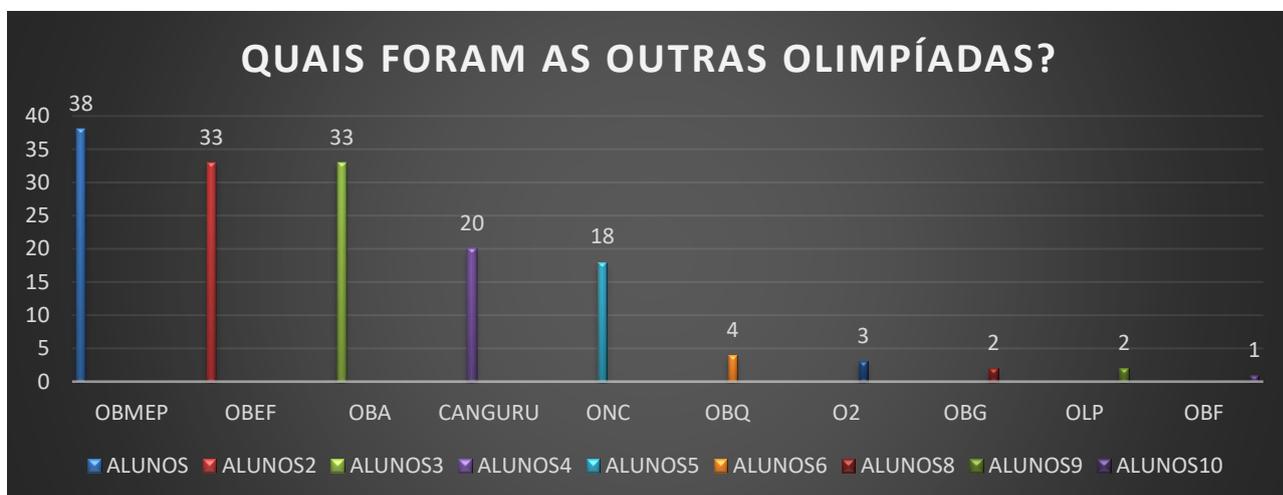
²³ Olimpíada Brasileira de Geografia: <https://obgeografia.com.br/>

²⁴ Olimpíada de Língua Portuguesa: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/olimpiada-de-lingua-portuguesa>

²⁵ Olimpíada Brasileira de Física: <http://www.sbfisica.org.br/v1/olimpiada/>

na pesquisa e na científica. O resultado foi assim, OBMEP liderou com 38 sinalizações, em segundo lugar OBEF e OBA com 33 cada, formando assim o pódio das olimpíadas. Em quarto lugar a competição internacional “Canguru de Matemática” com 20 participações de alunos, na quinta colocação ficou a ONC com 18 no total depois foram as OBQ, O2, OBG, OLP e OBF somando 12 estudantes no total. Com isso, é possível perceber o interesse pelas áreas de Matemática, Educação Financeira e Astronomia em crescente busca pelos alunos. Veja como se apresentou o gráfico com bases nesses resultados:

Figura 29: Gráfico 20 – Outras olimpíadas citadas.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Percebe-se uma participação mais intensa nas olimpíadas de Matemática, Educação Financeira, Astronomia, principalmente, a competição Canguru e a olimpíada de Ciência. O que não descarta a importância das demais competições para o desenvolvimento dos alunos. E a última pergunta realizada aos 75 olímpianos foi sobre qual ou quais olimpíadas eles mais gostaram e, o resultado foi esse, demonstrado na página a seguir.

TABELA 15 – Olimpíadas que gostaram mais.

QUAL OLIMPÍADA QUE VOCÊ MAIS GOSTOU?		
01	ONHB	31
02	OBEF	13
03	OBA	11
04	OBMEP	08
05	CANGURU DE MATEMÁTICA	02
06	ONC	01
07	OBQ	01
08	NÃO INDICARAM NENHUMA	08

Fonte: Autor dessa pesquisa.

A ONHB apareceu em destaque na preferência de 31 alunos, a OBEF com 13 indicações, seguida da OBA com 11 destaques, fechando assim o pódio. Logo em seguida vem a OBMEP no gosto dos estudantes, ficando em 4º lugar, a Canguru com 08, a ONC e a OBQ com um voto cada. É importante destacar que a maioria dos votos recebido pela ONHB tem a ver com o fato de alguns 17 alunos dos 75 que responderam “sim” no início do questionário só participaram da Olimpíada Nacional em História do Brasil. Então, esses sinalizaram a própria competição sendo a que mais gostaram. Mas, não deixa de ser relevante esse resultado, pois, demonstra o interesse e a preferência pela História enquanto ciência.

Sobre os 08 alunos que não escolheram nenhuma olimpíada, algumas reflexões são possíveis, a primeira talvez pelo fato da experiência não ter causado tanto impacto ou porque se inscrevem, mas não tiveram motivação suficiente, causando possíveis traumas provocados pela constituição da memória como explica Ecléa Bosi (2009),

O passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 2009, p. 47).

Figura 30: Gráfico 21 – Olimpíadas que mais gostaram.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

O gráfico acima mostra a preferência por parte dos alunos para a ONHB, em muitos casos revelados no questionário esse resultado se deu por alguns motivos que indicarei aqui: organização e disposição das fases, dinâmica da olimpíada, ajuda e contribuição do professor, por ser coletiva e diferente das demais. São indicadores interessantes, ainda mais tratando de história que é uma disciplina que requer tempo, atenção, leitura, interpretação e dedicação para lidar com as fontes e narrativas históricas. Em porcentagem o gráfico foi o seguinte.

Figura 31: Gráfico 22 – Olimpíadas que mais gostaram.



Ressalta-se a importância em fomentar a participação dos alunos nas olimpíadas, uma vez que há um interesse pela parte dos mesmos. No caso dos 75 alunos que responderam “sim” na primeira pergunta do questionário, 41% destacam a preferência pela ONHB. Por sua vez, 08 estudantes não gostaram de nenhuma competição, o que equivale a 11% e, realmente, é um número expressivo, entretanto, se comparado com 89% (somando todas as respostas) dos alunos que manifestaram o gosto por alguma olimpíada, poderia dizer que investir em ciência e pesquisa dará melhores resultados aos alunos, aos professores, às escolas e à educação visando uma sociedade com mais pessoas críticas e com conteúdos significativos.

Talvez, essa falta de gosto principalmente pela ONHB, por parte de alguns alunos, esteja de certa forma inserida na seguinte ideia quando Miranda (2014, p. 190) afirma que “[...] além das fronteiras paradigmáticas, enfrenta-se, no Brasil, um quadro insustentável de invisibilização, dos ranços coloniais alimentados pelas distintas formas de subalternização do outro, que resulta de processos de domínio cristalizados”. Historicamente, a história brasileira foi construída para atender certos interesses dominantes ou elitistas, desconstruir para reconstruir esse processo é mais um desafio que a sala de aula pode apresentar e o professor precisa permanecer atento para possíveis sinalizações.

Contudo, abordarei a parte final dessa pesquisa com a apresentação dos dados e as devidas análises sobre as respostas dos alunos que nunca participaram da ONHB, sendo um total de 128 estudantes. Na certeza de que é importante escutar os alunos que nunca participaram da ONHB que direcionei essas perguntas para que consiga compreender um pouco mais a concepção deles sobre as outras olimpíadas. Porém, compreender o professor no sentido de se transformar em um agente motivador em sala de aula é preciso refletir sobre a ideia de que,

O desenvolvimento profissional dos professores é objetivo de propostas educacionais que valorizam a sua formação não mais baseada na racionalidade técnica, que os considera meros executores de decisões alheias, mas em uma perspectiva que reconhece sua capacidade de decidir. Ao confrontar suas ações cotidianas com as produções teóricas, é necessário rever as práticas e as teorias que as informam, pesquisar a prática e produzir novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar. Assim, as transformações das práticas docentes só se efetivarão se professor ampliar sua consciência sobre a própria prática, a de sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade (Circe, 2008, p. 15).

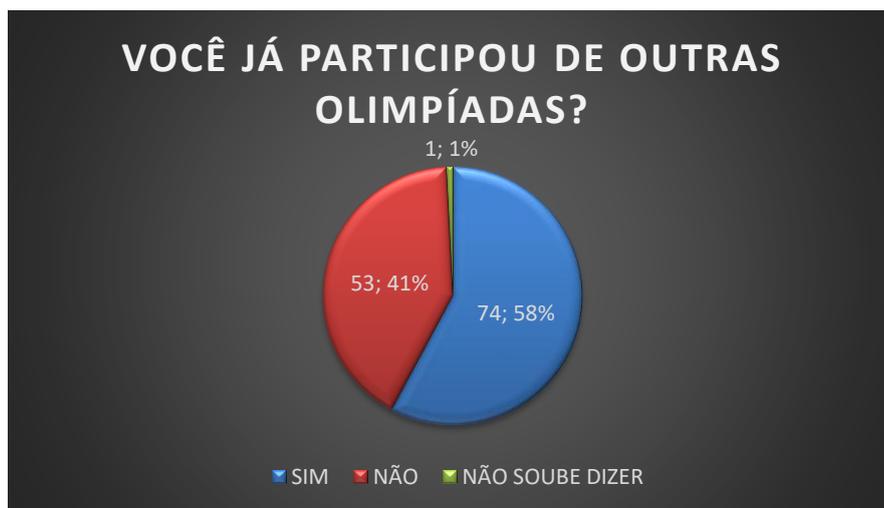
TABELA 16 – Participantes que não foram a ONHB mas em outras disciplinas

VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE OUTRAS OLIMPÍADAS?	
Sim	74
Não	53
Não soube dizer	01
Total de alunos	128

Fonte: Autor dessa pesquisa.

A seguir apresento o gráfico para uma visualização mais didática, na qual podemos ver o percentual em cada olimpíada indicada pelos alunos. É importante destacar que aos alunos entrevistados há uma procura bem interessante pela ONHB, mesmo com participações em outras competições.

Figura 32: Gráfico 23 – Não participaram da ONHB mas de outras olimpíadas.



Fonte: autor dessa pesquisa

De acordo com as informações acima é possível perceber que dos 128 alunos que nunca participaram da ONHB, 74 já participaram de outras olimpíadas, gerando um percentual de 58% contra 41% dos estudantes que não participaram de nenhuma competição até o momento dessa pesquisa.

A próxima pergunta é sobre as olimpíadas que esses alunos já participaram.

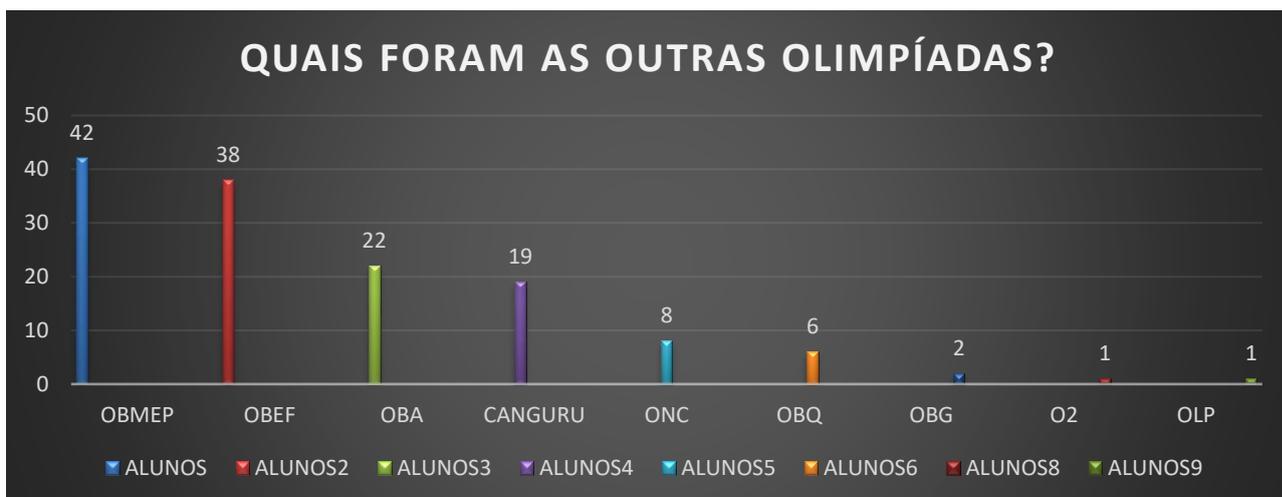
TABELA 17 – Outras olimpíadas que participaram.

QUAIS FORAM AS OUTRAS OLIMPIADAS?		
01	OBMEP	42
02	OBEF	38
03	OBA	22
04	CANGURU DE MATEMÁTICA	19
05	ONC	08
06	OBQ	06
07	OBG	02
08	O2	01
09	OLP	01

Fonte: autor dessa pesquisa.

O destaque vai para a olimpíada de Matemática com 42 sinalizações, seguida de pela competição de Educação Financeira e fechando o pódio está a de Astronomia. Em seguida aparece na 4ª colocação a “Canguru de Matemática” com 19 marcações, também bem representada estão a de Ciências e a de Química com 08 e 06 indicações, respectivamente. Fechando as respostas surgem a de Geografia, a Oceano e a de Língua Portuguesa, somando um total de 04. Veja como se apresentou o gráfico, que está na outra página, com bases nos resultados acima expostos.

Figura 33: Gráfico 24 – Outras olimpíadas



. Fonte: Autor dessa pesquisa.

A OBMEP lidera a preferência dos estudantes que não participam da ONHB, nesse gráfico acima ela é seguida de perto pela OBEF, ambas totalizam 80 sinalizações número bem maior se comparado com as demais competições indicadas pelos alunos, que juntas somam um total de 59 indicações. Sendo que nesses 59 ainda há a competição “Canguru de Matemática”. Portanto, é importante ressaltar que a OBMEP é uma das olimpíadas mais importantes em atividade.

A última pergunta a ser analisada nesse capítulo se refere a olimpíada preferida de cada aluno. Veja os resultados por olimpíada na tabela abaixo.

TABELA 18 – Olimpíadas que gostou.

QUAL OLIMPÍADA QUE VOCÊ MAIS GOSTOU?		
01	OBEF	28
02	OBMEP	13
03	OBA	12
04	CANGURU	06
05	OBQ	04
06	ONC	02
07	OLP	01
08	OBG	01
09	NÃO INDICARAM NENHUMA	07

Fonte: Autor dessa pesquisa.

A partir desses dados coletados é interessante observar o fato de que a OBMEP é a olimpíada com maior participação, mas não é a que os alunos mais gostam. Neste caso, ela ocupou a 2ª colocação com 13 sinalizações ficando atrás da OBEF com 28 indicações.

As outras olimpíadas aparecem, com exceção da OBA que contabilizou 12 votos, distantes quando comparadas com a OBEF que disparou na preferência dos alunos. Essas competições juntas chegam na metade das sinalizações da OBEF.

Sobre os 07 alunos que não escolheram nenhuma olimpíada como a que gostam mais, talvez por razões pessoais ou por experiências traumáticas foram afetados negativamente ou, simplesmente, não quiseram indicar qual teria sido a mais significativa para eles. Veja como ficou o gráfico.

Figura 34: Gráfico 25 – Olimpíadas que mais gostou.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

A partir do gráfico acima é possível ver que a OBEF lidera a preferência dos alunos e que é seguida não tão de perto das demais olimpíadas. Essa é uma demanda que vem crescendo bastante nas escolas. Em porcentagem o gráfico foi o seguinte.

Figura 35: Gráfico 26 – Olimpíadas que mais gostaram.



Fonte: Autor dessa pesquisa.

Em porcentagem o resultado ficou da seguinte forma, sendo 38% da preferência dos alunos para a OBEF, 18% para a OBMEP, 16% para a OBA, 8% para a competição “Canguru”, 5% para a OBQ, 3% para a ONC, OLP e OBG ambas com 1% e 10% das respostas não apresentaram nenhuma olimpíada com a favorita. O que mais uma vez surpreende, no entanto, a OBEF vem crescendo no gosto dos alunos pelos avanços na própria competição e isso, certamente é um ponto a ser levado em consideração. Pois,

Tais questões, de fundo identitário, estão na base de conceito de consciência histórica que, em poucas palavras, podemos definir como uma das estruturas do pensamento humano, o qual coloca em movimento a definição de identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo em que se está inserido (Cerri, 2011, p. 13).

Contudo, a partir de todo o esforço ao longo dessa pesquisa destinarei ao capítulo 3 e último dessa dissertação a sugestão para uma dimensão propositiva, o qual será uma oficina para guiar o aluno e o professor que participará da ONHB.

CAPÍTULO 03. DIMENSÃO PROPOSITIVA.

3.1 A OFICINA

A ideia que percorre nesse capítulo 3 será a elaboração de um produto em formato de oficina²⁶ através de encontros com as equipes de estudantes que irão participar da competição, para propor um estudo sistemático com encontros periódicos que antecedam a ONHB. Por isso, pretendo criar uma estrutura de estudos que possa fomentar a importância da história enquanto saber visando estimular os alunos à pesquisa científica e análise de fontes históricas por entender que esses elementos são ricos em conhecimentos. Além do que são reveladores conforme afirma Peter Lee (2006), quando diz que,

Todos que conhecem qualquer coisa sobre educação histórica concordam que há mais na história do que o conhecimento de lembranças de eventos passados, mas nem sempre há concordância sobre o que esse “mais” deveria ser, e que, na confusão da vida escolar, a prática pode variar enormemente, mesmo num único sistema nacional (Lee, 2006, p. 132).

O ponto de partida é cultivar nos alunos a prática pela pesquisa, no sentido de explorar a história do Brasil em uma perspectiva contextualizada a partir da proximidade do uso das fontes. Pois, nas assertivas da Cristina Meneguello (2011) se faz necessário que alunos e professores compreendam que a ONHB é importante uma vez que a,

A implementação da Olimpíada baseou-se em alguns princípios metodológicos claros. Por acreditarmos que todas as áreas de conhecimento científico podem se envolver em atividades de inclusão e desafio construtivo, a proposta de uma Olimpíada Nacional em História do Brasil incide sobre o estudo da história nacional, um dos conhecimentos mais importantes para a nossa formação, tanto científica, como de integração e constituição de cidadania. (Meneguello, 2011, p. 05).

Dessa maneira que enfatizo que a oficina é um momento em que alunos e professores protagonizam a construção do saber a partir de diálogos e da coletividade. E, ressalta quando afirma que,

²⁶ No apêndice B mostrarei o modelo de apresentação para os encontros durante a realização da oficina.

O trabalho em equipe, e com consulta permite, então, questionar os moldes tradicionalmente competitivos dos eventos do tipo Olimpíada. A velocidade da resposta não é tão importante quanto a capacidade de leitura e reflexão, próprias às ciências humanas. Desde modo, ainda, criam-se hábitos de consulta e de estudo e a aquisição progressiva de conhecimento. Nesse processo, valoriza-se o trabalho do professor, como orientador de sua(s) equipe(s) (Meneguello, 2011, p. 07).

Ainda nas palavras de Cristina Meneguello (2011) é notório que a ONHB traz uma proposta para o Ensino de História e para além da sala de aula incrível quando na própria afirmação da autora percebe-se que:

O intercâmbio ativo, seja virtual ou presencial, entre estudantes e professores de história em âmbito nacional, intercâmbio esse proporcionado pelas fases das provas, pelos seus materiais adicionais (blog da Olimpíada e outros meios virtuais) ou pela fase presencial, indica formas criativas e pouco estáticas de fomentar a pesquisa e o estudo. Isso fomenta a criação de um acervo de dados para a realização das perguntas e de materiais científicos que ficarão disponíveis para os estudantes e seus professores durante e após a realização das Olimpíadas, estimulando diferentes leituras dos temas da história nacional (Meneguello, 2011, p 13).

É mister mencionar que outras atividades poderão ser inseridas durante a oficina como por exemplo: visitas a museus de forma presencial ou virtual, encontros em bibliotecas e arquivos públicos. Essas atividades poderão ser realizadas com todos os alunos, não somente aos que participarão da olimpíada motivando os alunos quanto a:

A experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (Freinet, 1998, p. 354-355).

Contudo, o objetivo em levar os alunos para além da sala de aula é possibilitar trocas enriquecedoras, criando novas sensações, externando emoções, (re)construindo conceitos, ressignificando a histórica, dialogando com as artes, com a

cultura, com a memória, com o patrimônio, nos mais variados conhecimentos e nas evidências geradas por esses momentos.

Sabe-se que a ONHB é dinâmica e desafiadora. Por isso, ao propor os encontros com os alunos na modalidade oficina ajuda na mudança de postura em relação ao processo ensino aprendizagem e aproxima os estudantes do contexto social, desenvolvendo o senso crítico, a pesquisa e a resolução de problemas estimulando as habilidades dentro das competências.

A ONHB envolve complexidade e resolução de problemas em cada fase, também possibilita análises documentais, interpretações de textos e corrobora para a formação crítica dos alunos envolvidos na competição.

Quando o assunto é o trabalho coletivo promove o envolvimento, a responsabilidade, o protagonismo dos alunos, buscando estabelecer conexões cognitivas, contemplando uma pluralidade em ideias e de (re)construções de narrativas.

Durante os encontros na oficina os alunos passam a vivenciar um processo interdisciplinar, onde conhecer, reconhecer e intervir no mundo das ideias são indispensáveis. Além da possibilidade de aprofundar o conhecimento em várias áreas presentes tanto na sala de aula quanto fora da mesma, ou seja, em espaços virtuais e físicos, fortalecendo práticas compartilhadas através de vivências do cotidiano dos estudantes. A ideia é fazer com que os alunos se sintam consigam construir seus conhecimentos históricos, pois, caso contrário,

As considerações históricas continuarão conhecimento inerte, de pouco uso para a vida futura dos alunos. Eles não serão capazes de se tornar racionalmente envolvidos nos debates históricos do futuro, ou de ter qualquer esperança de compreender o motivo pelo qual as explicações sobre eventos passados ou o significado de tais eventos possam mudar ao longo de suas vidas. (Ashby, 2006, p. 154).

As oficinas preparatórias são uma oportunidade para os alunos ampliarem seus conhecimentos sobre história do Brasil. Durante as oficinas, serão apresentados temas relevantes, debates historiográficos atuais, análise de fontes históricas e um dos pilares durante as oficinas será desenvolver a capacidade interpretativa de cada participante. Como bem descreve Paulo Freire sobre a importância do professor nesse processo de aprendizagem que explica que, como exposto na outra página:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo (Freire, 2001, p. 47).

Portanto, as oficinas permitirão que os alunos e professores-orientadores se aprofundem em assuntos que por alguma razão específica não são tão abordados em sala de aula por geralmente demandarem um tempo maior para a pesquisa mais detalhada, minuciosa e aprofundada. Pois, sabe-se que em sala de aula conteúdo e tempo precisam ficar sempre alinhados.

Contudo, é justamente nas oficinas que essa ampliação do conhecimento histórico contribuirá para uma visão mais crítica do Brasil e de sua história. Isto é, as oficinas levarão os alunos para além da sala de aula, para além da própria ONHB. Elas os levarão para a reconstrução de seres humanos críticos e reflexivos sobre as mais diversas narrativas históricas.

Outro aspecto importante e que vale muito ressaltar é que as oficinas serão espaços de aprendizagem colaborativa e coletiva, onde os alunos terão a oportunidade de interagir com outros participantes, trocar experiências, discutir ideias e trabalhar em equipe. E, com isso, surge a atenção especial à produção dos alunos, como bem enfatiza Rosalyn Ashby(2006) quando diz que

Pode-se depreender que o ensino de História necessita prestar atenção à natureza das afirmações históricas conjuntamente aos trabalhos em que os alunos se ocupam com as fontes. Se os alunos devem desenvolver um conceito de evidência, eles necessitarão compreender a relação de evidência entre as fontes históricas (compreendidas a partir de um conceito de que foi a sociedade quem as produziu), e as afirmações sobre o passado que elas apoiam (Ashby, 2006, p. 155).

Essa socialização promove a construção de conhecimento coletivo, estimula o diálogo e a troca de perspectivas, e desenvolve habilidades de comunicação e cooperação. O trabalho em equipe, é uma competência fundamental na ONHB, e as oficinas preparatórias proporcionam um ambiente propício para que os alunos pratiquem e aprimorem essa habilidade. Outrossim, é importante destacar que o trabalho em equipe, na Olimpíada Nacional em História do Brasil, não contribui somente para o desempenho dos participantes na competição, mas também para o seu crescimento pessoal e formação cidadã (Meneguello, 2011).

3.2. A ELABORAÇÃO DA OFICINA.

Pensar em um produto em forma de oficina se deu pela fato de que a pesquisa histórica apresenta inúmeras abordagens, desde a análise de documentos, a investigação, a historiografia, a história oral, a memória, a invisibilidade até a pesquisa ou revisão bibliográfica. Cada tema apresenta sua especificidade e com isso proporciona uma série de desafios aos alunos e aos professores.

Em relação as habilidades para uma boa pesquisa histórica é a capacidade de buscar, acessar, compreender e interpretar as mais variadas fontes que surgem ao longo da competição. Reforçando a importância da pesquisa, principalmente, nos documentos, textos, vídeos, imagens, pinturas e outros recurso que a própria ONHB disponibiliza durante as fases.

Durante a oficina, os alunos terão contato com a pesquisa *on-line* e, essa ferramenta será útil para uma boa preparação e, conseqüentemente, uma excelente realização na olimpíada. Outro ponto em destaque trate-se da contextualização, periodização e interpretação de épocas a partir das fontes apresentadas pela organização da ONHB. E a internet que tanto desvia a atenção dos alunos, como muito bem descreve Maynard quando dia que,

Nossos alunos, em sua maioria, são agora do tipo digital born (nativos digitais): devotados ao repetitivo exercício de responder, sempre rapidamente, a dezenas de mensagens de textos e e-mails durante as aulas, atualizar redes sociais, encontrar informações sobre eventos, mas também sobre a vida privada dos seus professores na Internet. Os estudantes, jovens em sua maioria, dispensam muito tempo “cutucando”, curtindo, postando, comentando e principalmente compartilhando. Mesmo assim, o ciberespaço ainda é um país estrangeiro para parte significativa dos historiadores que, em lugar de nativos, são antes imigrantes digitais e, por mais que se esforcem para dominar a linguagem, sempre falarão com certo sotaque (Maynard, 2016, p. 79).

Porém, essa aventura científica digital poderá servir como mudança no comportamento dos alunos e com resultado significativos em relação ao saber histórico.

A elaboração da oficina deve ser uma ação coletiva envolvendo a escola, a direção, a coordenação pedagógica, os professores de História, alunos e também a família, importante a participação dos familiares nesse processo. Uma vez que os

estudantes precisarão de tempo para os encontros e suporte tecnológico²⁷ antes e durante a olimpíada.

Valorizar a participação e o protagonismo dos alunos é papel de todos, no entanto o professor de História exerce uma função ainda mais desafiadora que é preparar em sintonia com as equipes a base para realizarem uma excelente competição, pautada na solidariedade, no compromisso, na disciplina, na organização, no controle emocional, no saber ouvir, no saber dialogar e no trabalho em equipe. São princípios que precisam caminhar lado a lado durante a olimpíada, por isso, a importância da oficina.

Durante os encontros da oficina o professor precisará promover a interdisciplinaridade, a construção do conhecimento em sintonia com os alunos para que esses participem expondo suas noções sobre história e outras áreas do saber. É importante compreender que todas as opiniões são válidas diante do trabalho em equipe, e o debate sobre elas precisam ser fundamentados a partir das pesquisas científicas. Esse hábito de pesquisar é uma das maiores potencialidades da ONHB. E, de acordo com Aryana Lima Costa e Margarida Maria Dias de Oliveira (2017):

Ter um mínimo de conhecimento possível sobre como as coisas funcionam no “laboratório dos historiadores” habilita o aluno a não ser seduzido facilmente pelas versões prontas do passado, disponíveis pelas inúmeras fontes de informação da qual dispõe uma pessoa atualmente. Impede também que este aluno, quando deparado com duas informações conflitantes, veja a História como um processo cheio de falhas, suscetível à uma desmoralização por conter várias “verdades”, ao invés de levar em conta o processo de construção dessas informações, o que inclusive lhe dará capacidade crítica (Costa; Oliveira, 2017, p. 158).

Cabe ao professor-orientador durante a oficina apresentar situações de aprendizagem de acordo com as fases da ONHB para que os alunos possam desenvolver suas habilidades a partir do contato com os conceitos e temas que são recorrentes durante a competição. O professor-orientador assume o papel de mediador dos debates e jamais o de “dono do saber” como afirma Paulo Freire (2001) quando diz que,

²⁷ O suporte técnico é um setor de atendimento voltado à área técnica de algum produto ou serviço. Ou seja, é um setor responsável por oferecer assistência técnica à infraestrutura de TI de uma empresa ou pessoa física: <https://netsupport.com.br/suporte-tecnico-de-ti/>

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (Freire, 2001, p. 46).

Portanto, o objetivo nos encontros durante a oficina é para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações, ou seja, ser um sujeito histórico.

Durante a oficina os alunos construirão o conhecimento, através do processo de produzir, indagar, questionar, debater, pesquisar, analisar e formular situações visando novas descobertas dentro das perspectivas históricas. Esta preparação fortalecerá o elo entre os membros das equipes e com o professor orientador. O resultado que se espera alcançar é a realização de uma olimpíada com mais segurança e controle nas resoluções das questões e tarefas.

3.3. MONTANDO A OFICINA.

Passo 1: o calendário escolar geralmente inicia a partir da segunda quinzena de janeiro. Então, em fevereiro o professor já começa a mobilizar os alunos interessados em participar da ONHB. Nesse primeiro momento é importante uma conversa agendada com a Direção e Coordenação da escola, para explicar a relevância dessa olimpíada para a escola, para o aluno e para o próprio professor. O convite aos estudantes é feito em sala de aula mesmo, apresentando a competição e a oficina preparatória.

Passo 2: organizar os encontros que como sugestão poderiam ser 2 (dois) por mês, ou seja, a cada 15 dias. Sendo assim, a oficina terá duração de três meses (fevereiro, março e abril) com um total de 6 encontros. Lembrando que em maio já começa a competição nacional.

Passo 3: durante os encontros o professor poderá fazer de forma mesclada, ou seja, três encontros virtuais e três encontros presenciais esses, na própria escola, em um horário definido entre todos os envolvidos no processo. Mas, isso é flexível, cada professor tem autonomia para desenvolver da maneira que encontrar mais viável pensando na preparação dos alunos.

Passo 4: em cada encontro o professor oferecerá aos alunos a oportunidade em debater temas relevantes sobre a história do Brasil e compreender como é o ofício do historiador. Por uma questão de sugestão os assuntos abordados poderiam ser estruturados da seguinte forma conforme a tabela a seguir.

TABELA 19 – Organização da Oficina

A OFICINA, OS ENCONTROS QUINZENAIS E OS TEMAS.		
MÊS	ENCONTRO	TEMA
FEVEREIRO	1º ENCONTRO	O QUE É A ONHB?
FEVEREIRO	2º ENCONTRO	A PESQUISA HISTÓRICA
MARÇO	3º ENCONTRO	MÉTODOS DE PESQUISA
MARÇO	4º ENCONTRO	ANALISANDO FONTES
ABRIL	5º ENCONTRO	AS QUESTÕES DA ONHB
ABRIL	6º ENCONTRO	CONHECENDO AS TAREFAS DA ONHB

Fonte: Autor dessa pesquisa.

A finalidade da oficina é desenvolver nos alunos os seguintes aspectos, como por exemplo, o pensamento crítico, o protagonismo, a criatividade, a comunicação, repertório sociocultural, o trabalho em equipe, a importância do diálogo, a solidariedade, o respeito ao outro etc. cada encontro pode ser de 1h30 até 2h, esse tempo se torna viável para que todos possam participar encaixando em sua rotina de afazeres fora do horário de aula oficial. A preferência é que os encontros aconteçam na própria escola e no contraturno escolar.

Nesses encontros o professor terá total liberdade em seguir seu próprio roteiro de apresentação, desde que sempre aborde de forma dialogada e participativa os conceitos de narrativas, patrimônios, memória coletiva e construa um alicerce científico a partir das pesquisas realizadas por todos os integrantes das equipes.

Os últimos encontros poderão ser trabalhados as questões e as etapas das olimpíadas anteriores para que os alunos possam visualizar como essa competição cobrará seus esforços para que possam seguir em frente enquanto equipe colaborativa.

A primazia desta olimpíada é justamente saber ouvir o outro e saber concordar e discordar de forma crítica e serena, transformando o ambiente harmonioso sem perder o foco na competição.

O importante é que em cada questão apresentada aos alunos, o professor os oriente, para que todas façam as devidas pesquisas nos materiais de suporte que a própria ONHB disponibiliza. Mas se houver necessidade outros materiais poderão ser consultados livremente. Assim, a construção de respostas quando socializadas torna o espaço de aprendizagem enriquecedor para todos e, propicia mudanças significativas nas vidas dos alunos, dos professores e do espaço histórico em que estão inseridos. Pois, de acordo com Paulo Freire (1996),

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p. 32).

Portanto, a fazer coletivo e a garantia dos debates são elementos essenciais para o sucesso nessa Olimpíada Nacional em História do Brasil. Ajudar os alunos a perceberem a importância do saber histórico é uma das principais propostas da ONHB.

Nesse momento final apresentarei duas tarefas que já são marcas registradas na competição. A primeira é a famosa transcrição de um documento antigo²⁸ e a segunda é uma tarefa que exige atenção e concentração que se chama “migalhas”. Nessa tarefa apresentada acima provoca nos alunos um esforço incrível envolvendo a leitura, a compreensão, o significado, a contextualização, a interpretação, a tradução e outros elementos que envolvem mais áreas do conhecimento, professores de Linguagem participando dessa tarefa seriam de uma ajuda grandiosa.

A tarefa exige um olhar minucioso para cada detalhe e a ajuda de professores de Geografia será sempre muito bem-vinda. Sendo necessário perceber que a ONHB deve estar sempre dialogando, a partir da História do Brasil, com outros componentes curriculares reafirmando a importância da interdisciplinaridade.

Para as possíveis e constantes dúvidas durante a oficina os professores poderão apresentar o gabarito oficial disponibilizado pela ONHB após as fases. Com

²⁸ A Paleografia, estudo da escrita antiga, transcreve a caligrafia antiga e incompreensível para nossa grafia atual, possibilitando o acesso à informação contida na documentação. Ela decifra os documentos manuscritos. Inserida em várias áreas, como Museologia, Biblioteconomia, História e Direito, no Brasil a paleografia está inserida como uma disciplina no curso de Arquivologia. <https://www.gov.br/arquivonacional/br>

posse dos gabaritos, os professores poderão junto com os alunos traçar uma análise a partir dos resultados obtidos durante a oficina, justamente, para que possam iniciar a ONHB de maneira mais segura.

Foi dentro dessas ideias que foi pensada essa sugestão de criar um modelo de oficina aos alunos como preparação para a ONHB. Acredito que estender os diálogos, muitas vezes, silenciados em sala de aula contribui significativamente para a formação de seres humanos atuantes no processo de construção histórica e coletiva, como bem pontua a professora Nilda Alves (2019), quando afirma que,

As escolas significam '*espaçostempos*' de encontros presenciais entre crianças e jovens e outros mais velhos (professores/professoras; servidores; responsáveis de estudantes; comunidade local), permitindo aquilo que chamamos de socialização e que significa aprender a viver com o outro em circunstâncias diversificadas. Mas, isso só acontece nas escolas? Não, acontece em muitos outros '*espaçostempos*', em muitas redes educativas como já indicamos. Porém, o estatuto de frequência compulsória, criado por leis, em nosso país – e em outro tantos – faz das escolas '*espaçostempos*' de encontros e desencontros, como na vida, o que ajuda a compreender e articular modos de nela criar com os outros, com alguma frequência e por algum tempo (Alves, 2019, p. 25).

Outro ponto primordial que as oficinas promoverão aos alunos é o desenvolvimento de habilidades específicas necessárias para o desempenho na ONHB, mas não se limitará apenas nisso, pois as oficinas oferecerão orientações sobre técnicas de pesquisa histórica, análise de documentos, escrita acadêmica e interpretação de fontes. Os alunos e o professor-orientador aprimorarão conhecimentos para lidar com diferentes tipos de fontes históricas, por exemplo: textos (letras de músicas, cartas etc.), imagens, mapas e utilizá-las de forma crítica e com embasamento a partir das pesquisas realizadas.

Para finalizar a ideia deste capítulo, é preciso chamar atenção especial para situações envolvendo a saúde emocional dos participantes, pois trata-se de uma competição, principalmente, por ser em âmbito nacional. Por isso, é bem possível que situações de ansiedade e pressão surjam durante as etapas é nesse sentido que acredito na importância desse contato prévio proporcionado pelas oficinas preparatórias, uma vez que as oficinas se constituirão um espaço familiar, acolhedor, encorajador e promissor. Onde os alunos poderão compartilhar seus anseios e

dúvidas e, de certa forma todos oferecerão algum tipo de ajuda, seja ela intelectual ou emocional fortalecendo os laços e melhorando a confiança em si e nos outros.

Portanto, ressalto que a ONHB pode ser uma excelente prática para as alunas e alunos, no entanto e também para as professoras e professores que ensinam e aprendem ao mesmo tempo. Ainda somada com a mudança de atitude dos estudantes que participam dessas competições nacionais elevando o protagonismo, a autonomia e a responsabilidade em querer crescer ainda mais enquanto ser humano crítico de forma participativa e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho trouxe olhares que estavam intrínsecos na prática docente, pois gostaria de enfatizar o quanto o Mestrado transformou o cotidiano e passei a ser mais “científico”. Nesse momento, é importante uma autocrítica, uma vez que estava tão confortável em sala de aula que deixei de lado o saber científico, a história enquanto ciência e a partir das aulas no programa do ProfHistória/UFPA essa realidade passou a ser outra. Tal que de uma forma avassaladora voltei a experimentar ares acadêmicos, mas agora em um espaço vivenciado, por mim e pelos alunos, que compartilham parte do dia deles comigo, seja em sala de aula ou pelas áreas livres das escolas.

A análise que faço se dá na direção de aprimorar o ensino de história através de pesquisas com os alunos, sendo que promover essa oportunidade é um passo significativo para compreender a sociedade em que vivemos. Reforçando que olhar para a realidade sociocultural dos estudantes quebra barreiras, pois constrói laços de afetividades e essa proximidade de mundos permite desenvolver uma educação com mais significados, uma educação do “meu lugar”, do “nosso lugar” - noção do pertencimento - e o chão da escola é a melhor escolha para debater sobre o sujeito histórico.

Sobre a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) é notório que o papel dela é promover um estudo científico sobre a nossa história, sobre as histórias nacionais. E, em um momento em que a propagação das falsas verdades é uma realidade mundial, competições como a ONHB aparecem como fundamentais, não somente pela competitividade, mas sim pela urgência em levar ao aluno a episteme.

A busca pelo conhecimento verdadeiro, os debates e as pesquisas sobre o que é fato e o que é *fake news*, tornam-se imprescindíveis nos dias de hoje. Portanto, poder trabalhar essas questões de maneira científica, construindo caminhos para o pensamento crítico e algo que a ONHB se dispões a realizar antes, durante e depois da competição, pois deixa um legado.

Pensar em uma atividade que fizesse sentido aos alunos fora da sala de aula, não foi simples. No entanto, com a ONHB os alunos podem se debruçar com o ensino de história para além da sala de aula como, por exemplo, a partir de uma pesquisa independente – claro que com as devidas orientações do professor – o aprendizado pessoal compartilhado no coletivo, enriquece a troca de experiências e conhecimentos.

O que se espera é que, assim, os alunos consigam compreender a importância do trabalho em equipe, e do valor que é a coletividade em qualquer situação da vida. Com isso, possam se engajar em questões sociais e que estejam sempre motivados à pesquisa em busca do conhecimento.

A ONHB consegue aproximar o mundo tecnológico com as relações interpessoais e faz isso de forma eficaz, quando a tecnologia e o uso das ferramentas digitais ampliam o acesso ao conhecimento histórico, garantido as diversidades em uma proposta inclusiva.

Todavia, é necessário reafirmar que o uso das tecnologias é repleto de desafios e que muitas vezes estão além do nosso controle. Por esta razão que é preciso garantir acesso equitativo promovendo o uso responsável dos conteúdos que estão nas redes virtuais.

Uma reflexão relevante é sobre o papel do professor, a sala de aula, o Ensino de História e a ONHB, uma vez que o professor de História em sala de aula é figura central e não o dono do saber para a promoção de um ambiente de pesquisa, debates e protagonismo entre os alunos. Sabe-se que o ensino de História tende a percorrer o caminho da transmissão de conteúdos, com foco no máximo de informações para a obtenção de resultados imediatos, por exemplo, as próprias avaliações bimestrais e os vestibulares de todos os anos. No entanto, o debate sobre o do ensino de História tem avançado nos últimos 20 anos, aproximadamente, no sentido de proporcionar aos alunos a possibilidade de perceberem-se enquanto sujeitos históricos na

desconstrução, na construção, na reconstrução do conhecimento e o professor nessa configuração assume um cuidado especial na formação cognitiva dos alunos.

Diante de tantas expectativas, o professor precisa buscar evidências para incentivar o despertar cientista dos seus alunos, através da investigação em fontes e documentos históricos, propondo discentes atividades que os estimulem à pesquisa histórica. Esses pontos são importantes, pois marcam o contanto com o ofício do historiador e apresentar esse universo infinito de potencialidades aos estudantes é incrivelmente satisfatório já que os mesmos desenvolverão habilidades de investigação sendo úteis à formação de cidadãos críticos. A ideia é garantir que a sala de aula possa ser um ambiente de construção de conhecimento, onde os alunos são provocados a indagar e a construir de forma coletiva e solidária sobre o passado e compreender o tempo histórico no presente.

Se faz necessário enfatizar que os debates em sala de aula são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico. Entretanto, o professor deve apresentar situações que gerem a pesquisa e posteriormente a socialização entre os alunos, sendo assim, o docente tornar-se um orientador e mediador, sugerindo temas visando a criticidade e a reflexão dos seus alunos. Por isso, o chão da escola, a sala de aula e as ferramentas pedagógicas e tecnológicas alinhadas oportunizarão experiências concretas a partir de análises sobre o saber histórico, fomentando o protagonismo e a autonomia dos alunos. Por sua vez, o professor, nesse caso, deve orientar o uso dessas tecnologias, direcionando o aluno para fontes confiáveis e ensinando-os a navegar criticamente por esse vasto campo de informações. Além disso, a incorporação de espaços virtuais de discussão e a participação em competições como a ONHB ampliam os horizontes dos alunos e mostram que o aprendizado de História vai além da sala de aula

Dessa forma, por meio de metodologias ativas, como o desenvolvimento da pedagogia de projetos, sala de aula invertida, gamificação²⁹, seminários, esses são alguns exemplos tornam-se essenciais tanto ao desenvolvimento acadêmico, quanto à formação de cidadãos críticos e conscientes. Nesse contexto que aponto a ONHB

²⁹ A gamificação consiste na aplicação de mecanismos e dinâmicas dos jogos em outros âmbitos para motivar e ensinar os usuários de forma lúdica. Nos últimos anos, tanto o mundo educativo quanto o empresarial têm utilizado cada vez mais esta ferramenta para treinamento de alunos e funcionários (<https://www.iberdrola.com/talentos/o-que-e-gamificaca>).

como exemplo real de como o protagonismo dos alunos pode ser incentivado através de ações pensadas pelo professor a partir das realidades dos estudantes, ou seja, é importante que todos se vejam no processo de aprendizagem, assim haverá mais sentido na busca pelo conhecimento científico.

Portanto, o papel do professor de História vai além de é muito maior que uma apresentação de fatos históricos. Sua função perpassa dentro de cada anseio, de cada necessidade, de cada curiosidade vinda dos alunos para que todas as experiências se transformem em aprendizados significativos. Contudo, para que o ensino de História seja realmente transformador e libertador, é mister que o professor construa – não de maneira unilateral, um espaço de aprendizagem em que o aluno se sinta parte integrante desse processo, de tal forma que seja desenvolvido o conceito de pertencimento entre os envolvidos. Dessa maneira, esses pontos são fundamentais para o desenvolvimento de cidadãos conscientes, críticos e sabedores de seus direitos para enfrentar os desafios de uma vida em sociedade.

Concluindo, é preciso ressaltar que esta pesquisa se propõe a trazer uma reflexão a partir das análises dos dados obtidos sobre os alunos, a ONHB, outras olimpíadas, o Ensino de História, a sala de aula e os espaços de aprendizagens fora da sala de aula³⁰. Aqui foi um passo tímido para uma discussão que poderá ser ampliada a partir de novas pesquisas, novos interesses e desafios sobre essa competição que tanto vem chamando a atenção das nossas alunas e alunos. Portanto, que este trabalho ainda embrionário possa contribuir para outras atividades acadêmicas voltadas à Olimpíada Nacional em Ensino de História, à sala de aula, ao chão da escola e ao ensino de História.

Então, com a proposta da oficina propõe-se um norte de como preparar os encontros que antecipam a ONHB. É importante compreender que a proposta precisa ter um caráter científico e informativo, destacando os seguintes aspectos: a ONHB não é uma prova comum; não é uma prova "decorativa"; não é uma competição individual. Porém ao contrário esta olimpíada é um modelo de realização e participação coletivo, sequencial e processual, no qual os alunos não precisam dominar todo o conhecimento histórico previamente.

³⁰ Quando me refiro a espaços fora da sala de aula quero dizer que são momentos fora do horário oficial de cada turma. Ou seja, são oportunidade para além da sala de aula e, que os alunos possam buscar através da pesquisa resultados magníficos.

No que concerne ao aspecto científico a ONHB é uma olimpíada de pesquisa constante, na qual o professor passa a demonstrar o caráter único da competição, que envolve temáticas baseadas em pesquisas científicas. Por sua vez, não exige um vasto conhecimento prévio dos participantes porque o foco é o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e análise crítica de documentos históricos.

Além disso, é essencial ressaltar que a história enquanto ciência é envolvente, intrigante, magnífica e dinâmica. Seu estudo sistemático busca compreender a sociedade brasileira em diferentes épocas, contextos, culturas, com as devidas rupturas (mudanças) e permanências (continuidades) ao longo do tempo, considerando variações temporais em cada periodização.

Quando o assunto envolve as habilidades desenvolvidas na ONHB, a mesma exige dos alunos o pensamento crítico; a análise de variadas fontes históricas; a autonomia no processo de aprendizagem; a interpretação e (re)construção de narrativas históricas. A proposta é possibilitar ao aluno que seja um aluno crítico e reflexivo.

Um ponto inovador trata-se sobre o padrão das questões. Ou seja, as questões da ONHB são estruturadas a partir de fontes históricas como por exemplo, imagens, documentos, músicas ou vídeos e, o processo de resolução sempre envolve a orientação inicial do professor, a pesquisa científica pela equipe, o estímulo ao protagonismo dos alunos por meio de provocações relacionadas ao saber histórico.

As fontes e documentos que são fornecidos pela ONHB, para a pesquisa são estudadas pela equipe para garantir a compreensão, e, assim, iniciar as abordagens teóricas e interpretativas sobre eventos e processos históricos. Justamente, porque as questões apresentam uma estrutura com quatro alternativas e com pesos diferentes, sendo elas, assim, não necessariamente na ordem apresentada a seguir.

TABELA 21 – Alternativas e pontuação.

Alternativas	Pontuações
Alternativa "A"	0,0
Alternativa "B"	1,0
Alternativa "C"	4,0
Alternativa "D"	5,0

Fonte: Autor dessa pesquisa.

Por isso, se faz necessário o estudo e o debate antes de escolher a alternativa de maior pontuação, pois, resultará na passagem para a próxima fase.

Sobre o tempo e etapas da ONHB, cada etapa tem duração de seis dias, de segunda a sábado, para que as equipes resolvam o banco de questões e a tarefa semanal. Por isso, é essencial que ocorra o trabalho em equipe proporcionando a participação ativa do professor-orientador juntos aos alunos. As seis fases iniciais são 100% online, e apenas a final é presencial. Importante, alertar que o não cumprimento dos prazos resulta em eliminação da competição.

No que tange o treinamento para as questões, a pesquisa poderá realizar-se de forma digital e também em livros, revistas e documentos impressos, tornando uma prática recorrente e fundamental na ONHB. As ferramentas de pesquisas ajudam na análise de um grande volume de fontes históricas, essenciais para as tomadas de decisão na escolha das alternativas. Diante disso recomenda-se utilizar os documentos disponibilizados pela ONHB e reforçar com outras fontes quando necessário. A leitura atenta e minuciosa reforça a importância de uma compreensão cuidadosa e detalhada das questões, para evitar os chamados "achismos" ou "chutes". Nesse universo de possibilidade a pesquisa surge como uma mudança de comportamento contribuindo para o conhecimento e o saber histórico dos participantes. Portanto, o esforço coletivo e participativo, cada um é fundamental para o sucesso de todos em cada fase da competição, fomentando a troca de experiências com colegas de outras equipes também e a colaboração com professores de diferentes áreas do conhecimento são imprescindíveis.

Para concluir, ratifica-se que a ideia da oficina preparatória para a ONHB é uma iniciativa essencial para orientar e capacitar alunos na participação dessa competição nacional. A justificativa para essa preparação baseia-se na singularidade do formato da mesma, que difere de outras olimpíadas por priorizar o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, análise crítica e trabalho em equipe. Portanto, a oficina proporciona aos alunos e professores uma compreensão das dinâmicas do concurso, incluindo a estrutura das questões e tarefas, o sistema de pontuação e a importância do tempo e da organização em cada etapa e ao promover discussões sobre a história enquanto ciência promove a (re)construção de narrativas e releituras de modelos pré-existentes na memória coletiva.

Essa dissertação pretende incentivar a esperança de que a oficina possa estimular o protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem, demonstrando que a ONHB é uma oportunidade para ampliar o horizonte acadêmico de forma

colaborativa. Ademais, ao reforçar a necessidade de uma leitura atenta, pesquisa minuciosa e interpretação de fontes históricas, a oficina não só prepara os estudantes para a competição, mas também contribui significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades cruciais na formação de cidadãos críticos e reflexivos. O treinamento também busca criar um ambiente de troca de experiências, incentivando a colaboração entre equipes e professores de diferentes disciplinas, promovendo um aprendizado verdadeiramente integrado e significativo.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. **Ensino de História e a Base Nacional Comum Curricular: desafios, incertezas e possibilidades**. IN: RIBEIRO JUNIOR, H. C.; VALERIO, M. E. (Org.). Ensino de História e Currículo: Reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular, Formação de Professores e Prática de Ensino. Jundia: Editorial Paco, 2017.

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Editora Cortez, 2019.

ASHBY, Rosalyn. **Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares**. Tradução de Elizabeth Moreira dos Santos Schmidt, Luciana Braga Garcia, Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Braga Garcia. Educar: Ed. UFPR, Curitiba, 2006. p. 151-170.

BARCA, Isabel. **Marcos de consciência histórica de jovens portugueses**. Currículo sem Fronteiras, v.7, n.1, pp.115-126, Jan/Jun 2007.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Abordagens históricas sobre a história escolar**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.36, n.1, p. 83-104, jan./abr. 2011.

_____. **Reflexões sobre o ensino de História**. Estudos Avançados [online]. 2018, v. 32, n. 93, pp. 127-149. ISSN 1806-9592.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 15ª edição.

BRASIL. *Lei nº9394*, de 20/12/1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento de Gutenberg a Diderot.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CAIMI, Flávia Eloisa. **História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?** In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CARIE, Nayara Silva de., & SILVA, Débora Cristina Alves da. **O trabalho com monumentos como possibilidade de resistência aos processos de invisibilização de grupos sociais.** *História & Ensino*, 27(2), 51–71. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2021v27n2p51> Acessado em janeiro, 2023.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica.** Rio de Janeiro: Editora FGV (Coleção FGV de bolso. Série Histórica), 2011, p. 138.

COSTA, Aryana Lima. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá.** João Pessoa: Saeculum: Revista de História, 2017.

FREINET, C. **Ensaio de Psicologia sensível.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KARNAL, Leandro. TATSCH, Flávia. **Documento e História: a memória evanescente.** In: PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Editora Contexto, 1ª edição, 2009.

_____. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2007.

LEE, Peter. **Em direção a um conceito de literacia histórica.** *Educar*, Curitiba, Especial, p. 131-150, 2006. Editora UFPR.

_____. **Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé: compreensão das pessoas do passado.** In: BARCA, I. (Org.). **Educação histórica e museus.** Braga: CIED, Universidade do Minho, 2003. p. 19-36.

LOWENTHAL, D. Haddad, T. L. & Maluf, M. **Como conhecemos o passado.** *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 1998. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>, Acessado em janeiro, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Coleção Leitura, Paz e Terra, 20ª edição, 2001.

Net Support. Disponível em <https://netsupport.com.br/suporte-tecnico-de-ti/>. Acessado em janeiro, 2023.

INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA (IMPA). **Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas: 15 anos de história, 2005-2019**. Rio de Janeiro: SBM, 2020.

MENEGUELLO, Cristina. **Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma Aventura intelectual?** História Hoje, v. 5, n. 14, p. 1 – 14, 2011.

MIRANDA, Cláudia. **Discursos e propostas etnoeducativas no Brasil e na Colômbia**. Revista de História Comparada. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 189-211, 2014. Disponível em: www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/revistahc.htm. Acessado em janeiro, 2023.

MUSEU EXPLORATÓRIO DE CIÊNCIAS. Disponível em: <https://www.mc.unicamp.br/> Acessado em janeiro, 2023.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS. Disponível em <http://www.obmep.org.br/apresentacao.htm> Acessado em fevereiro de 2024.

OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL. Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/> Acessado em dezembro de 2023.

OLIMPÍADA.HISTÓRIA. Disponível em: <https://www.instagram.com/olimpiada.historia/> Acessado em janeiro, 2023.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed da UnB, 2010.

_____. **Razão Histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Tradução: de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 194 p.

_____. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Série pesquisa. Ed. UFPR, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. Tânia Braga Garcia. **Significados do pensamento de Jörn Rüsen para investigações na área da educação histórica.** In: _____. BARCA, Isabel. MARTINS, Estavão de Rezende (orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Série pesquisa. Ed. UFPR, 2011.

_____. CAINELLI, Marlene. **Ensinar história.** São Paulo: Scipione. 2004.

_____. **Saber escolar e conhecimento histórico?** História e Ensino. Londrina. V. 11. 2005.

SILVA, Daniel Pinha. **O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades.** Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 0, n. 20. Jan./abr. 2017.

THEODORO, Janice. **Educação para um mundo em transformação.** In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2007.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver.** In CADAU, Vera Maria (Org.). **Entre concepções, tensões e propostas.** Editora 7 Letras: Rio de Janeiro, 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
 MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

FORMULÁRIO DE PESQUISA

Pesquisador: Márcio dos santos do Nascimento (aluno do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História).

Atenção: seu nome não será utilizado em dissertações, teses ou qualquer trabalho científico em razão desta pesquisa (caso necessário, serão usadas somente as iniciais do seu nome ou nomes fictícios). Suas respostas contribuirão para o aprimoramento de métodos e recursos de aprendizagem em Ensino de História.

Atenção: utilize caneta na cor azul ou na cor preta para responder.

ESCOLA: _____

NOME COMPLETO: _____

IDADE: _____ SÉRIE: _____ TURMA: _____

DATA: _____

1) Leia atentamente cada questão.

A) Você já participou da Olimpíada Nacional em História do Brasil?

Caso sua resposta anterior seja sim, responda:

a.1) Quantas de edições que você já participou?

a.2) Em qual fase que você e sua equipe conseguiram chegar?

a.3) O que a Olimpíada Nacional em História do Brasil tem de diferente em relação ao Ensino de História?

a.4) Em quais aspectos a Olimpíada Nacional em História do Brasil contribuiu e ou contribui em sua vida?

Caso sua resposta sobre o item “A” tenha sido não, responda:

a.5) Você teria vontade em participar de alguma edição da Olimpíada Nacional em História do Brasil? Justifique:

B) Qual a importância da Olimpíada Nacional em História do Brasil para você?

C) É importante aprender sobre a História do Brasil? Justifique:

E) Você já participou de outra(s) Olimpíada(s)?

Caso sua resposta anterior tenha sido sim, responda:

e.1) Qual ou quais?

e.2) Qual a olimpíada que você mais gostou? Por que?

Caso sua resposta sobre o item "E" tenha sido não, responda:

e.3) Por que você nunca participou de nenhuma olimpíada?

Muito obrigado, por ter participado dessa pesquisa.

**APÊNDICE B – MODELO DE APRESENTAÇÃO PARA OS ENCONTROS
DURANTE A OFICINA.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

DIMENSÃO PROPOSITIVA
Oficina preparatória para a ONHB

Elaboração: Márcio dos Santos do Nascimento

Orientação: Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa.

Coorientação: Profa. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet.

Sumário

Apresentação	02
As experiências vividas pelos alunos na ONHB	02
O Modelo de apresentação para os encontros durante a oficina	02
Outras possibilidades: <i>Link para o Kahoot</i>	06

APRESENTAÇÃO

A ideia propositiva para esta oficina tem como fundamentação a prática em desenvolver um estudo historiográfico através dos encontros preparatórios para a ONHB.

A proposta é que durante a oficina os alunos e professores possam ter um norte, um caminho para desenvolverem suas estratégias em busca de conhecimentos nas ciências humanas, através da pesquisa científica, pois, serão exigidas as habilidades necessárias para que possam percorrer pelas fases da competição.

AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS ALUNOS NA ONHB

É notório que a ONHB muda de alguma forma o pensamento crítico dos participantes, alunos frequentemente mencionam como passaram a enxergar a história como um processo dinâmico, longe de ser apenas a memorização de acontecimentos. Eles destacam o desenvolvimento de habilidades analíticas, como interpretar documentos históricos, cruzar informações e compreender os contextos socioculturais e econômicos que moldaram diferentes períodos históricos brasileiros e com conexões exteriores.

Além disso, muitos participantes relatam como a ONHB ampliou sua visão sobre temas como diversidade cultural, questões indígenas, história afro-brasileira e o papel das mulheres na sociedade. Esse contato com abordagens mais amplas e críticas faz com que percebam a importância da história para compreender e interpretar o presente.

Outro aspecto muito valorizado é o trabalho em equipe. Os olímpicos costumam citar como o debate entre eles contribui para construir argumentos mais sólidos. Por isso, reafirmo que a ONHB é mais que uma competição nacional, pois, ela possibilita e fomenta um espaço de construção de cidadãos críticos, conscientes e engajados dentro e fora da sala de aula.

A seguir apresento um modelo como sugestão para os encontros.

O MODELO DE APRESENTAÇÃO PARA OS ENCONTROS DURANTE A OFICINA

Este modelo tem como proposta direcionar professores para que possam atuar de forma sistemática com seus alunos, no intuito de promover uma preparação eficiente para a ONHB.

TÓPICO 1

COMO COMEÇAR?

É importante que a fala inicial seja de caráter informativo, trazendo alguns aspectos relevantes, como por exemplo:

1. A ONHB não é uma prova comum;
2. A ONHB não é uma prova “decorativa”;
3. A ONHB não é uma prova individual;
4. A ONHB é uma competição coletiva e sequencial.

TÓPICO 2

POR QUE A ONHB É DIFERENTE?

O professor deve descrever de que forma acontece uma competição a partir de temáticas definidas e que não exige aos alunos um vasto conhecimento prévio sobre a História do Brasil. Esse diferencial, acontece porque essa competição é fomentada a partir das pesquisas científicas.

Em relação aos alunos é necessário que os mesmos possam percorrer os caminhos da pesquisa científica promovendo o saber histórico e o protagonismo. Com isso, é importante salientar que a prática do estudo sistemático proporciona hábitos disciplinares e o controle de tempo que são fundamentais para o sucesso na competição. Além de que há o desenvolvimento de habilidades ao longo da olimpíada.

TÓPICO 3

O ALUNO PENSAnte: UM SER EM CONSTRUÇÃO, A CRITICIDADE E A REFLEXÃO EM SINTONIA.

Na ONHB, o aluno desenvolve habilidades para pensar criticamente, através das fontes históricas, a partir de metodologias ativas, estimulando a construção da autonomia e desenvolvimento da criticidade, perpassando pela compreensão, interpretação e (re)construção de narrativas.

No que concerne sobre o padrão das questões da ONHB é fundamental que as equipes percebam que sempre questões iniciam com a apresentação de uma imagem, documento, música ou vídeo. Ou seja, sempre trazendo fontes históricas e partir de cada pesquisa, o professor orienta a equipe para que a mesma possa compreender a importância da pesquisa e do debate em grupo. A ideia é promover o protagonismo dos alunos e, provocá-los em relação ao saber histórico.

É importante atentar-se que àquelas ações de pesquisas envolvem o uso das fontes disponibilizadas pela ONHB e que serão avaliadas por todos da equipe, para garantir a confiabilidade das mesmas e, assim, iniciar o processo de abordagens teóricas através de interpretações sobre eventos e processos históricos.

No que diz respeito às pontuações em cada questão, cabe ao professor chamar a devida atenção para a sua equipe em relação aos critérios adotados pela ONHB, pois é preciso atentar sobre os valores que percorrem de forma aleatória as alternativas, sendo assim, o orientador precisará apresentar provas das edições anteriores aos alunos e, como são os pesos das mesmas.

Nesse sentido, as pontuações estão sempre em 04 (quatro alternativas), apresentando-se em 0,0; 1,0; 4,0 e 5,0. Ou seja, as alternativas têm pesos diferentes e, isso conta muito para a classificação. O ideal é que a equipe consiga escolher sempre a alternativa de maior pontuação.

TÓPICO 4

O TEMPO É IMPORTANTE.

O professor-orientador de cada equipe precisar sensibilizar seu aluno para a importância do tempo. Pois, Em cada etapa as equipes terão 6 dias (de segunda à sábado) para resolver a tarefa e o banco de questões. Nesse momento é importante ressaltar o trabalho em equipe e a participação de todos na construção das respostas.

Percebe-se que é sempre pertinente nomear um representante para que este fique com a função de verificar se todos estão cumprindo com suas responsabilidades ao longo da semana em cada fase e se no fechamento de cada etapa tudo foi enviado corretamente (essa função poderá acontecer através de um sistema rodízio entre os membros da equipe). Pois, a equipe que não enviar dentro do prazo (o banco de questões ou a tarefa) será automaticamente eliminada da competição.

TÓPICO 5

DE OLHO NAS QUESTÕES E QUE COMECEM OS TREINOS

É importante debater sobre a pesquisa e a história digitais. Já que é uma prática recorrente na ONHB e ajuda na busca historiográfica. A equipe jamais poderá abrir mão de utilizar os documentos disponibilizados pela própria ONHB. Porém, nada impedirá que outros textos sejam pesquisados.

A ONHB é uma ferramenta fantástica para o Saber Histórico e o Ensino de História, uma vez que, no percorrendo o espaço digital, através de *sites* e *links* possibilita analisar um vasto volume de fontes que servirão para as tomadas de decisões na hora de escolher a alternativa e eliminar outras.

Veja o exemplo a seguir, retirado da ONHB.

Elixir Dória

Propaganda

Sobre este documento

Título

Tipo de documento

Origem

Elixir Dória. O Cruzeiro,

Propaganda, déc. 1930:

<http://www.memoriaviva.com.br>

/ocruzeiro/

Créditos

O Cruzeiro



5 / Questão

Analise a imagem e escolha uma das alternativas:

Documento 05
Elixir Dória

Propaganda

- A) 1
B) 5
C) 4
D) 0

Alternativas

(A) É uma propaganda da primeira metade do século XX que anuncia um remédio para indigestão.

(B) O elixir é um preparado farmacêutico com misturas orgânicas muito utilizado na medicina popular.

(C) O desenho, utilizado em outras propagandas do mesmo produto, sugere que é possível comer um boi sem passar mal.

(D) É um meme criado a partir de uma propaganda antiga fazendo alusão à razão de João Dória e ao lema "Não Temer" em crítica a Michel Temer.

Perceba que toda a equipe precisará pesquisar para explorar ao máximo cada alternativa, para que em um acordo entre todos possam chegar a uma resposta final.

OUTRAS POSSIBILIDADES: *link* para o *kahoot*

No material apresentado em *power point* como produto, demonstro mais situações que são trabalhadas ao longo da olimpíada, com depoimentos de alunos participantes. Além de um *link*³¹ direcionando a equipe ao *kahoot* com perguntas sobre a ONHB.

³¹ Ao final de cada encontro o professor poderá realizar uma dinâmica para reforçar o que foi apresentado e debatido, como sugestão apresento o Kahoot, desenvolvido por mim para somar com a proposta da oficina, segue o link: <https://create.kahoot.it/details/5d64c2da-b164-457e-967b-c44bffb539fd>